THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book P54P6

POEMA DA MOCIDADE

SEGUIDO DO

ANJO DO LAR

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50 — RUA AUGUSTA — 52

1865

EX.mo SENHOR, AMIGO E MESTRE.

Julgarão talvez muitos sobeja audacia e demasiada vangloria da minha parte o inscrever o nome egregio de v. ex.ª no mesquinho frontão de templo humilde e pobre. Dirão que é de nescio invocar as lembranças do luminoso Olympo, onde campeiam os numes litterarios, á porta do tugurio modesto, em que inexperto pegureiro procura, balbuciando, iniciar-se na formosa arte, que a antiguidade pagã julgou tão nobre e sublime que não achou outro deus, sob cuja protecção a collocasse, que não fosse o Apollo d'aurea coma, o da eterna juventude, o proprio nume, cujo carro ovante, ao deslisar na campina azul, derramava sobre o mundo turbilhões de vida e torrentes de esplendor. Dirão talvez que só compete aos Cesares e aos Scipiões erguerem templos á Deusa Victoriosa, e que igual pretenção seria ridicula nos Posthumos, cujas cohortes passaram por baixo do jugo dos Samnitas, e nos Varos a quem Augusto pedia as suas legiões, que haviam ficado estendidas nos plainos da Germania.

Reconhecendo quanto é verdadeira a accusação, que talvez se me faça, apresso-me a dizer que todas essas razões deve pôr de parte quem tem, como eu tenho, de cumprir um dever de gratidão. V. ex.ª viu nascer o poema, que hoje colloco debaixo das azas da musa inspiradora do *Amor e melancholia*. V. ex.ª animou-me com os seus conselhos, e com os seus elogios, nimio benevolos bem sei; mas só quem tem contemplado com um indizivel terror a pagina, branca instantes antes, e n'esse momento ennegrecida pelas letras, onde se agitam e tumultuam as idéas, quem tem dirigido a si mesmo, no accesso de resfriamento que segue o calor da composição, a angustiosa pergunta: Haverá belleza n'essas estrophes? só esse póde comprehender e avaliar quanto é vivificante o almo calor do elogio, quanto é reanimador esse raio do sol, fervido de mais talvez, mas que o não podia ser menos tendo de fundir os gelos do desanimo que envolvem a mente do artista ou do poeta.

A v. ex.ª dedico pois este poema, concluido afinal, graças ás suas amigaveis instancias, e ao seu continuo incitamento. Transviado pelos aridos plainos do jornalismo, só por instantes podia vir descançar á sombra das frondosas palmeiras d'este oasis da poesia, oasis tão querido, cuja meiga visão me povôa sempre a mente, e me consola em todas as amarguras, de que é inevitavelmente cortada a vida social e positiva.

Já que toquei pois n'este ponto, já que eu, devoto

sincero da casta deusa, posso (tal m'o permitte a sua benevola amisade) conversar com v. ex.ª, um dos sacerdotes maximos, a respeito do culto, dê-me licença que lhe communique, em duas palavras, as idéas que tenho ácerca da poesia, e do papel que o poema, que dou a lume, intenta representar.

Intenta, disse bem, porque está muito longe de o conseguir. Esmagou-me o titulo escolhido: *Poema da Mocidade!* Quem o poderia escrever? Talvez v. ex.ª, o eterno cantor de vinte annos, o poeta, cujo outono, como admiravelmente disse o nosso Thomaz Ribeiro, é *uma primavera com fructos.* Talvez Victor Hugo, o colosso talhado para todas as emprezas gigantes... mas eu?

O meu poema intitula-se pois falsamente *Poema da Mocidade.* Se a etiqueta litteraria me deixasse passar um titulo tão extenso, denominal-o-hia «*Uma Estrophe do Poema da Mocidade*». Nada mais é effectivamente. É um dos relanços d'esse esplendido panorama, uma das flores d'esse mimoso jardim. Podia eu no quadro estreito d'esta composição agrupar todas as ferventes aspirações, todas as vivas crenças, toda a exuberancia de vida emfim, que aos vinte annos nos trasbordam do peito e formam o poema da juventude, poema que tem paginas epicas como as da *Iliada*, eroticas como as do livro dos sonetos de Petrarcha, poema como o da *Jerusalem* de que é qualquer de nós o Rinaldo e o Tancredo e o Godofredo, em que esplendem os voluptuosos

jardins d'Armida, em que transpira o nobre ardor dos combates que teem por fim a conquista d'uma nova e bemdita Sião, e em que de vez em quando apparecem os quadros bucolicos e ridentes da arcadica paizagem, em que viviam tranquillos os pastores a pouca distancia das horridas pelejas?

Não podia, confesso, e, reconhecendo isso mesmo, limitei-me a escrever um episodio d'essa variada epopéa. Descrevi o amor, o amor forte e grandioso, que se robustece com o desengano, que se espiritualisa com o soffrimento, o amor que não transige com a devassidão, e que pede á morte as suas azas para se refugiar no céu. Tal foi o meu intento; protestar por um lado, com o immediato arrependimento da heroina, contra a invasão do egoismo, e da ambição calculadora, mais propria de annos maduros, no campo das affeições enthusiasticas, que devem formar a grinalda das frontes de vinte annos; protestar por outro lado, com a nobreza do desalento do heroe, contra a loucura fatal que transforma em torpes libertinos aquelles a quem salteia um desespero atroz.

Bem sei que a escola utilitaria ha-de censurar asperamente estas effusões de lyrismo sem importancia social, estes queixumes d'uma Calypso masculina que tambem se não podia consolar da partida d'um Ulysses feminino; mas eu estou convencido que, se poetas como v. ex.ª e Victor Hugo podem ser os Tyrteus das modernas luctas incruentas e civilisadoras,

se o poeta não deve só, como o Chatterton de Vigny, contemplar as estrellas, sentado na prôa do navio social, em quanto os outros tripulantes andam na faina de desfraldar as vélas e de reger o leme, mas tambem póde indicar nos seus canticos sublimes a estrada que deve seguir a magestosa nave n'estes mares tempestuosos do progresso, creio tambem que os seus devaneios, ainda quando não interessem directamente a marcha da civilisação, não são de todo inuteis para a humanidade.

As emprezas guerreiras das idades heroicas tornavam os homens ferozes, as emprezas civilisadoras dos modernos tornam-n'os sêccos de coração. Os doces affectos, os juvenis enthusiasmos, os extasis perante as maravilhas da natureza parecem frivolidades aos que lidam na grande obra da regeneração humanitaria. O caracter analytico das modernas gerações, a curiosidade febril que as domina fazem-n'as olhar com despreso para este desleixo do espirito, que se chama scismar, em que o deixâmos librar-se nas azas matizadas da borboleta, que beija todas as flores, e que lhes não extráe o succo para compôr o mel, como faz a industriosa abelha. A poesia apodera-se d'essa região despresada, enleva-se com ella, enfeita-a de rosas, e procura obrigar o homem, pelo doce attractivo dos seus cantares melodiosos, a vir poisar n'esse terreno abençoado, e a escutar, em vez do concerto gigante da humanidade, o flébil gorgeio do intimo rouxinol.

Longe das cidades populosas, longe do confuso ruido da civilisação, permittam a esses pobres ascetas que se refugiem n'um verdejante ninho, que contemplem o céu azul recamado de estrellas, que saboreiem voluptuosamente as doçuras da soledade, que respirem o perfume das flores, e que escutem o murmurar das brisas. Venham de vez em quando visital-os, e verão como voltam para o seio das cidades com mais puros espiritos, com mais fervorosas crenças, com renovado ardor. Respirem estes ares da poesia devaneadora e affectuosa, como se respira o ambiente salutar do campo, e sentirão como que insinuar-se-lhe nas veias almo calor vivificante.

Outr'ora nas eras, em que dominava a espada, muitas vezes os selvagens chefes das hordas guerreiras iam visitar aos seus eremiterios os adeptos da doutrina da mansidão, e voltavam sempre com mais puros intuitos, com mais nobres sentimentos. Hoje que os sacerdotes tingiram de vermelho a tunica immaculada, e a soltaram ao vento férvido das refregas, incumbe aos adeptos da poesia procurarem os eremiterios, abandonados de ha muito pelos ascetas christãos, e embeberem-se na contemplação de Deus e no culto dos affectos santos e puros. Se os guerreiros da civilisação forem escutal-os, voltarão tambem comprehendendo melhor quantos thesouros se não escondem na alma do homem, e talvez lidem depois com mais ardor no trabalho santo de proporcionarem a todos os gosos puros da intel-

ligencia, e de desprenderem, quanto ser possa, o espirito universal dos torpes laços, com que a materia procura prender a humanidade ao rochedo do embrutecimento.

Entre estes ascetas da poesia, se todos têem o mesmo ardor, e o mesmo sentimento, ha alguns comtudo cuja doce voz attrahe irresistivelmente; outros, que, sentindo incender-se o coração na chamma do enthusiasmo, não podem communicar aos que os escutam a labareda que os abraza. Sou eu um d'estes ultimos; mas, se o meu culto não illustra a deusa sublime, é com certeza um dos mais ferventes que se lhe prestam.

Acato, venero, e admiro freneticamente os sacerdotes a quem todos os mysterios são revelados. A admiração enthusiastica, que um grande genio me inspira, bastaria para explicar a dedicatoria d'este poema, se, a par da admiração que consagro ao poeta, não viesse tambem impôr-me este dever a amisade e a gratidão que me ligam ao homem.

Desculpe v. ex.ª a mesquinhez da offerta, mas lembre-se que Jesus apreciou mais o obolo da viuva do que a pomposa esmola do phariseu.

Creia-me sempre

De v. ex.ª

Admirador, amigo e discipulo obrigadissimo

M. Pinheiro Chagas

Lisboa, 6 de junho de 1865.

INVOCAÇÃO Á MOCIDADE

Sonhos da mocidade! ardentes devaneios,
que me afagaes gentis, quando esmorece o sol!
frescas visões d'amor! suavissimos gorgeios,
que desprende em meu peito ignoto rouxinol!

vagas aspirações! poemas indisiveis,
que na fragrante balsa, e no rosal colhi!
vago e meigo scismar d'amores impossiveis
com virgens ideaes, phantasmas que entrevi!

sois o enlevo gentil, que a mente me extasia!
Oh! loira juventude! Oh! nume incantador!
Quero no teu altar, que hoje profana a orgia,
puro incenso queimar, sagrar-te um casto amor!

Hoje d'um meigo olhar fulgida luz divina
nem já desperta amor n'um joven coração!
Juvenis corações sómente os illumina,
com chammas infernaes, satanica ambição!

Oh! quem fôra cantor de lyra omnipotente
para estampar «infamia» em fronte juvenil,
que arranca desfolhada a c'rôa d'innocente,
e a arroja ao tremedal d'um egoismo vil!

Outr'ora, antes de entrar na solidão da vida,
vasto areal, que rouba ao triste as illusões,
tragando-as sem cessar, e o deixa, hastea partida,
sem flores, que uma a uma as colhem os tufões,

era oasis gentil a mocidade ardente!
Sentia-se girar o sangue com fervor!
Era a idade louçã; pura se erguia a frente,
desabrochavam n'alma os canticos d'amor!

Para um beijo colher em labios de donzella,
por trémulo apertar d'alva, pequena mão;
para que um vulto esquivo assome na janella,
e a noite encha de luz, radiante apparição,

fôra a vida arriscar joven apaixonado!
Oh! loucuras gentis! creio ainda escutar
no campo, ao longe, ao longe, o canto enamorado
de fresca serenata em noites de luar!

Hoje só prosa vil! Noites de primavera,
debalde vos perfuma o laranjal em flor!
Poetico scismar, sois uma vã chimera!
A nova geração sabe zombar do amor!

Eu, ao ver despontar ridente o sol da vida,
amo, canto, respiro as auras da manhã;
brisas da mocidade, aurea estação florida,
da existencia sem luz aurora tão louçã!

E creio com fervor, sinto na mente puro
o fogo da poesia audaz resplandecer!
Guardo no coração, como em sacrario obscuro,
o amor da natureza, o culto da mulher!

Vela no peito meu sempre o fogo sagrado,
musa do puro amor, ó candida vestal!
nunca o sopro do mundo atroz, impio, malvado,
te infame, te macule a fronte virginal!

A singela canção, que a fresca mocidade
me fez brotar da mente, acolhe-a tu, gentil
archanjo d'annos vinte, anjo da florea idade,
ó nume inspirador do canto juvenil!

Meus versos illumine a luz, que te rodeia!
Flores do teu regaço os venham perfumar!
No peito do cantor sagrada chamma ateia!
Bafeja-lhe as canções! Inflamma-lhe o cantar!

CANTO PRIMEIRO

IDYLLIO

Chama-se Arthur o heróe do meu poema!
Poema! diz um critico severo.
Desculpe, meu senhor, é meu systema
meus filhos baptisar como eu bem quero!
Assim, posto o principio, eu creio e espero
que não me ha-de negar este dilemma:

Ou não ha-de ao compendio fastidioso
de nomes chamar «critico bosquejo»,
dando a tolices nome tão pomposo,
ou deixa baptisar, como eu desejo,
versos, que eu fiz no dia mais chuvoso
que tem vindo este inverno ao patrio Tejo!

Do nome do heróe não me diz nada?
Achei em nome tal mesmo um thesoiro!
Qual é a donzellinha apaixonada,
que não sonha um Arthur pallido e loiro,
soltando á mansa brisa perfumada
amorosas canções na lyra d'oiro!

A mente da poetica leitora
já do heroe esboçou risonha imagem!
A acção d'este poema incantadora!
A heroina, da mais nobre linhagem,
altiva castellã, que se enamora
d'Arthur, o mais formoso e gentil pagem!

Vêde a escada de seda fluctuante!
Para colher mil beijos seductores,
intrepido lá galga o esbelto amante!
Da nupcia os rouxinoes são os cantores,
e a lua, com seu cinto radiante,
a branca fada, que protege amores!

Que doces emoções, que sobresalto
não colhêra a leitora, (oh! tenho medo
de o dizer) a verdade, a que eu não falto,
me obriga a confessar, mas em segredo,
que se passa do meu poema o enredo
n'esta era fatal do chapéu alto.

Para um amor ardente e apaixonado
não ha era nem trage mais fatal!
Vejam como é prosaico um namorado
de casaca e chapéu! e o virginal
pudor á protecção está confiado
da patrulha e do gaz municipal!

Era mais semsabor, fastidiosa,
o mundo nunca viu, nem ha-de ver!
Deixemos digressões; sei que anciosa
deve estar a leitora por saber,
como eu serei capaz de descrever
um Arthur n'uma epoca de prosa!

Na fronte rasgada, sem nuvens, fulgente,
derrama o talento torrentes de luz;
que a fronte inspirada d'um genio eminente
tem mystico brilho, que a todos seduz!

O negro cabello, que ondeia ao de leve,
um rosto moldura de nobres feições!
Os olhos são negros, e a boca tão breve,
sorrindo suave, tem mil seducções!

Se o fogo sagrado lhe fulge na mente,
lampejos divinos fulguram no olhar;
no pallido rosto reflecte-se ardente
paixão ou delirio, que o possa inspirar!

Donzella, que o veja passar, sopeando
com mão feminina fogoso corcel,
sorrindo-se o fita, murmura córando:
«Que esbelto mancebo!»... e a linda infiel,

ouvindo ao seu noivo requebros, finezas,
suspira pensando no moço gentil.
Caprichos de damas! Têm taes subtilezas,
que nem os percebe sophista subtil.

Tal era Arthur. Aos vinte annos,
na senda agreste da vida
entrára, cabeça erguida,
franco, aberto o coração!
e nunca pelos espinhos,
que achou á beira da estrada,
deixou, pendida, rasgada,
alguma santa illusão.

Julgava a mulher um anjo,
reflexo da divindade,
mas n'ella viu falsidade,
pela virtude... desdem;
viu triumphante a devassa...
ía a renegar o culto;
nos labios morreu o insulto,
ao lembrar-se de sua mãi.

Lembrou-se do anjo, que vira
dar a seu pai a ventura;
como ella, tão meiga e pura,
quiz outro anjo encontrar;
cada mulher, que fitava,
d'incantos mil revestia...
e o idolo, que hontem erguia,
hoje caía do altar!

Um dia... quem me explicára
essa voz mysteriosa,
meiga, fatal, poderosa,
que nos arrasta ao amor,
e que nos diz: «N'esses olhos
vês a chamma da innocencia?
A luz da tua existencia
é seu vivido esplendor.

«Has-de seguil-o arrastado
por um poder invencivel;
essa attracção indisivel
sempre te ha-de fascinar.
Vês a teus pés um abysmo?
Segues a luz fementida,
e honra, crenças, e vida
vais n'esse abysmo lançar.»

Vagueava Arthur no campo,
sósinho e triste, scismando;
no occaso a luz afrouxando,
ía sumindo-se o sol.
Vago o rumor da cidade
só ao longe se escutava;
na balsa preludiava
com doçura o rouxinol.

De repente a uma janella,
d'uma vivenda elegante,
lindo perfil radiante
d'uma donzella assomou.
Bateu de chapa no rosto
um raio do sol poente;
meigo sorriso innocente
nos labios lhe doidejou.

Seu olhar, meigo, expressivo,
só candura reflectia;
era o archanjo da poesia,
era a estatua do pudor:
lindos cabellos castanhos
o rosto lhe emmolduravam,
onde os raios scintillavam
do moribundo esplendor.

Encostou a mão no rosto,
e ficou-se pensativa;
dissereis a casta diva,
que o paganismo ideou,
assomando pura e meiga
no seu carro d'alvo argento,
quando inda no firmamento
o sol um rasto deixou.

Fitou-a Arthur enlevado!
Sua ardente phantasia
já ornava de poesia
a seductora visão;
fitou-a, e disse: «Esta imagem
era a imagem que eu sonhava,
que em sonhos esvoaçava
a affagar-me o coração.»

Desde então o falso brilho
do praser febricitante
foi offuscal-o, radiante,
da nova estrella o fulgor.
Que importa o mundo, se, á sombra
do ninho envolto em delicias,
se occultam meigas caricias
ventura, incantos e amor?

Que linda noite de junho,
fresca, risonha, sem véu!
A lua, pallido lyrio
do vasto jardim do céu,
derrama o clarão argenteo
na verdura, no arvoredo,
e vai reflectir-se a medo
no rio, que entre a ramagem
lá se espreguiça no val;
da lua a candida imagem
ora semelha uma nympha,
que nos sorri d'entre a lympha,
e que a capricho vacilla
no seu movente crystal,
ora nas aguas scintilla,
e as gotinhas radiantes,
que vão manso a deslisar,
muda em sylphos doidejantes
que faz travessos dançar.

Serena e tepida a aragem
vem doidejar na campina;
a voz etherea, divina,
do mavioso cantor,
que os segredos namorados
conta á rosa purpurina,
sôa ao longe na devesa,
cheia de frescura e amor,
traducção inebriante
do hymno, que a naturesa
manda ao throno do Senhor!

Ha n'estas noites d'estio,
ridentes, voluptuosas,
em que o seio nú das rosas
pede frementes caricias
á brisa doida e fugaz,
não sei que fatal mysterio,
que faz sonhar mil delicias
d'um amor apaixonado
a quem cede, fascinado,
áquelle incanto fallaz!

N'esse ambiente embalsamado
ha não sei que tentação!
o sangue gira apressado!
pulsa ardente o coração!

Casta donzella innocente,
sentindo o seio fremente
com ignota agitação,
nega, suspira... e consente;
em louco, fatal delirio,
curva-se o pallido lyrio
ao vendaval da paixão.

Ai! noites d'intenso ardor
o vosso incanto é traidor!
. . . . . .
. . . . . .
Corria a noite serena!
pallido e meigo o luar!
e a brisa, dizendo amores,
nas folhas a doidejar!

Que fina, esbelta cintura!
Que face nivea e rosada!
que languidez, que doçura
n'um olhar fascinador,
cuja luz serena e pura
promette, affrouxando o ardor,
a quem fitar com ternura,
um inferno de loucura,
um paraizo d'amor!

Junto ao rio, que deslisa
banhando o pé dos salgueiros,
cujos ramos vem a brisa
sobre o rio debruçar,
que lhes vai contando amores
no seu contínuo palrar,
vagueia, colhendo flores,
a pura a ingenua donzella,
cuja candida influencia,
do meu heroe na existencia,
casta flor d'etherea essencia
fizera desabrochar!

Arthur, a um tronco encostado,
fronte pendida na mão,
mirando, como enlevado,
a seductora visão,
na mente phantasiava
ligeira, candida fada,
que travêssa volteiava
a sabor da viração;
e quasi tremia, ao vêl-a
tão airosa e tão subtil,
que ao romper da madrugada,
desfeito o incanto gentil,
se esvaecesse, deixando,
da apparição em signal,
o tenue fio doirado,

cinto aéreo e infeitiçado,
solto á brisa matinal!

Vêde-a! lá vai a fada graciosa
poisar junto d'Arthur; as longas tranças
fluctuam sobre o collo assetinado;
na mão d'Arthur lá poisa a mão nevada,
inclina para elle o rosto lindo,
e murmura mansinho estas palavras:
(tão manso que disséreis harpa éolia,
quando, ao roçal-a, a viração da tarde
lhe beija as cordas, e desperta a medo
na fibra harmoniosa um som plangente)

—«Tristezas! Sente a saudade
d'antigo, olvidado amor?
loucuras da mocidade?
ou sonhos de trovador?

—Meigo sonho de ventura,
se é sempre, sempre infiel,
não dá praser, dá tortura

—E lindo o sonho?
—É cruel!

—Fugaz devaneio de mente exaltada
é flor, que a inconstancia faz logo murchar.

—Não póde a florinha, no peito arraigada,
a brisa inconstante do peito arrancar!

—Promessas mentidas
—Ardente protesto

—Amor de poeta!
—Que inflamma a paixão.

—Extingue-se, e fica remorso funesto.

—Oh! nunca se apaga fulgente visão!

Soltando o protesto ousado,
na mãosinha encantadora
da gentil fascinadora
Arthur, louco, extasiado,
poisa os labios com fervor!

Ao tocar de mão profana
se retráe a sensitiva!
Tal foge a donzella esquiva!
Porém dos olhos emana
meigo, languido fulgor!

A boca balbuciante
um severo «não» murmura;
mas córa a donzella pura,
e no olhar deslumbrante
brilham promessas d'amor.
. . . . . .
. . . . . .

E a noite sempre serena,
pallido e meigo o luar!
e a brisa, dizendo amores,
nas folhas a doidejar!

D'entre a balseira virente
o rouxinol namorado
mais puro canto soltou;
e a rosa, na hastea tremente,
do calice embalsamado
mais doce aroma exhalou!

Sons d'uma flauta em distancia
quebram da noite a mudez;
não sei que vaga fragrancia
de suave languidez
têm essas notas aladas,
aéreas, infeitiçadas,
a voltear embaladas
nas azas da viração!
Era uma valsa... tão triste!
Que profundo sentimento
n'essa ardente melodia,
que encanta, endoida, inebría,
e espalha immensa alegria
á noite em aureo salão!
nas salas folga, delira,
e agora geme, suspira,
e um vago presentimento
desperta no coração!
Ó mysterio da harmonia,
celeste irmã da poesia,
que inspira melancholia
na mais alegre canção!

Ao som da valsa... tão triste!
Arthur dos labios frementes
singelas trovas ardentes
soltou, suspirando amor!
A musa da melodia

do poeta a mente inflamma,
e fulge inspirada chamma
no olhar do trovador.

Gentil florinha, que sorris fagueira
junto á balseira, que te viu nascer,
porque despresas meu amor ardente?
Quer a innocente sem amor viver!

Ai! sem amores de que vale a vida?
Só, escondida, sem ventura dar,
não quer a esquiva que ninguem a colha,
e, folha a folha, quer pender, murchar!

A flor, que viça no rochedo agreste,
a flor celeste, de modesta côr,
rôxa violeta nos traduz, resume,
no seu perfume, delirante amor!

E quando a aragem, baloiçando o arbusto,
lhe diz com susto, a murmurar subtil:
«Amo-te linda» a timidez esconde;
«Amo» responde aquella flor gentil!

Só tu, formosa, mas cruel florinha,
queres sósinha definhar, morrer;
e, em vez d'esp'rança, meu gentil encanto,
dás-me só pranto d'infernal soffrer!

Sina fatal lançou-te aos pés, violeta,
doido poeta, todo crença e amor;
e em vez de aroma só lhe dás espinhos,
sonhou carinhos, encontrou rigor!

Gentil violeta, que sorris fagueira,
junto á balseira, que te viu nascer,
oh! não despreses seu amor ardente!
Deixa-o sómente de te amar viver.

Calou-se, e fitou tremendo
a sua musa graciosa;
a mais purpurina rosa
não tem mais vivo rubor.
Tremera a branca mãosinha,
nas mãos d'Arthur apertada...
Ficára immovel, calada...
falla por ella o pudor!

Ergueu os olhos radiantes,
onde a luz d'amor fulgura;
com meigo olhar de ternura
fitou Arthur... e sorriu!
Depois... hesita um instante,
e, nos labios do poeta,
ligeira qual borboleta,
seus labios poisa... e fugiu!

Primeiro beijo, perfumado, ardente,
primeira estrophe da gentil canção,
que, em doidas horas de praser fervente,
á flor dos labios vem dizer «paixão»!

Tenue murmurio a suspirar caricias!
Aéreo sopro respirando ardor!
meigo prefacio d'essas mil delicias
do gosto ethereo d'um primeiro amor!

Beijar a furto uma boquinha airosa,
fugir, ceder á tentação fatal,
bem como a abelha, a volteiar medrosa
por entre as rosas do gentil rosal,

que poisa, e suga a perfumada essencia
da flor tremente d'um gosar sem fim;
roubar assim, d'almo praser na ardencia,
a puros labios virginal carmim!

E sonho louco de ventura e enleio!
É ver nas trévas o esplendor do céu!
Da casta virgem pudibundo seio
palpita, rasga da innocencia o véu!

Os labios tremem da gentil donzella,
refogem, voltam de delirio a arfar!
Oh! n'essas horas amorosa estrella
inunda a vida de fulgor sem par!

Depois extingue-se a visão brilhante;
voltam as trévas, quando morre a luz,
finda o romance da existencia amante
da fria campa em solitaria cruz!

....
....

E a noite sempre serena!
pallido e meigo o luar!
e a brisa, dizendo amores,
nas folhas a doidejar!

Eu estou vendo d'aqui a fronte austera,
d'um austero censor, franzir-se irada;
e oiço-o já bradar com voz severa:
«A geração actual está depravada.»
E talvez (se honra tal eu merecera)
mande os versos queimar pela criada!

Etherea emanação da Divindade!
Sonho encantado d'um primeiro amor!
Timida flor, que o sol da mocidade
inunda com seu placido fulgor!
Minha ingenua visão, dize quem ha-de
manchar-te as vestes de brilhante alvor?

Quem se não curva ao poderoso imperio
d'um meigo olhar, fulgente, enamorado?
O amor então é divinal mysterio,
é puro incenso, ardendo resguardado
no coração, thuribulo sagrado,
urna singela d'um perfume ethereo!

Um beijo ardente, que traduz ternura,
é santo, é puro, porque é santo o ardor;
em torno á virgem, n'um primeiro amor,
respira-se um ambiente de candura,
onde paira sorrindo a imagem pura
do meigo archanjo do infantil pudor!

A impureza é na orgia, é no devasso
que escarnece do amor e da virtude,
que nos préga moral no tom mais rude,
e entra no lupanar, trémulo o passo,
a prostituir, em repugnante abraço,
a casta flor da etherea juventude!

Vergonha sobre o ímpio, que despresa
mimosas affeições do coração,
gentil grinalda d'infantil simplesa,
de puras flores virginal festão,
e vai, cingindo a c'rôa da impuresa,
sentar-se no festim da corrupção.

Vergonha sobre o hypocrita, o descrente,
Tartufo, que se envolve em castos véus
ao nome de paixão, louca, fremente!
O amor é santo, porque vem de Deus,
e um beijo louco, apaixonado, ardente,
faz sorrir de praser anjos nos céus!

CANTO SEGUNDO

TENTAÇÃO!

A mulher... arduo problema!
Quem me podéra explicar
o volteiar incessante
d'essa doida borboleta,
que nunca póde poisar!
É um ente incomprehensivel!
Foi um capricho divino
quem o formou, inconstante
como a onda, que ora affaga
a areia d'oiro da plaga,
ora, raivosa, espumante,
d'encontro ás rochas esmaga
o navio palpitante
dos beijos d'amor, que ha pouco
lascivo lhe déra o mar!

A mulher é como a rosa,
que se debruça vaidosa
a mirar-se no cristal
do regato, cuja lympha
deslisa serena e pura,
embalando a flor mimosa
que adormece preguiçosa
ao som do brando murmurio,
e vai dar viço e frescura
ás rosas do roseiral!

E, á noite, no céu a lua,
astro de amor e saudade,
desponta púdica e nua,
pela azul immensidade
espraiando a branca luz,
que cinge, como uma auréola,
a cabecinha inspirada
do rouxinol, trovador,
que á rosinha, que o seduz,
com a voz enamorada,
improvisa um doce cantico
de graças e ardente amor!
Que assombros de melodía!
que gorgeiar, que trinado!
mas esse canto inspirado
nem sequer enleva a rosa,
que a brisa vem bafejar!

Um diadema de pérolas
cinge a corolla engraçada;
a linda flor, orvalhada,
mais linda parece estar!
E nem o escuta, vaidosa
do regato no cristal
quer só rever-se, mirar-se,
depois n'haste baloiçar-se
com languidez descuidosa,
como sultana valída,
quando está toda embebida
no *far-niente* oriental!

Mas surge o dia, campeia
no céu esplendido o sol,
nos peitos a vida ateia
abrasa na mente a idéa...
mas cala-se o rouxinol!
De tanta luz assustada,
a avesinha inspirada,
á vermelha, linda flor,
treme de fallar de amores,
vendo-a rainha entre as flores,
quando tudo é movimento,
quando tudo é vida, alento,
quando tudo é esplendor!
Vem a abelha industriosa
namorar a linda rosa,

e ella, a doidinha, enlevada,
abre o seio descuidada
ao insecto zumbidor,
que lhe rouba, entre caricias,
essa perfumada essencia,
que só lhe dava existencia,
formosura, gala, e côr!

Ridentes rosas do mundo,
virgens de candido olhar,
debalde o pobre poeta
vos ergue n'alma um altar,
e vos offerta, enlevado
o seu canto enamorado,
as perlas do seu trovar!

Vem as riquezas do mundo,
vem a fatal tentação,
e, flores de casta essencia,
trocais o véu da innocencia
pelo manto da opulencia,
pelo brilho... e a escravidão!

O prazer dura momentos,
morre; fica o tedio e a dor;
e a pobre flor desfolhada,

murcha, pendida, crestada,
vê-se no mundo isolada,
sem galas... e sem amor!

Quem podera dizer o grato enlevo
dos dias, que se passam descuidosos
em doce languidez!
Quem não sabe de cór esse poema
de indisivel ardor, que todos lemos
na vida uma só vez!

Poema, cujas paginas doiradas
são rasgadas sem dó por mão do tempo,
voraz, destruidor;
mas deixa, murcha flor que o aroma exhala,
meiga recordação, vago perfume
de mocidade e amor!

E depois, quando, á beira do sepulchro,
um reflexo da aurora da existencia
nos doira o anoitecer;
sois vós, horas suaves de delicias,
que despertais no olhar amortecido
a chamma do prazer!

Ai! esses longos passeios
nas lindas tardes do estio,
os saudosos devaneios,
o dulcissimo scismar,
e a casta melancholia,
que, ás horas do fim do dia,
vinha o seu véu de poesia
na fronte d'Emma poisar,
isso não conta o poeta!
não quero a musa indiscreta.

São as paginas sagradas
do livro do coração;
são os mysterios sublimes
d'uma primeira paixão!
Têm as flores da existencia
aroma de fina essencia,
que, perfumando o sacrario
da ridente juventude,
se esvae ao contacto rude
da mais leve indiscrição.

Ah! não sabe o leitor que agro tormento
soffre um auctor, que deseja ter systema!
Com maré de feição, prospero vento,
navegava o baixel do meu poema,
e tenho de explicar, n'este momento,
que a heroina gentil se chama Emma;

que era filha d'uma Ingleza impertigada
como um embaixador, a qual outr'ora
por laços conjugaes fôra ligada
a um velho general, que, n'essa hora,
poz a perna de páu, o amor, e a espada
aos pés da insulana encantadora.

A Ingleza gentil, fria, e severa,
sentira amollecer as duras fibras
do coração, que nunca se rendera
aos tiros, que tu só, meigo amor, vibras,
apenas o guerreiro offerecera,
com enrugada mão, doiradas libras.

Foi calculo infeliz; o caro esposo,
desejando por sordida ambição
augmentar o peculio volumoso,
perdeu tudo, e a filha d'Albião
só herdou do marido desditoso
Emma, a farda, e um barrete d'algodão.

Mas, na filha gentil, na casta Emma,
tinha um thesouro de valor sem par.
Era uma fada; na belleza extrema
possuia o condão de subjugar.
Rainha, tinha o sceptro e o diadema
na fronte altiva, no fulgente olhar.

Que pureza de oval no rosto bello!
Que elegante, flexivel estatura!
Que doirados reflexos no cabello,
d'esse rosto gentil gentil moldura!
Deus, sublime pintor, poz com desvelo
na linda boca o ideal da formosura.

Os labios, como a rosa, nacarados!
Na tez mimosa deslumbrante alvor!
Das pestanas nos véus assetinados
os lindos olhos, affrouxando o ardor,
por doce languidez semi-cerrados,
escondiam a luz, que accende o amor.

Eram verdes, d'um verde indefinido,
que nos fáz presentir vago mysterio!
Oh! quem se não curvára embevecido
vendo-os brilhar com magestoso imperio!
quem não sonhára, da paixão vencido,
no seu meigo fulgor um goso ethereo!

Mas o suavissimo encanto
d'esse olhar fascinador
lançava no inferno um santo,
no desespero um pintor!

Na alegria descuidosa,
dos extasis namorados,
viviam os dois amantes
loucos, cégos, confiados
na protecção da fortuna,
d'essa fada caprichosa,
que tem por fatal condão
a existencia venturosa
rasgar com traidora mão.

Um dia... chega uma carta!
D'Arthur o pai extremoso
prostrára-o fatal doença
no leito do soffrimento!
elle, o filho carinhoso,
não hesita um só momento;
n'esse trance doloroso
vôa aos braços paternaes;
troca o thalamo d'esposo
pelo funebre ataude,
e as rosas da juventude
pelos goivos funeraes!

Oh! que doces juramentos,
que beijos d'immenso ardor
trocaram os dois amantes!
D'esses tão crueis momentos
a dolorosa amargura
veiu adoçal-a a ternura
do seu reciproco amor!

Mas depois, quando Arthur se viu sosinho
n'esse quarto, onde outr'ora em meigos sonhos
a noite lhe corria, em quanto a imagem
d'Emma lhe vinha esvoaçar na fronte,
e acordar-lhe na mente os doces extasis
da primeira paixão; quando, bem triste,
se foi sentar á mesa, onde escrevêra
tantos versos de amor; oh! n'esse instante
sentiu a dôr immensa, atroz, pungente;
viu-se perdido e só no mar da vida
sem farol protector, sem meiga estrella,
que illuminasse as trévas do infortunio!
A solidão do quarto, que povoára
de ridentes phantasmas, transformou-se
em deserto medonho, onde só via
o rosto de seu pai sem côr, sem vida,
e junto d'elle a imagem tão formosa
do anjo que adorava; allucinado

quiz abraçar o que era vão phantasma.
Fugiu-lhe, quiz chamal-a, em vão fugia
sempre, sempre a visão phantasiada!
Veiu então um atroz presentimento
rasgar-lhe o intimo peito; elle, vencido
d'essa illusão fatal, pegou na penna
e escreveu com mão trémula esta carta:

«Vou partir; levo a tristeza
no meu peito attribulado,
e ficas, anjo adorado,
sem talvez em mim pensar!
Vou sentir, quem sabe? agora,
a dôr atroz da orphandade;
e ha-de o espinho da saudade
essa dôr exacerbar!

Quando o archanjo do exterminio
roçar, c'o a asa sombria,
esse peito, onde eu sentia
todo o immenso amor dos pais,
hei-de vêr tua branca imagem
fazendo, junto do morto,
brotar a luz do conforto
d'entre os cyrios funeraes.

Oh! dize-me, has-de lembrar-te
da hora da despedida?
quando, junto á cruz da ermida,
poisaste, branca visão,
em quanto o sol, já no occaso,
c'o a frouxa luz, accendia
nos teus olhos a poesia,
nos teus labios a oração!

E me disseste:—No mundo
nem sempre brilha a ventura;
vês! lá vem nuvem escura
a luz do amor eclypsar;
porém, da noite da ausencia,
surgindo mais seductora,
como luz de nova aurora,
ha-de vivida raiar!

A flor da nossa existencia
vai orvalhal-a o teu pranto;
vais um affecto sacrosanto
na fria campa esconder;
mas no meu peito germina,
como planta abençoada,
a paixão predestinada
para inflorar-te o viver.

Has-de encontrar nos meus olhos
a estrella da mocidade,
e quero a rôxa saudade
mudar em rosa d'amor.
Ai! o teu pallido rosto...
vem no meu peito abrigal-o,
teu pranto... quero enxugal-o
de meus labios com o ardor.—

Emma, o protesto sagrado
gravei-o em letras de fogo;
mas, quem sabe? talvez logo
teu coração o esqueceu;
Oh! não me traias, não sabes
quanto dóe o scepticismo!
cair no profundo abysmo,
depois de entrevêr o céu...!

Parto, e deixo-te sósinha
minha pomba estremecida;
entro no Oceano da vida,
deixo o fulgido fanal;
oh! mas guarda-me em teu peito,
como em recinto sagrado,
teu amor immaculado,
teu affecto virginal.»

Foi um viver de saudades
o viver d'Emma formosa!
e, quer o sol despontasse,
inundando o val e o monte
com sua luz magestosa,
quer, ao morrer no horisonte,
affagasse a casta rosa
c'o derradeiro fulgor,
sempre nos olhos lhe via
immensa melancholia,
sentidos prantos d'amor.

Um dia o olhar desdenhoso
cruzou-se, vago, e ligeiro,
com o olhar d'um cavalleiro,
que passava, tão airoso
no seu cavallo alazão,
que Emma fitou-o um instante...
com leve olhar distrahido,
olhar de quem já rendido
tem a outro o coração!

Parou fronteiro á donzella,
e fitou, nos olhos d'ella,

seus olhos da côr do céu!
Oh! que olhar tão supplicante
n'um tão formoso semblante!
Emma olhou-o desdenhosa,
ergueu-se, e desapareceu!

Outra vez... era ao sol posto;
Emma, sósinha a scismar,
viu, fito em seu lindo rosto,
o mesmo fulgente olhar;
e sempre, sempre encontrava
esse olhar, que a contemplava,
brilhando com meiga luz;
e elle, o gentil cavalleiro,
com que garbo meneava
o seu corcel andaluz!
c'o as esporas o incitava,
e com tal graça o domava,
fremente de raiva e ardor,
que Emma ás vezes, escondida,
vinha vêr, rindo, as loucuras
do despresado amador.

«É conde, rico, e elegante,
dizia-lhe a mãi ao ouvido;
vê lá que extremoso amante!
vê lá que gentil marido!»

Emma sorria e calava...
Que importam riquezas vãs
a quem sonha, no futuro,
o enlaçar casto e puro
de duas almas irmãs?
Que importam c'rôas da terra,
d'ouro e de joias ornadas,
sempre, sempre cubiçadas
por mesquinhas ambições,
junto da c'rôa d'estrellas,
que cinge a esplendida fronte
dos poetas inspirados,
d'esses reis dos corações?

Um dia o conde apeou-se
á porta da habitação,
subiu; larga conferencia
teve c'o a mãi da donzella,
que, ao findar a entrevista,
conduzindo Emma á janella,
disse, mostrando-lhe, ao longe,
do conde o vulto elegante:
—É nobre, rico, e galante,
veiu pedir-me a tua mão!

—Eu só dou a mão d'esposa,
a quem dér o coração.

Não se fallou mais em tal;
mas não passou um só dia
desde esse instante fatal,
sem a Ingleza severa
dizer n'um tom d'ironia:
—«O amor é uma chymera;
nasce e morre n'um momento,
flor, cujo aéreo perfume
se esváe nas azas do vento!
Os homens... não sabes, Emma,
o que esses perversos são!

suas fallas namoradas,
seus protestos de ternura
são flores de pouca dura,
onde o aspide se esconde,
onde se abriga a traição!
Inda as tochas do noivado
fulgem vividas no altar,
já nos homens a indiff'rença
vem, com o sopro gelado,
a luz do amor apagar.
Quando a flor da laranjeira,
da grinalda nupcial,
perde o aroma inebriante,
lá vai tambem o perfume
d'aquella fé verdadeira,
d'aquelle amor tão constante,

que outr'ora nos promettia
aureo porvir divinal!
Todo esse amor é fingido;
findou a etherea poesia,
que nos enlevou no amante,
e só nos fica um marido,
frio, prosaico, e brutal!

«Choras louquinha? que importa?
Se a grinalda só tem flores,
se o homem só traz carinhos,
ficam sómente os espinhos
quando morrem os amores!
Mas grinaldas de diamantes
têm sempre o mesmo fulgor,
e os prazeres da riqueza
consolam de muita dôr.
Ser adorada, invejada,
ser rainha dos salões,
e passar c'o a fronte altiva
atravez das multidões!
sempre festas! sempre galas!
ter nas esplendidas salas
oiro, pérolas, crystaes,
ser das riquezas a fada,
e, c'o a varinha encantada,
fazer brotar maravilhas,
que igualem os mil prestigios

dos contos orientaes!
isto sim! isto é viver,
é ter gloria, é ter prazer!—»

Taes os perfidos conselhos
d'essa fria calculista!
era um demonio egoista
a roubar um anjo ao céu!
Emma ouviu a tentadora;
e, um momento deslumbrada,
hesitou... mas, fascinada,
a casta virgem cedeu!

Cedeu! que ha-de fazer a borboleta,
se a fascina, se a attrahe perfida chamma?
que ha-de fazer, se ella esvoaça inquieta
em torno á luz fatal, que a tenta, e inflamma?

Que ha-de fazer a rola innocentinha,
que ao abrigo viveu das seducções,
se, á luz d'um sonho, a mente lhe adivinha
a encantada miragem dos salões?

Que ha-de fazer a solitaria rosa,
que na deveza o seu perfume exhala,
se a tentação lhe diz: vem, ó formosa,
ser rainha, onde ha luz, prazer e gala!

Bem como o passarinho fascinado,
que as azas bate, mas succumbe alfim,
dos prazeres no vortice doirado,
anginho puro, despenhou-se assim.

Mirou no espelho a imagem seductora,
da tez formosa a radiante alvura,
vermelhos labios, ante os quaes descora
d'inveja a rosa mais vermelha e pura.

Disse-lhe a tentação: Como os diamantes
fariam realçar do collo o alvor!
e os seus jorros de luz tão deslumbrantes...
desmaia-os de teus olhos o fulgor.

Teus olhos! que triumphos, que magia
não possue esse olhar tão feiticeiro!
Do teu olhar a meiga tyrannia
prostraria a teus pés o mundo inteiro!

Tua esbelta figura ergue-se altiva!
O teu porte revela a imperatriz!
És formosa, se ficas pensativa,
deslumbrante, se meiga te sorris!

E has-de finar-te, humilde violeta,
ó flor altiva, tão formosa e obscura?
Trocarás, por amores d'um poeta,
o mundo, a vida, o sol da formosura?

Bem como o passarinho fascinado,
que as azas bate, mas succnmbe alfim,
dos prazeres no vortice doirado,
anginho puro, despenhou-se assim!

. . . . . .
. . . . . .

Era uma tarde d'outono,
triste, sombria, gelada!
denso véu de nuvens negras
envolvia, no horisonte,
a fronte altiva do sol!
despidos os arvoredos
já não ouviam segredos

do amoroso rouxinol;
e as ramas nuas, pendidas,
vendo as folhas desprendidas,
a volteiarem no pó,
deixavam-se ir, impellidas
a sabor da fria aragem,
que suspirava plangente
na deveza... triste e só!

Assim se vão as esp'ranças!
assim vão as affeições!
E o homem, no fim da vida,
é como a rama impellida
pelo sopro dos tufões!

E as folhas seccas caíam
com leve bulha no chão!
era o hymno da saudade!
era a voz da solidão!

N'essa tarde, Arthur sósinho
subia a cavallo a encosta,
onde alvejava a fachada
d'essa vivenda encantada,
que outr'ora, em tardes fagueiras,
quando elle, alegre e radiante,

vinha c'o a mente embebida
em castos sonhos d'amores,
lhe apparecia alvejante
entre arvores e flores,
ornada de trepadeiras,
bem como candida fada,
de verde manto vestida,
brandamente recostada
á sombra das larangeiras.

Mas o outono devastara
as moitas embalsamadas,
e o sombrio laranjal!
Gélida a brisa arrancara
as folhas amarelladas!
o campo está sem verdura!
sem cantores a espessura!
sem perfumes o rosal!

E as folhas seccas caíam
com leve bulha no chão!
era o hymno da saudade!
era a voz da solidão!

O rouxinol, que poisava
sobre o florido lilaz,

e que d'alli exaltava
á rosa, que idolatrava,
doçuras do amor e paz,
fugira tambem... silencio
é tudo em roda; o poeta
sentiu na mente inquieta
um vago presentimento;
via em tudo que o cercava
só signaes d'isolamento.

Em casa tudo fechado!
portas, janellas cerradas!
nem dos pombos no telhado
se ouvia o meigo arrulhar;
pelos muros arruinados
do jardim, via-se a relva,
nas alamedas desertas,
tristemente vegetar!
Canteiros abandonados!
e, nas paredes musgosas,
uns indicios de tristeza,
de tristeza e solidão...
que ás vezes as pedras mudas
parecem ter coração!

Bateu á porta; a pancada
resoou lenta, pausada,

e vibrou, repercutida
pelos echos do jardim,
e respondeu-lhe sómente
o grito longo e plangente
d'uma cegonha poisada
n'uma varanda, cercada
de madresilva e jasmim.

E tudo caíu de novo
n'um silencio sepulchral;
sómente a brisa gemia
no desflorido rosal;

e as folhas seccas caíam,
com leve bulha no chão!
era o hymno da saudade!
era a voz da solidão!

Bateu de novo... silencio!
mas, d'uma casa fronteira,
mão curiosa e grosseira
veiu o postigo entre-abrir,
e d'um antigo caseiro,
velho amigo do poeta,
a rude voz fez-se ouvir.

«Senhor Arthur é inutil!
disse com certa tristeza;
«mudou-se a gente da casa
«ahi não mora ninguem!
«Bem sei que é triste a surpreza!
«Já tem demudado o rosto!
«então... é mais um desgosto...
«desgostos... quem os não tem?

«Emma, a formosa menina,
«que amava com tanto ardor,
«casou-se... agora é condessa,
«preferiu riqueza a amor.

«Console-se! é lei do mundo!
«Agora, resignação!

Arthur tremêra e caíra,
desamparado no chão.

Recobrou-se do desmaio,
em casa do pobre velho,
e, sem escutar conselho,
sem a ninguem attender,
saíu pallido e convulso.
Curvai-vos, vós os felizes,

ante esse martyr que passa!
vêde a imagem da desgraça!
vêde a estatua do soffrer!

Leva na fronte o vestigio
do raio, que o fulminou!
nos olhos nem brilha o pranto,
que o soffrimento o seccou.
São felizes os que choram!
no pranto ha sempre doçura!
só quem não conhece as lagrimas
conhece a atroz desventura.

Foi sentar-se ao pé do rio,
junto d'aquelle salgueiro,
que outr'ora escutara as juras,
do anjo que elle adorou.
Lembrou passadas loucuras,
encostou a mão na fronte,
e, com os olhos no horisonte,
em voz baixa murmurou:

«Gentil florinha, que sorris fagueira,
«junto á balseira que te viu nascer,
«porque desprezas meu amor ardente?
«Quer a innocente sem amor viver!

Sumia-se o sol no occasó,
e, com seu brando fulgor,
fallava d'esp'ranças mortas,
fallava d'extincto amor;

e as folhas seccas caíam,
com leve bulha no chão!
era o hymno da saudade!
era a voz da solidão!

Tudo é tristeza, quando o sol reclina
rubida a fronte na extensão do mar.
e o sino ao longe solta a voz divina,
que vibra, vibra, convidando a orar!

Então, na mente de quem vai scismando,
sósinho e triste, contemplar o céu,
lá vão surgindo, n'um silencio brando,
sombras, que involve transparente véu.

Sonhos já mortos, illusões perdidas,
fagueiras pombas, que o tufão levou,
flores de galas e de côr despidas,
leve andorinha, que não mais voltou!

tudo esvoaça na amplidão incerta!
longa miragem que nossa alma vê!
vaga harmonia que o scismar desperta!
livro sombrio que a memoria lê!

Da loisa fria, que entre-aberta vemos,
surge o phantasma d'um irmão, d'um pai,
que vem bem triste, renovando extremos,
dizer-nos manso: «Filho, irmão, chorai!

«Chorai que o pranto, que a saudade inspira,
«adoça aos mortos do sepulchro o horror!
«balsamo doce, que affeição respira!
«orvalho santo, que dá vida á flor!

Então caímos n'um scismar pungente;
morre a alegria, quando finda a luz!
brota dos olhos, espontaneo, ardente,
intimo pranto, que o soffrer traduz!

Se tudo é triste, quando o sol reclina
rubida a fronte na extensão do mar,
e o sino ao longe solta a voz divina,
que vibra, vibra, convidando a orar!

Oh! quem descesse ao fundo
do pelago sombrio,
que as ondas revolvia
d'Arthur no coração,
vira de certo um mundo
d'immenso desvario,
de dôr que atroz pungia,
d'immensa maldição.

Demorou-se longas horas
n'aquelle scismar tremendo;
mas ergueu-se, a dor vencendo
com insolito valor;
e murmurou, contemplando
a sombria immensidade:
«Adeus vida, mocidade!
«Adeus Emma! Adeus amor!

Desceu lentamente a encosta!
por entre as sombras do val,
viu-se passar silencioso
o seu vulto sepulchral!
Ermo ficou tudo em roda;
só a brisa no rosal
ía contando as tristezas
d'aquelle drama fatal!

. . . . . .
. . . . . .

E as folhas seccas caíam
com leve bulha no chão!
era o hymno da saudade!
era a voz da solidão!

CANTO TERCEIRO

O BAILE

Era no baile esplendido!
giravam rodopiantes
as damas palpitantes
no louco turbilhão,
curvando as frontes pallidas
das valsas ao delirio,
como se curva o lyrio
da tarde á viração!

Dos lustres a luz trémula
rostos illuminava,
onde o praser brilhava
tendo por baixo... a dôr!
E emtanto, ó lua timida,
tu, que sorrindo passas,
batias nas vidraças
com o pallido fulgor!

Aqui sorrisos perfidos!
palavras refalsadas!
c'o as flores desfolhadas
d'involta as illusões!
da natureza magica
no seio almo e fecundo
é que se encontra o mundo
das candidas visões!

Mas ah! na valsa rapida
accendem-se os desejos;
fremem nos labios beijos,
buscando os seios nús!
a tentação aninha-se
nas tranças ondeadas,
nas bocas perfumadas,
do olhar na ardente luz!

Esse perfume tepido,
que um lindo rosto exhala,
esse tremor da falla,
do seio o palpitar,
o olhar humido e languido,
a fronte já pendida.....
foge a rasão e a vida
no immenso delirar!

Emma lá vai tambem! Como é formosa,
entre as sedas, do luxo no esplendor!
Oh! mas falta á condessa graciosa
a c'rôa etherea, que só dá o amor!

O amor é como Deus, que aos seus eleitos
a fronte cinge d'esplendente luz!
Póde a belleza conquistar mil preitos;
só do amor nasce o encanto, que seduz!

Esse prazer tão sonhado,
esse esplendor, esse luxo,
oh! não lh'o inveje ninguem!

foi como o fructo, que nasce
nas terras da Palestina,
cuja apparencia fascina...
mas que só cinzas contém!
essa c'rôa de diamantes,
que lhe orna a candida frente,
abrasa-a c'o seu fulgor!
sob os mantos roçagantes
de fina seda, que a involvem,
leva o cilicio pungente
do remorso aterrador!
Assim passa pelo mundo
formosa, rica, invejada...
porém mendiga d'amor!

Ás vezes quando, sósinha
na sua esplendida alcova,
volve ao livro do passado
um melancholico olhar;
e, no espelho da memoria,
vê a alvejante ermidinha,
onde ás horas do sol-posto
com Arthur ía scismar,
arrasam-se os olhos d'agua,
vem o remorso pungil-a,
e sente vivas saudades
d'essa existencia tranquilla
d'esse tão doce viver,

que foi queimar descuidosa
no vil altar do praser.

Assim que entrou nos porticos doirados
do templo da ambição,
viu cairem-lhe aos pés, dilacerados,
os véus da illusão.
Presentiu um futuro de tristeza;
desfez-se a seducção;
e dissecou-lhe o sopro da riqueza
flores do coração!

Sob os doirados tectos do palacio
vôam lhe em torno, negras aves lugubres,
o tedio horrendo, a triste languidez!
Na solidão ruidosa dos festejos
vêde-a occultando, sob o trage esplendido,
o luctuoso manto da viuvez!

Mas embora o remorso, espinho cruciante
das rosas do praser, das flores da ambição,
rasgando os seios d'alma, envie á fronte ovante
sombra que desfigure o fulgido clarão!

Embora a peccadora, apoz riso mentido,
veja surgir á noite o espectro do pavor!
embora, nos festins em vão buscando o olvido,
sinta gelar-lhe o corpo o frigido terror!

Embora, como Banquo á ceia do assassino,
surja a imagem d'Arthur ao desvairado olhar,
tristemente a dizer:—Sorria-me o destino,
e tu foste quem veio as rosas desfolhar!—

Embora! o mundo inteiro a vê, a adora, a inveja,
queima incensos aos pés do idolo gentil;
opulenta é feliz; quem ha que não deseja
ser formosa, invejada, e rainha entre mil?

Vem o baile soltar em torno d'ella
os seus véus d'harmonia!
a dança volteiar, infrene, ardente,
sacudindo fremente
a tunica ligeira,
perfumada de amor e d'alegria.

Os espelhos doirados,
testemunhas immoveis dos festejos,

que reflectem a fórma encantadora
dos hombros nús, que ardente olhar devora
ébrio de mil desejos;
onde se mira a luz dos candelabros,
altiva do esplendor,
nada conservam, quando finda o baile,
d'esse quadro ridente e seductor!
Cáe tudo no silencio; a sombra involve-os...
Do quadro que passou
nem um vestigio, um raio, um traço, um grupo
no vidro indifferente se fixou.

Assim no peito d'Emma esse delirio,
que inspira o turbilhão
das valsas doidejantes,
dissipa por instantes
a sombra intensa do cruel martyrio
com rapido clarão;
mas depois... d'esses quadros cambiantes,
que ante seus olhos desdobrou a festa,
nem um vestigio resta
no espelho interior do coração!

C'o as roseas faces
affogueadas do calor das danças,
com o seio a palpitar,

e nas feições o morbido cançasso,
e a languidez no olhar,
sentou-se no sophá; no eburneo braço
recosta o rosto lindo.
Oh! quem, ao vêl-a assim meiga sorrindo,
a contemplar os pares, que volteiam
das valsas na loucura,
murmurando palavras de ternura,
a não julgára a fada solitaria
do baile inebriante,
que se revê no vortice brilhante,
que fez brotar c'o a magica varinha,
mas que envia saudosa um olhar amante
ás regiões sagradas,
onde desprendem vôo scintillante
as azas brancas das aéreas fadas.

Engolphada em sombrios pensamentos
longo espaço ficou,
e nem a voz do conde, a voz do esposo
do extasi a acordou!
extasi triste, em que o pesar lhe arranca
a mascara risonha,
e lhe mostra nas sombras do futuro
a expiação medonha!

Oh! mas quando, ao erguer os olhos,
que baixára pensativa,
viu ali a imagem viva
do seu sonho aterrador,
quando viu, pallido e triste,
já sem luz no olhar radiante,
seu abandonado amante,
seu traído adorador!

Quando o ouviu dizer sereno
«Dá-me a honra d'esta valsa?»
Ella a perfida, ella a falsa,
nem um «sim» pôde exprimir,
como o impio assassino,
que occultar seu crime intenta,
vendo a victima sanguenta
d'entre os tumulos surgir.

Era Arthur; na fronte altiva,
onde o genio resplendêra,
ruga a ruga se inscrevêra
o seu intimo penar.
Negra historia de tormentos
Emma leu, com horror e espanto,
'essas faces, onde o pranto
ndo sulco foi cavar.

Lá vão os dois pelos salões esplendidos!
Oh! ao vêl-os assim ambos tão pallidos
a atravessar a turba, todos sentem
o frigido terror correr nas veias.
Á luz dos lustres, nas modernas salas,
parecem reviver as scenas lugubres
d'essas lendas phantasticas d'outr'ora;
quando o amante, finado em Palestina,
na viseira occultava a face lívida,
e vinha, revestido d'armas negras,
assentar-se ao banquete, em que a perjura
celebrava a traição; e, quando o sino
da capella, com funebres gemidos,
soltava as vibrações da meia-noite,
pavoroso se erguia o horrendo espectro,
arrastava com o braço descarnado
pavida a castellã; atravessava,
hirto e silencioso, a vasta quadra;
sumia-se na sombra; e ao longe... ao longe
ouviam-se os gemidos da formosa
que, sentindo pulsar no peito a vida
sob os trages da festa, ía sumir-se
no pavoroso abysmo dos sepulchros!

Assim Emma e Arthur, mudos, sinistros,
atravessavam lentamente os grupos!

E a valsa começou! e d'entre a orchestra
brotou um vendaval de melodias,
a cujo sopro, em ondas graciosas,
se agita um mar de sedas e de joias,
e se crestam os lyrios da innocencia,
e as rosas do pudor. Abrem-se as portas
do palacio á torrente impetuosa,
que não póde conter nas vastas salas
das valsas o furor; soltos os diques,
o turbilhão risonho gira, espraia-se
no esplendido jardim.
Entre o arvoredo
soltava o rouxinol o hymno da noite.
Á beira do alegrete a flor pendida
escutava-o em extasi; e nas fontes
as naiades chorosas murmuravam
seu cantico plangente á luz da lua.
As candidas roupagens das estatuas,
illuminadas c'os reflexos trémulos
do fulgor, que emanava das janellas,
e que ía, borboleta luminosa,
esvoaçar nas ruas, pareciam
fluctuar em mil prégas ondeantes.
Como o perfume d'uma flor celeste,
rescendia o jardim n'essa hora magica
indizivel mysterio!
Como um bando
d'andorinhas nocturnas, sáe das salas,
toda riso e delirio, a turba alegre.

Emma lá vai no turbilhão da valsa,
mas nem ousa soltar uma palavra;
Arthur, quando sentiu a fresca brisa
a vir beijar-lhe a fronte escandecida,
inclinou-se de manso, murmurando
com suave tristeza estas palavras:

«Era uma noite plácida,
noite, como esta, amena;
no calix da açucena
tremia a viração!
Não sei que vaga musica
ao longe resoava,
e eu, timido, escutava
pulsar o coração!

«Então um anjo candido
em torno me esvoaça,
e nos meus labios férvidos
um beijo vem poisar.
Mas ai! o immenso extasi
encanta, e logo passa;
vivi no sonho fulgido,
morri ao despertar.»

E emtanto a valsa, no incessante giro,
voltava do jardim de novo ás salas.

Emma curvada, como um lyrio timido,
ao sopro do remorso, succumbira
a tamanha emoção; e, sobre um banco,
que a baunilha entre as folhas escondia,
se deixára cair, balbuciando:

«Oh! não posso; n'esta fronte
leia, Arthur, a minha pena;
justa é a lei que me condemna
bem o sei... culpada eu sou!»

E elle, em pé, fronte pendida,
como o espectro do passado,
em tom grave, compassado,
taes palavras murmurou:

«Que dôr immensa me bramiu no peito,
todo revolto em infernal procella,
ao vêr sumir-se no horisonte a estrella,
ao vêr o sonho desfazer-se em pó!
Ia buscar no teu amor allivios,
e, quando a pomba da formosa esp'rança
me annunciava, no arrulhar, bonança,
vejo-me triste, desprezado... e só!

«Quando tocava com meus labios pallidos
na taça d'oiro d'um viver sereno,
ai! vejo-a cheia do lethal veneno,
que alli vertêra tua linda mão!
Não hesitei, e, com semblante impavido,
traguei o fel d'essa amargura immensa,
mas desfolhada tenho a flôr da crença,
e, hastea partida, vou tombar no chão!

«Sou um cadaver, que entre os vivos passa;
trago estampado na pupilla ardente,
na funda ruga, que me sulca a frente,
sêllo indelevel de pungente dôr!
E, n'esta mente, como em crypta lugubre,
onde o soffrer nem brame já revolto,
vejo passar, em branca veste involto,
o mudo espectro d'esse extincto amor!

«E amo-te ainda! No meu peito inerte
ai! sinto a chamma, que o viver devora,
e, de teus olhos n'essa luz traidora,
sonho as delicias d'um vedado céu!
Emma, não vês? eis-me a teus pés prostrado:
um beijo ardente nos meus labios poisa,
um beijo só fará surgir da loisa
o pobre amante, que por ti morreu!

E a valsa no emtanto girava nas salas!
e os lumes ardiam com vivo fulgor!
Murchavam-se as flores, tremiam as fallas,
trocando protestos de férvido amor!

E Emma, a formosa, c'o a face incendida,
de labios convulsos, de languido olhar,
de seio fremente, de fronte abatida,
sentia o passado na mente acordar!

—Fujâmos, dizia-lhe Arthur em delirio,
o mundo, que importa?
—Não posso, bem vês!
não venha o remorso juntar-se ao martyrio,
são mais alguns dias! quem sabe? talvez...

«talvez dentro em breve na campa gelada,
remorsos, saudades se vão esconder!
Não queiras que eu tombe, c'o a fronte manchada,
no abysmo insondavel do eterno viver!

—Mas olha! que importam traições, amarguras,
meus longos pezares, martyrios sem fim?
Tudo isso é um sonho .. sonhei taes loucuras!
És tu, que eu adoro, que eu tenho ante mim!

«És tu, minha Emma; risonha, formosa,
ó virgem tão casta, que outr'ora adorei.
Ah! vem a meus braços, florinha mimosa,
cumprir... sonho horrivel, que importa? Não sei...

«Não quero sabel-o... traído... traído!
Mentira! foi sonho, meu anjo do céu!
Aqui tens prostrado, submisso, rendido,
o doido poeta, que tanto soffreu!»

E o pranto sulcava-lhe o pallido rosto!
o olhar fulgurava-lhe ardente, febril!
que rugas profundas cavára o desgosto
na limpida fronte do moço gentil!

—Oh! cala-te e deixa-me; acerbos espinhos
não craves na fronte de quem já te amou,
de quem... Ai! teus loucos, ferventes carinhos
me abrazam, me endoidam! Oh! lembra quem sou...

«tem dó de quem soffre...
No olhar esplendente
triumpha, já brilha fatal languidez!
Pullulam amores na boca fremente!
Provoca mil beijos a candida tez!

—Oh! deixa-me!
—Adoro-te!
—Sou esposa...
—Perjuras
não póde abrigal-as o altar do Senhor!

—E o mundo?
—Que importa?...
—Sonhadas venturas
a troco da infamia... pois bem! quero amor!

O rosto formoso, que beijam da lua
os candidos raios, de manso inclinou;
nos labios do amante dizendo «Sou tua»
com fogo indisivel um beijo poisou.

Mas n'isto os labios convulsos,
gelou-os frio terror!
mudos, immoveis ficaram,
perdendo a rosada côr!

Ante os olhos da condessa
surge atroz apparição!
cerra-os attonita, pávida...
cai desmaiada no chão!

Era o conde. Com voz firme e sonora,
dirigindo-se a Arthur, assim lhe falla:
—«A vida d'um de nós é impossivel,
em quanto outro existir. Seja o duello
o arbitro supremo. Escolha as armas.»

Sem responder inclina-se o poeta.

O volteiar da valsa conduzira
das salas ao jardim pares risonhos,
vêem os dois em pé junto do corpo
da condessa caída, correm, voam,
curiosos d'escandalo, a agrupar-se-lhe
em torno, e a inquirir a novidade;
mas o conde sorriu tranquíllo, amavel
e respondeu:
—«O entontecer da valsa
foi do desmaio da condessa origem.
Não é de gravidade. Ao cavalheiro,
que dançava com Emma, eu agradeço
o cuidado que teve.» E em voz mais baixa:
—Ámanhã ao romper da madrugada.

E, tomando nos braços a condessa,
dirigiu-se ao palacio, em quanto os grupos
iam rindo á socapa, e commentando

o caso escandaloso. Arthur immovel
contemplava a baunilha, em cujas folhas
se haviam abrigado taes loucuras.

E o rouxinol, poisado na balseira,
soltava indifferente os seus gorgeios.

. . . . . .
. . . . . .

E a valsa no emtanto girava nas salas!
E os lumes ardiam com vivo fulgor!
Murchavam-se as flores, tremiam as fallas,
trocando protestos de fervido amor!

CANTO QUARTO

A FREIRA

Ouvi as queixas da rolinha candida,
do tenro arbusto, que o tufão vergou,
e que hoje triste, no mosteiro gélido,
nem inda a morte, por seu mal, achou!

Oh! vêde os traços, que nas faces pallidas,
em fundas rugas, lhe estampou a dôr!
Lêde na fronte macerada, livida,
pungente historia d'infeliz amor!

Quando, alta noite, sobre as lages humidas
d'humido claustro, pavoroso, e só,
vagueia triste, solitaria, trémula,
rosa esfolhada, que tombou no pó!

Compadecei-vos d'essa dôr sem lagrimas!
A vida arrasta n'um penar cruel!
E ninguem sabe das pungentes maguas,
que ali se abrigam no fatal burel!

Como inda é bella! como os olhos vividos
lampejam inda radiante luz!
E joven, linda, foge ao mundo perfido,
e busca allivios, abraçando a cruz!

Sorria n'ella a mocidade ingenua!
Que airoso talhe! Que pisar subtil!
Que niveas faces! Que vermelhos labios!
Que olhar tão meigo! Que sorrir gentil!

Amava-a doido, com transporte férvido,
pobre mancebo, que succumbe á dôr!
que hoje procura, sob a campa frígida,
unico allivio d'um fatal amor!

E ella emtanto, como a rôla, tímida
foi no mosteiro a solidão buscar!
Era do céu aquelle sêr angelico!
Vagou no mundo, sem conforto achar!

Dôr incuravel lacerou-lhe o espirito!
Mysterio ignoto de cruel paixão!
Fugiu das pompas d'este mundo sordido!
Pediu a morte! Foi buscar soidão!

E a triste freira não encontra allivio
na cella estreita, nem aos pés do altar!
E ninguem sabe seu cruel martyrio!
Ninguem comprehende seu atroz penar!

Mas, horas mortas, sobre as lages humidas
d'humido claustro, pavoroso, e só,
vagueia a freira solitaria, trémula,
rosa esfolhada, que tombou no pó!

Surgira placida a aurora,
depois da terrivel noite
do jardim; mas no horisonte,

que o astro nascente córa
com o purpureo listrão,
via Arthur sumir-se a estrella,
que um instante só brilhara,
mas com tão doce clarão!
meiga estrella, cujos raios
tinham a luz da ventura,
e a chamma de perdição.

Tibio esplendor, que morria,
nunca mais resplenderia!

Rompia o sol no Oriente!
Chegára a hora aprazada
para o duello; a alegria
d'Arthur no rosto fulgiu!
Tenue fio indifferente,
que ainda á vida o prendia,
ía o gume d'uma espada
cortal-o talvez. Partiu.

Entre o lampejar dos ferros
pairou o archanjo terrivel,
e foi, gélido, insensivel,
batendo as azas, tocar
do conde a fronte, que ao outro

já murchara o viço e a vida...
Vale a pena á flor pendida
seccas folhas arrancar?

Arthur sem tino evita a vista horrenda!
Sanguineo abysmo só divisa em torno.
Foge, e, na carta que dirige a Emma,
irrompe em borbotão tropel d'angustias.

«Cavou-se mais fundo o abysmo,
que entre nós ambos se abria,
e a minha lenta agonia
vou gota a gota provar.
Na alameda funeraria
planto o cypreste primeiro...
venha cedo o derradeiro,
que me ha-de a loisa abrigar.

«Bem vês meu triste futuro!
Nem já, na sombra, isolado,
posso n'um sonho adorado
vêr tua imagem sorrir;
hei-de vêr ante esse vulto,
até no magico sonho,
horrivel, hirto, medonho,
lívido espectro surgir.

«O terrivel desalento
já de mim se apoderára.
N'esse olhar, que me incantára,
ai! de novo encontro ardor!
E vejo raiar nas trevas
a minha fulgida estrella,
e surgir d'entre a procella
a pomba do teu amor.

«Sobre o mar do desespero
volteiava tão suave!
mas ai! a candida ave
no sangue as azas manchou!
Bem vês tu que, para sempre,
eu tenho a esp'rança perdida;
pois quem me roubára a vida
té a morte me roubou!»

Partiu.

Mezes depois voltava a primavera
nos campos a espalhar graça, prazer, verdor!
Sois vós, brisas de maio, as brisas de Cythera
soltando entre os myrtaes mil canticos de amor!

Vós sois o puro sopro ardente, embalsamado
da fada que sorri, no bosque a volteiar;
bafejais brandamente o tronco despojado,
e nas sarças passais com leve suspirar.

E o tronco inanimado em flores se desata!
Brota da sarça rude o perfume subtil!
No verde laranjal refulge a flor de prata!
A campainha ostenta o calice d'anil!

Mas ai! brisas de maio! o vosso influxo ameno
póde fazer brotar as rosas no rosal,
as nuvens repellir d'um céu puro e sereno,
mas não dar nova chamma ao fulgido fanal,

ao fanal da existencia, ao sol da juventude,
quando a desgraça vem a dissipar-lhe a luz!
Na hastea, que se inclina ao frigido ataúde,
não reverdece a flor, a flor que nos seduz!

meiga rosa d'amor, que, ao desfolhar, lacera
c'os espinhos, que deixa, o pobre coração!
E depois nunca mais revive a primavera!
nunca a aragem succede ao horrido tufão!

Era no campo; findava
um lindo dia de maio,
na hora em que o sol reclina,
em dulcissimo desmaio,
a fronte augusta no mar,
deixando, sobre a collina,
o seu derradeiro raio
casta florinha beijar.

Entremos, leitor amigo,
n'aquella casa modesta,
que foi buscar um abrigo
á sombra d'esse salgueiro,
que no crystal d'um ribeiro
a furto se vai mirar.

Ei-lo! Arthur, junto á janella,
fita os olhos na amplidão;
vêde essa fronte tão bella,
onde da desgraça a mão
escreveu, estrophe a estrophe
o poema da amargura,
o hymno da maldição!

Junto d'elle sobre a mesa
fluctuam varios papeis;
vinde, vinde, sem receio,
que n'um pensar tão profundo
vejo Arthur embevecido,
que talvez, sem ser sentido,
ler o seguinte podeis:

DIARIO DE UM MORIBUNDO

1 de maio

A primavera! como surge esplendida,
indo entre as ramas affagar os ninhos!
Trocam as aves divinaes carinhos;
brotam delirios no arvoredo em flor!
Tudo é alegre na estação jucunda,
o prado e o val, e a floresta e o monte;
só eu debruço a envelhecida fronte
sobre as ruinas d'um passado amor!

Só eu caminho solitario e triste!
Só eu arrasto o meu cruel sudario,
sem vêr ao longe, no fatal calvario,
do sol da vida a resplendente luz!

Não vejo flores a juncar-me a estrada!
nem mão amiga, que me enxugue a frente!
Caminho, vendo, apoz a dôr pungente,
ao longe ao longe a solitaria cruz!

A cruz das campas, sem que um rosto amado
venha banhal-a de sentido pranto!
A cruz das campas, sem o doce incanto
da flor pendida por ignota mão!
A cruz musgosa, que assombreia o tumulo,
sem que o cadaver, que essa loisa encerra,
trema ao sentir de quem amou na terra
lagrimas virem orvalhar-lhe o chão!

Que importa a morte, o esquecimento, o nada,
a fria campa, o cemiterio mudo,
a quem na vida não encontra escudo
contra o destino, que o prostrou sem dó,
a quem nas urzes do caminho deixa,
a fibra e fibra, o coração rasgado,
a quem seu manto d'illusões doirado
viu arrastarem sobre a lama e o pó?

Por isso embora a primavera solte
no ar, na terra, turbilhões d'aromas,
e da floresta nas virentes comas

perpasse e gema a viração do amor!
Nada reanima um coração já morto!
É-me sombria a luz do sol fulgente.
Da naturesa no poema ingente,
em negras letras, só soletro «Horror»!
. . . . . .
. . . . . .

6 de maio

Vinde, gentis passarinhos
das meigas recordações,
da minha c'rôa d'espinhos
poisar nos tristes florões.

Como a pomba do Calvario
poisou na fronte ao Senhor
e um soffrer involuntario
lhe deu, arrulhando amor.

Faz hoje um anno, ao sol posto,
que a vi a primeira vez!
Tinha na alma e no rosto
a virginal candidez!

Recordação namorada,
pomba de meigo arrulhar,
n'esta fronte amargurada
vens docemente poisar;

e não sabes quantas dôres
despertas com teus carinhos!
e que, fallando d'amores,
cravas mais fundo os espinhos!

Mas! vem, que importa o tormento,
oh! que importa o padecer,
a quem por vêl-a um momento,
quizera alegre morrer!
. . . . . .
. . . . . .

12 de maio

Vi-a, vi-a outra vez! e não morri ao vêl-a!
Ouvi-lhe a voz celeste! e posso inda viver!
Fulgiu-me um raio só da seductora estrella
só para sentir mais as trevas do soffrer!

Era na hora magica,
em que, ao findar o dia,
o genio da poesia
nos bosques vem pairar,
e o sol o facho rubido,
que o mundo e os céus inflamma,
apaga, chamma a chamma,
na face azul do mar.

Perdido em mudo extasi,
sósinho vagueava,
sósinho contemplava
o sol, o mar, e os céus!
Scismava, e, em meu espirito,
bem como na deveza,
o anjo da tristeza
vinha poisar seus véus!

Então, ao longe, timido,
por entre o bosque umbroso,
ouvi o som piedoso
do sino da oração.
Bemdita a ermida placida,
em cuja bronzea urna
vibra essa voz nocturna,
que diz «consolação»!

Batendo as azas candidas,
na torre da igrejinha,
eu creio que se aninha
um anjo do Senhor,
que á viração aligera,
confia, c'um sorriso,
echos do paraizo,
hymnos de puro amor!

Não sei que força intima
meus passos encaminha
ao sitio, d'onde vinha
do bronze a augusta voz!
Cheguei a um templo rustico,
em cuja face austera
o tempo já pozera
signaes da garra atroz!

Junto do templo erguia-se,
ali, tão só, perdido,
mosteiro protegido
pela divina cruz,
em cujo sacro ambito
esvoaçava outr'ora
a turba incantadora
das pombas de Jesus!

Mas, do viveiro angelico,
as aves prisioneiras
partiram; duas freiras,
que a morte respeitou,
vagueiam, sós e trémulas,
no claustro solitario,
flores do sanctuario,
que o tempo ali murchou!

Entrei; clarão de cirios
o templo illuminava!
Nas frestas desmaiava
a luz crepuscular!
E a hostia, o sacro symbolo,
que o mundo crente adora,
como celeste aurora,
fulgia sobre o altar.

N'esse ambiente mystico,
que perfumavam rosas,
as azas vaporosas
do anjo da oração
pairavam; d'alva tunica
o archanjo desprendia
dulcissima poesia,
sagrada inspiração!

Curvei a fronte pallida!
Não sei porque mysterio
esse perfume ethereo,
que férvido aspirei,
me fez brotar no espirito
insolita fragrancia,
e o vago orar da infancia,
mansinho balbuciei!

O orgão melancholico
soltára um flebil hymno;
qual rouxinol divino
no templo a volteiar,
o cantico desprende-se,
tristeza, amor inspira,
lamenta-se, suspira,
na abobada a expirar.

Ficou tudo em silencio. Então do côro,
onde o profano olhar pára ante a grade,
uma voz se elevou, meiga, saudosa
como o gemer da brisa nos cyprestes
do triste cemiterio.

Oh! templo austero,

em cuja nave immovel e tranquilla
tem resoado os lugubres gemidos
de vinte gerações, dize se ouviste
uma voz, que, como esta, traduzisse
a intima agonia, a atroz saudade
o estalar das fibras laceradas
d'um pobre coração!
Era um poema
d'indizivel tristeza, um grito d'alma,
que em vão procura allivio, paz, conforto
no seio do Senhor! pomba ferida,
que inda tenta librar-se n'aza inerte,
e desprender (debalde) o vôo incerto
ás espheras de luz, onde campeia
o throno omnipotente!
Eu, mudo, attento,
buscava recordar-me onde escutára
essa voz, cujo som não me era estranho,
e fazia vibrar dentro em meu peito
a fibra dolorosa do passado!

Inclinei-me de manso perguntando,
a um velho camponez, quem era a freira,
que em idade avançada conservava
a voz tão juvenil; elle, sorrindo,
respondeu: «Essa voz pura e celeste
não é de monja, não; uma fidalga,
a quem morte fatal roubou o esposo,

veio abrigar-se n'este santo asylo.
Formosa é ella; mas seus olhos verdes
annuvía-os a sombra melancholica
d'acerbo soffrer d'alma; dôr profunda
lhe rasga o coração; porém, bem como
das nacaradas lagrimas choradas
por tenue animalsinho, que se esconde,
dentro de rude concha, no oceano,
sáe perola gentil, assim os prantos,
que devora em silencio, se transformam
em santa caridade, amor divino,
que são as meigas perolas do empyreo.

«Quando do Rei dos Reis celebra o templo
a invisivel presença, e de modestas
galas se adorna a campesina egreja,
sôa no côro então a voz celeste
da condessa gentil; anjos lh'a invejam,
para do Eterno celebrar a gloria.
Que importa que não haja ricas sedas
para enfeitar altares? que não jorre
em torrentes a luz dos candelabros?
que dos aureos thuribulos não vôem
nuvens d'incenso a embalsamar a nave?
a oração sincera é puro incenso,
que, se não arde em cassoletas d'oiro,
rescende n'essa voz flebil, maviosa,
como em vaso d'angelica harmonia.

Muito mais que o fulgor d'argenteas lampadas,
é dulcissima a Deus a luz, que emana
d'essa tão pura fronte, circumdada
da c'rôa do martyrio.
A novidade
de haver n'este convento uma fidalga,
cujo doce cantar infeitiçava
todos quantos o ouviam, derramou-se
nas aldeias visinhas; vem o povo
ao pobre templo, ás tardes, attrahido
pela fama da voz incantadora
d'Emma...
—D'Emma!
—Que tem? Empallidece?

Nem já sei o que disse ao bom do velho!
Devorava-me a febre: *Ella* que fôra
na vida a minha estrella, a luz funesta
que me guiara ao abysmo, a borboleta
do meu jardim risonho, o fatal aspide,
que entre as rubidas rosas se escondera,
bem e mal, sol e treva, anjo e demonio,
santa a quem erigira um altar puro,
rescendente de affectos e virtudes,
precita a quem votára um culto idolatra,
e com quem desejára, inda no inferno,
ter por thalamo hediondo a labareda,
onde ardem de amor os criminosos;

Ella, a fada gentil, a cujo aceno
no meu peito brotára o enxame candido
dos namorados sonhos, *ella*, a maga,
que um vortice rasgára em que os sumira,
estava junto de mim; o ardor immenso
que eu julgára extinguir c'o sopro gelido
do tumulo já proximo, surgia
como o fogo do Hecla, que referve
sob as neves da Islandia, irrompe, golpha
em borbotões de lava, e arroja aos ares
de rubras chammas a ondulante pluma!

O cantico findára. A pouco e pouco
fôra ficando o templo ermo e sombrio.
Saí tambem; corri ao locutorio.
De mendigos lá estava a turba esqualida
apinhada. Em recondita guarida
sumi-me, e tudo vi. Meus olhos avidos
divisaram, involto no véu candido,
o rosto, cujas rosas, hoje extinctas,
tantas vezes amor affogueára!
Branca mão, onde a mente delirante
me fez vêr os vestigios dos meus beijos,
dava prodiga o oiro, e recebia
em troca os diamantes mais esplendidos,
porque o são essas lagrimas, que verte
o afflicto consolado em mão piedosa.

Vi-a! Li-lhe no rosto macerado
lugubre historia de crueis tormentos!
Faces cavadas, labios desmaiados,
mas sempre ardente e viva a luz etherea
d'esses olhos gentis que me perderam!
Vira-a, flor no viçar da primavera,
c'o a folha assetinada sequiosa
do orvalho da manhã. Vira-a no baile
n'esse immenso esplendor de formosura,
com que doira a paixão rostos, que accende.
Mas nunca tão formosa como agora!
É mais bella a contricta Magdalena,
soltas as tranças, debulhada em pranto,
do que a altiva senhora, rodeada
de galas, de prazer, de luz e pompas.

Oh! misero de mim! n'esse poema,
de santa penitencia, leio ainda
loucas estrophes, que olvidar me cumpre.
Teimosa borboleta, vou queimar-me
na lampada sagrada! a luz serena,
que arde no tabernaculo, renova
antiga chamma de profano incendio!

Fugi. Vim procurar n'este meu ermo
allivio não, mas animo sómente
para tomar de novo a cruz pesada

do meu triste martyrio. Respeitemos
quem no seio de Deus conforto encontra!
Ó suaves loucuras! doces sonhos
de juventude e amor! de vós que resta?

Um cadaver que busca sepultura,
e um coração, que pulsa amortalhado
sob o frio burel. Ó morte, rasga
o livro, em cujas paginas doiradas
poz a sorte fatal negro remate!
. . . . . .
Findava n'este ponto o manuscripto.

Brilha a lua; da igreja e do mosteiro
o vulto cinge com sua branca luz;
no campanario, grave, sobranceiro
aos ruidos do mundo, ergue-se a cruz!

Outr'ora, em côro virginal, mavioso,
aspirava os perfumes do sanctuario,
e hoje escuta o psalmo mysterioso,
que ao vento canta o musgo solitario!

Mudos, na sua alcova de granito,
dormem os bronzeos sinos festivaes;
mas, se o tufão do inverno geme afflicto,
vibram na sacra urna tristes ais!

Nas trevas dos immensos corredores
aninha-se a tristeza; ermas as cellas!
da lua os meigos raios scismadores
batem debalde á grade das janellas!

Nas horas mortas, quando o gallo canta,
o velador, sentado junto ao lar,
via estranho fulgor, da prisão santa,
os vidros da capella incendiar.

Lá ao longe, nos pincaros do monte,
por noite velha, o lasso viandante,
na viração que lhe affagava a fronte,
ouvia uns echos d'um cantar distante.

E o aldeão prostrava-se e resava,
e o viajor erguia a mente a Deus.
Quando a luz da capella se apagava,
sorria a aurora nos umbraes dos céus!

Hoje calado e só, se ergue o convento,
como espectro em sinistra apparição!
Canta matinas na capella o vento!
E a lua accende um pallido clarão!

Cresce a relva no claustro abandonado!
E não desperta o echo, a medo e esquivo,
c'o timido chilrar, meio abafado,
do bando airoso, no burel captivo.

Brilha a lua; da igreja e do mosteiro
o vulto cinge com sua branca luz;
no campanario, grave, sobranceiro
aos ruidos do mundo, ergue-se a cruz!

N'essa lugubre fachada
austera, immovel, calada,
vê-se aberta uma janella,
onde frouxa luz scintilla,
como vivida pupilla
em caveira descarnada,

ou como tímida estrella
entre as nuvens da procella.

Um vulto gentil se encosta
ao parapeito, mirando
a lua, que, além da encosta,
no azul céu do rosto brando
mostra a doce candidez,
e cujos raios formosos,
espreitando pela grade,
dão uns toques mais saudosos
á marmorea pallidez
d'essa estatua da saudade!

Estatua, sim! branca estatua
erguida n'um mausoleu!
vulto d'anjo, que desprega
as suas azas de pedra,
e tenta voar ao céu!

Com que suave tristeza
fita os olhos na amplidão!
como escuta embevecida
do rouxinol da deveza
a enamorada canção!
Quem perscrutar-lhe podera
as magoas do coração?

Onde vôa o pensamento
da formosa cenobita?
Onde vai a pomba afflicta
buscar o penhor d'esp'rança,
o ramo do salvamento?
D'entre as vagas do passado
essa meiga mensageira,
candida pomba celeste,
não traz ramo d'oliveira,
traz um ramo de cypreste.

Agora um flebil suspiro
dos labios se lhe exhalou,
e uma lagrima sentida
pelas faces deslisou.
A lua os olhos namora
d'aquelle vulto formoso,
beija-lhe a gota de pranto,
transforma a lagrima em pérola,
que vai engastar no manto
do meigo archanjo, que mora
no seu seio luminoso!

E o rouxinol na deveza,
seus cantos a modular,
ia embalando a tristeza
da pobre freira embebida
no seu penoso scismar.

Freira, não! Ao sentir o golpe acerbo,
que os remorsos gerára, o desespero
de ter no seu viver, risonho outr'ora,
dois espectros fataes! dois vultos nobres
de quem a estrella fôra, um já sumido
na campa; outro debalde procurando
na paz da solidão conforto e allivio,
Emma tentára da visão medonha
fugir, do altar á sombra protectora!
Quizera vêr as tranças decepadas,
e jurar, envolvida na mortalha,
os votos, que do mundo nos desprendem!
Oppoz-se lei benefica a tal crime.
¿Não é crime ir jurar constancia eterna
ao Esposo Divino, quando a imagem
do amante extremoso surge sempre
no templo, no altar, no livro sacro,
onde os olhos percorrem distrahidos
o psalmo, e a mente vê loucas endeixas,
que outr'ora lhe sagrou lyra amorosa?

Não se prendeu nos laços, mas a regra
cumpre austera a condessa; o burel veste,
envolve-se na candida toalha,
com jejuns e cilicios se macera.

Caprichos do soffrer! as duas freiras,
debulhadas em prantos de piedade,
a tudo accedem; tumulo parece
o convento sombrio; e em taes tristezas
se compraz da condessa a dôr acerba!

Vêde-a! da janella, onde resplende
claro e lindo o luar, eil-a se affasta!
Cerra vidros, postigos á bafagem,
que, impregnada em perfumes, vem banhar-lhe
a fronte pensativa; esses effluvios,
que as arvores rescendem, os aromas,
que nas moitas em flor a brisa colhe,
do rouxinol os languidos modilhos,
da lua os meigos raios amorosos,
o cantico da noite, em que palpitam
a vida, a mocidade, a effervescencia
do renascer da naturesa em maio,
tudo repelle; aragens tentadoras,
ó perfidos murmurios, luz, encantos
das noites voluptuosas, sois defesos
a quem transpoz os penetraes d'um tumulo.

Comprime as pulsações do seio turgido,
que arfa sob a estamenha, como a seiva
d'arvore em velho tronco represada!
Não pulses, coração! floreos vinte annos

finai-vos em botão! Lá fóra... o campo,
palacios de verdura, onde scintilla,
coado pelas frondes do arvoredo,
frouxo o luar na lampada de prata,
palacios, cujo tecto azul cravejam
d'oiro as estrellas, cujos muros forra
de purpura o rosal, e aqui só pende
do muro desornado um crucifixo!
Lampada triste de serões d'inverno
projecta tibia luz no chão lageado!
Aninham-se nas trévas dos recantos
asceticas tristezas!
Emma ajoelhára
resando com fervor; deslisa o pranto
em fio pela face; a luz da lampada
vacilla á mingua d'oleo; nas paredes
correm, fluctuam sombras mil phantasticas!

E Emma sempre a resar; seu vulto airoso
curva-se de cançasso; a pouco e pouco
deixa pender a fronte; a naturesa
é mais forte que a dôr; o anjo do somno
poisa a sorrir; c'o a ponta d'aza candida
as palpebras lhe cerra.
Um clarão ultimo,
que inunda de fulgor a cella inteira,
projecta ainda a moribunda lampada,
e nas vascas finaes crepita e morre.

Enchem trévas o lugubre aposento.

Dos varios sonhos o confuso enxame
doideja pelo quarto; o archanjo immovel,
que, com o dedo nos labios, vela mudo,
o somno da condessa, o negro bando
dos negros pesadelos affugenta;
vôam, c'o as azas funebres cortando
o ambiente soturno; tropel doido
de sonhos joviaes segue-se, e foge,
a um gesto só do seraphim cioso.
Franquêa a phantasia as aureas portas
do ideal a um vulto melancholico,
que vem poisar na branca fronte d'Emma.
E o anjo velador sorrindo acolhe
seu meigo companheiro.
Emma sonhava!
via Arthur, triste, pallido, abatido!
Nos olhos inda amor fulge, scintilla.
Com voz debil e meiga, doces trovas
ás aligeras auras confiava:

«Entre os fulgores da madrugada
a estrella d'alva me fascinou!
Voou minha alma, de luz banhada,
no meigo raio, com que a beijou!

Eil-a de novo no céu poente!
chama-se Venus, brilha e sorri!
Ai! consumiu-me teu raio ardente!
Candida estrella, morro por ti.

«Flôr escarlate, na primavera,
o teu perfume me enlouqueceu;
mas ai, fugiste, doce chymera,
quando a procella rugiu no céu.
Hoje resurges, meiga, serena,
tal como outr'ora te amei, te vi!
E é teu aroma quem me envenena!
Purpurea rosa, morro por ti!

«Morrer que importa? Na fria pedra
scintilla, alveja doce fulgor;
junto da campa veceja, medra,
verde roseira que exhala amor!
Bemdita sejas, fulgente estrella,
Bemdita a rosa, que em loisas ri!
Já vejo a morte... Vejo-a tão bella!
Porque ella ao menos me vem de ti!»

Esvaiu-se a visão, como se apaga
entre o alvor da manhã nocturna fada.
Sôam vozes nos ermos corredores.

Perpassam luzes; do fulgor estranho
espantada refoge a densa tréva.
Desperta em sobresalto Emma, sentindo
a voz das velhas monjas:—«Sús, erguei-vos,
dizem ellas; salvai quem por vós chama!
A morte visitou, junto ao convento,
a casa do Salgueiro; ali vivia,
ermita voluntario, um pobre moço
a quem aos labios nunca assoma um riso,
e que se fina á hora em que fallamos.
O nosso capellão está junto d'elle,
e diz-nos que só vós, formosa Emma,
podeis salvar quem jaz no desespero.
Nem a imagem de Deus lhe dá consolo,
nem as doces palavras do bom velho
o refrigeram no solemne instante.
O sacerdote diz que alma tão pura
jámais se desprendeu dos terreos laços.
Porém só vós podeis suavisar-lhe
o calice de fel do passamento.»

—Salval-o eu?
—Sim, vós!
—Qual é seu nome?
—Arthur!
Vacilla a juvenil condessa:
parece-lhe que o chão aos pés se furta.

«Ide pois» lhe repetem; não as ouve,
e sáe correndo da tristonha cella.

O mensageiro a espera á portaria.
Era o velho hortelão; afadigado
mal póde acompanhal-a, e ella entretanto
vôa, não corre, embrenha-se na selva.

Oh! quem póde narrar os pensamentos
confusos, que na mente se revolvem!
Quem pintar sabe o quadro cambiante,
que lhe passa ante os olhos!
Rasga a urze
do caminho esse pé tão delicado,
que no tenue calçado mal se occulta!
Emmaranhada silva prende affoita
o branco véu, que vai solto ao desleixo,
que a brisa curiosa infuna e beija.
Oh! mas nada a retem! O audaz espinho
tinge-lhe em sangue a pallida epiderme,
mas a veloz carreira não lhe affrouxa.

Do frondoso salgueiro a verde copa
já vê mirar-se no cristal do arroio.
Junto ao salgueiro a casa, que reflecte
da parede no alvor o alvor da lua.

Chegára junto á porta; c'o a mão trémula
vai a erguer a tranqueta, pára e aperta
a fronte escandescente; arfa-lhe o seio,
e o tropel de memorias e saudades
tenta em vão comprimir!
A noite linda!
Toda aromas a flor! todo harmonias
o lucido ambiente! e amor em tudo!
Oh! que saudades vãs! Que immenso abysmo
se abre ás vezes na vida, sem que a lua
deixe de illuminar, co'a luz serena,
o viçoso jardim da naturesa!
sem que morra o perfume nos thuribulos
do verde roseiral! sem que os murmurios
se transformem n'um cantico sombrio!
Ó creação! Ó Isis mysteriosa!
és muda estatua de gelado marmore
sob o véu gracioso, que te esconde!

Durára a hesitação breves instantes,
e, sacudindo a dôr, que a alanceara
Emma franquêa o limiar terrivel.

Junto a humilde crucifixo
lampada funebre ardia,
que do povo a crença pia
muda em relogio fatal.

Quando morre a chamma tenue,
por sopro ignoto impellida,
ultimos laços da vida
quebra o espirito immortal.

D'Arthur, por entre as cortinas,
vê-se o rosto macerado;
junto do leito, ajoelhado,
chora o ministro de Deus.
Que valem prantos da terra
nas faces d'um moribundo?
A flor, que murcha no mundo,
só pede orvalhos dos céus.

Ergueu-se, ao sentir da porta
o rumor imperceptivel,
e uma tristesa indisivel
se lhe revela no olhar;
e, dirigindo-se a Emma,
balbuciou:—«É já tarde!
se a luz da vida inda arde,
em breve se ha-de apagar.»

Mas não; apenas as lagrimas
jorraram dos olhos d'Emma,
apenas, na ancia suprema,

d'Arthur os labios beijou,
córaram-se as faces lívidas
do moribundo, e a ventura,
pomba de nivea candura,
a negra morte affastou.

Fita o rosto estremecido,
com muda, triste anciedade;
amor, perdão, e saudade,
tudo esse olhar lhe traduz.
Ergue a voz; do cysne o canto
brota do labio fremente;
na sua pallida frente
vaga auréola reluz.

«Purpureas rosas, que entrancei na fronte,
orvalho meigo sobre vós desceu!
Ó branco lyrio do escalvado monte,
renasce, viça nos jardins do céu!

«Entre as agruras do viver mesquinho,
no peito as flores com amor plantei;
das castas rolas inflorei o ninho,
fiz d'alma um throno, em que o amor foi rei.

«Da juventude ao immaculado lyrio
jámais manchei o virginal candor;
entre os espinhos d'um feroz martyrio,
puras as rosas conservei do amor.

«Se as requeimou o vendaval do outono,
c'o sopro ardente meu viver matou.
Venha das campas o gelado somno!
Fuja-me a vida, se o amor findou!»

E a fronte reclinou-se-lhe
no branco travesseiro;
o arranco derradeiro
dos labios exhalou.
Librou-se o puro espirito
da morte na aza escura,
e a humana creatura
em anjo se tornou.

Já o livido alvor da madrugada
vinha, por entre os vidros da janella,
frouxamente arraiar do quarto as sombras.
N'essa vaga penumbra divisava-se,
junto ao cadaver hirto, um vulto branco,
que arfava em convulsões de dôr intensa.
N'um recanto, onde as trévas se aninhavam,
o velho capellão com voz solemne
resava ultimas preces.
Debil raio
de luz nascente circumdava a fronte
da imagem de Jesus; triste realce,
funerea lividez accrescentava
ao pallido marfim do crucifixo!

E lá fóra gorgeios na espessura!
murmurios no rosal! no céu sorrisos!
ao longe o canto do aldeão na estrada!
perto o salgueiro a namorar o arroio!

O POETA

Se o vimos, passo a passo, ao cimo do calvario
subir, sem vergar nunca ao peso da sua cruz,
e tranquillo despir o terreo, o vil sudario,
para sereno entrar nas regiões da luz!

Se o vimos conservar a dôr immaculada,
sem jámais prostituir seu nobre coração,
invejemol-o, irmãos; na fronte fulminada
faz o raio fatal brotar a inspiração!

É santa, é nobre a dôr, que, no cantor d'Elvira,
da nova poesia o fanal incendeu!
É santa, é nobre a dôr, que fez vibrar na lyra
as queixas de Petrarcha, as maguas de Romeu!

Deusa d'almo sorrir! Ó casta juventude,
cérca d'aureo esplendor os cumes do ideal!
Que importa que a ascensão seja ingreme e rude?
não nos banhemos mais no torpe tremedal!

Eia, enverguem, irmãos, a chlamyde sagrada!
escutem gorgeiar o interno rouxinol!
não oiçam o zumbir da turba azafamada!
Aguias da mocidade, ousem fitar o sol!

Não busquemos na orgia o balsamo aos revezes!
Oh! ergâmos bem alto o soffrimento, a dôr!
Com os olhos no céu, bebâmos, té ás fezes,
teu calice bemdito, ó juventude e amor!

FIM DO POEMA DA MOCIDADE

O ANJO DO LAR

POEMETO

A MINHA MULHER

D. Maria da Piedade da Maternidade e Silva Pinheiro Chagas

O. D. E C.

DEDICATORIA

À noite, nos salões da esplendida cidade,
tudo é gala, prazer, delirios, e fulgor!
E emtanto, sobre mim, serena claridade
derrama o teu olhar, pomba do meu amor.

Sentado junto a ti, contemplo a tua frente,
teu cabello, que doira o suave clarão
da lampada nocturna, e sinto vagamente
poisar na minha fronte a casta inspiração!

Vem bater na vidraça a lua curiosa,
que illumina lá fóra o placido jardim!
Mensageira do céu, vem vêr-te, flor mimosa,
rosa do céu tambem, florindo junto a mim.

Ás vezes vens ligeira, aéria, como um sonho,
nos meus labios poisar um beijo inspirador!
E eu, vendo junto ao meu teu rosto tão risonho,
sinto viçarem n'alma os canticos em flor!

Brotou este poema á luz da tua imagem!
Acceita-o pois, e dize, ao lêr esta canção:
«Foi elle a harpa éolia, eu a nocturna aragem!
«Elle foi o cantor! eu fui a inspiração!»

I

Descia a noite; o véu caliginoso
não vinham recamal-o aureas estrellas,
nem os doces murmurios que interrompem
o silencio nocturno, se exhalavam
dos bosques, onde as arvores sem folhas
semelhavam, por entre a espessa bruma,
mudo cortejo de fataes espectros!

Tudo mudez, mas não mudez tranquilla!
não a mudez das noites estrelladas,
em que o espirito vôa na aza do extasi,
e se embebe no pego do infinito!
não a mudez do lago azul, sereno!

mas sim do orgão a mudez solemne,
quando os dedos do artista sobre as teclas
pairam, antes que arrojem sobre o templo
da ira do Senhor a voz augusta!

Que sublime teclado a natureza!
Que artista o vendaval!
Era no inverno,
doce estação em torno da lareira,
c'os postigos cerrados, e o magusto
a crepitar no fervido brazido!
ouvindo o temporal rugir lá fóra,
e a fria chuva a tintinar nos vidros!

Mas que amargura para quem, sósinho,
vaga no campo, á hora da tormenta!

Assim vai esse esbelto cavalleiro,
que, solitario e triste, deixa a rédea
frouxa cair do seu corcel nas crinas!
Que pensamento faz com que divague
tão lentamente, longe d'agasalho?

E a procella rompeu! lugubres harpas
do pinheiral as franças! mão ignota

doideja por entre ellas! queixas, gritos
de desespero atroz vibram nas ramas,
que se agitam, baldão do vento iroso!
O tufão lhes acama a esguia copa!
zune, modula estrophes lastimosas!
percorre delirante o monte e o valle!
ergue no rio aqui montões d'espuma!
revoluteia além, n'um doido vortice,
pallidas folhas que no sólo jazem!
Tem voz o arvoredo! a luz phosphorica
do crebro fuzilar revela a furto
legendarios mysterios da espessura!
Quando rouco o trovão ruge, desperta
o mundo das visões!
Vagam espectros
arrastando cadeias! bruxas negras
dançam dança infernal! e o rei das trévas
toma por solio o roble incendiado
pelo fogo do céu!
Só, cavalleiro,
te aventuras audaz na invia selva
como penetra affoito o heróe do Tasso,
solto dos laços da gentil Armida,
n'esse incantado bosque, povoado,
pelo inferno, de incognitos pavores!

Tambem o nosso heróe, como Rinaldo,
fugira, havia pouco, ao jugo indigno

d'essa Armida fallaz, que nas cidades,
em salões, em festins ebri-ridentes,
tece de seda e oiro os duros laços
em que se prende a vida.
Os annos fogem,
e o fatal turbilhão, que nos endoida,
redemoinha incessante. O prazer frivolo,
a mesquinha ambição vão de mãos dadas
n'esse giro, em que a alma se atrophia,
se fina a intelligencia, em que a ventura
jámais sorri; e emtanto agita os guisos
o genio que preside á mascarada,
onde em doiradas mascaras se abrigam
lividos rostos, em que o tedio impera!

E o tedio foi o talisman benefico,
que o incanto quebrou. Henrique (é o nome
do nosso heróe) levára a taça aos labios,
a taça do licor inebriante
do férvido prazer, da gloria esplendida.
Bebeu, e achou no fundo as amarguras.
Achou travo no mel!
Então na mente,
onde as varias paixões se atropellavam,
surgiu a imagem da paterna aldeia,
como ás vezes em ruas tumultuarias
se ergue humilde capella silenciosa,
em cuja simples e sombria nave

entramos com incognitas delicias.
Quente raio de sol dos dias ledos
da infancia feliz por entre as trévas
se insinuou do coração, e as flores
reverdeceu já murchas, flores d'alma,
doces affectos, candida poesia,
que na vida do mundo se estiolam.

Era-lhe ermo a cidade populosa,
ermo atroz e sombrio, e a soledade
avultava-lhe ao longe povoada
das risonhas visões da meninice.
Um dia foi, romeiro piedoso,
procurar a ventura.
Oh! como a aragem
dos campos lhe affagou a ardente fronte!
Como aspirou, com férvido enthusiasmo,
o rude, o agreste aroma das montanhas!
Como escutou embevecido, á tarde,
os murmurios do val, a cantilena
que o pastor ergue ao longe nos fraguedos,
e vem saudosa esmorecer no ouvido!
E, nos ilhaes do seu corcel garboso,
enterrava as esporas, dando aos beijos
do vento os seus cabellos, desprendidos
no insano galopar!
Oh! que tristeza

não sentiu, quando viu que a mão do tempo
transformára os logares, onde outr'ora
vagueára contente e descuidoso!
Onde o vallado, que enlaçavam rosas?
Onde a florida sebe? a cruz singela,
que o sol doirava ao despontar no Oriente?
Onde o verde tapete matisado
de alegres malmequeres, cujas pétalas,
risonhas, feiticeiras, adivinham
o que na alma virginea mal se esconde?
Tudo se transformou; em vão Henrique
perguntava aos opacos arvoredos
pelos sonhos, que outr'ora pendurára,
frescas grinaldas d'infantil simpleza,
na espessa ramaria; os bosques mudos
não conheciam já essa voz limpida,
que outr'ora gorgeiava despertando
os echos do arredor.
Aqui um muro
affugentára espavorida a nympha,
que lhe ouvia as canções, e as repetia,
esquivando-se apoz quando a buscava.
Proveitosa seara succedera
ao relvoso tapete; a cruz fugira
das caiadas paredes d'um palacio,
fôra mais longe procurar um ermo,
onde as aves do céu possam sem medo
poisar-lhe na haste, gorgeiando um hymno.

Bem como antiquario enthusiasta,
que em vão procura a letra illuminada
delir de velho insulso palimpsesto,
para encontrar augustos caracteres,
negras colmeias onde o favo hellenico
escondeu seus dulcissimos effluvios,
ou onde o Sulmonense e o Venusino
depozeram o mel, que delibaram
nas flores que no Illyssus se namoram;
assim busca d'Henrique a phantasia
apagar d'esse quadro as frias côres,
que o progresso esboçou com mão sacrilega,
reconstruir o isento panorama,
a paizagem agreste, onde expandira
ao sol da juventude a flor da vida.

Debalde o tenta; estranho na sua patria,
exul no seu torrão, a tarde inteira
despende em vãs pesquizas; não se atreve
a perguntar; a noite da tristeza
lhe enluta o coração, como a procella,
que o negro véu desdobra no horisonte.

Favoreceu-o o acaso; quando o vento
rugia mais feroz, quando das nuvens
as torrentes da chuva desabavam
com intenso furor, lampejo subito

de azulado clarão inunda os campos,
e illumina as paredes esbroadas
d'um antigo casal; o viajante
um grito solta... não se engana... é ella,
a casa em que nascera; ai! tão mudada
do que fôra! em montado bravo e rude
transformou-se o vergel em que folgára!
pelo roto portal se engolpha o vento,
modulando os poemas de saudades
que entôa nas ruinas! as janellas,
sem vidros, deixam vêr nos ermos quartos
esvoaçarem lugubres morcegos!
e o anjo das soidões triste vagueia
pelas sombrias salas!
Pára Henrique,
e horrivel dôr o peito lhe lacera.
Não sente a chuva, que lhe inunda a fronte.
Manam dos olhos lagrimas em fio.
E a tempestade, que lhe vai lá dentro,
irrompe n'estas vozes, que dos labios
se exhalam, como funebre murmurio:

A andorinha, que as ondas do espaço
corta affoita, fugindo do ninho,
não esquece jámais o carinho,
que no aéreo edificio encontrou.

Mas quem vaga, buscando esplendores,
e da infancia as estrellas olvida,
volta aos lares c'o a aza partida,
mas o ninho... um tufão lh'o levou!

Deixo o templo, levita culpado,
corro apoz a mirage' illusoria,
onde o amor se realça c'o a gloria...
falso amor e mesquinha ambição!
Vejo, palpo esse mundo corrupto;
triste me ergo do assyrio festejo,
volto, e o solo da patria já beijo...
Jaz por terra a bemdita Sião!

Como alfayas sagradas, no peito,
eu da infancia guardei os affectos,
longe sempre dos labios infectos,
das paixões d'esse mundo ruim.
Conservei pura a flor dos meus sonhos...
meigas pombas c'o a aza impolluta.
Eis-me aqui fatigado da luta!
Onde o altar? onde o ninho? o jardim?

Morra pois! Ao combate da vida
arrojei-me com louca anciedade!
Fui vencido! implorei a piedade
do bom anjo do tecto natal!

Gladiador, estendido na arena,
assustou-me o rigor da má sorte;
mas ai! leio a sentença de morte
no silencio da branca vestal!

E lento se affastou! a chuva em ondas
inundava-lhe as roupas, a tormenta
envolvia-o no manto procelloso.
Nada sentia, caminhava ao acaso,
como quem perde a ultima esperança,
ou como o nauta, que, em traidoras syrtes
embrenhado, vê subito apagar-se
do protector fanal luzeiro amigo,
que, inda que dubio, ao longe fulgurava!

Mas redobra a tormenta; deslumbrado
pelo fulgor dos rapidos coriscos,
não progride o corcel; debalde a espora
tinge de rubra côr o alvor da espuma,
que lhe escorre no peito; a nada cede.
Força é buscar abrigo; uma luz proxima
a ponto lh'o depara; bate á porta,
implora o agasalho hospitaleiro,
que lhe franqueiam com alegre sombra.

Não supponha o leitor que amiga fada
abriu ao nosso heróe portões doirados
d'encantada mansão, como sohia
succeder a taes horas, quando, ao longe,
luzes brilhavam na cerrada selva.
Não julgue que subiu marmorea escada
sem vêr um ente vivo, que nas salas,
onde a granel esplendem maravilhas,
entrou, sentindo resoar seus passos
na erma vastidão magnificente.
A Paladins convém um tal regalo,
a Paladins errantes, cujo officio
é a Moiras gentís quebrar o incanto;
mas não ao pobre Henrique, triste membro
da geração que faz ferreos caminhos,
perseguidora atroz de aéreas fadas.

O nosso heróe, leitor, sejâmos francos,
entrou... n'uma cosinha, vasta, alegre,
onde um fogo vivaz ri na lareira.
Do vento e chuva a lugubre harmonia
dá mais sabor ao placido conchego,
que reina sem rival n'esse aposento,
d'onde foge, com gestos d'indignada,
a ríspida etiqueta.
Amos e servos
se agrupam na suave convivencia,
na folgazã palestra; a gargalhada

brota espontanea, sem malicia alguma,
como a scentelha jovial se escapa
do lume, quando a sêcca lenha estralla.

Como que vida nova anima o peito
regelado d'Henrique, e o horisonte,
tão negro, por instantes se desnubla.
Do calor saboreia o almo influxo
com delicias, e até deixa um sorriso
esvoaçar nos labios descórados.

Ai! quão pouco durou; corre a palestra!
Não consegui, leitor, saber-lhe o assumpto.
Mas, quando a boa gente, a pouco e pouco,
foi procurar o somno, junto ao fogo
ficou Henrique só; então o rosto
lhe descaiu nas mãos, amargo pranto
lhe correu pelas faces desmaiadas,
e arfou-lhe o peito a soluçar convulso.

E o vento modulava tristemente
na mal fechada porta os seus queixumes.
Batia a chuva com furor nos vidros.
Da fogueira o clarão sombras phantasticas
projectava na quadra solitaria!

II

Ó phantasia! ó fada, que, da vida
entre as brumas diaphanas da aurora,
surges, c'o as brancas roupas ondeantes
ao sopro matinal! delineando,
na translucida tela, visões lindas,
coloridas com roseos resplendores
do sol, que incende o rubido horisonte.
Que depois, da existencia no crepusculo,
vens, vestida de luz, por entre as sombras,
que a alma nos ennoitam, nas cerradas
negras nuvens do occaso refulgindo,
e mostrando, no ether insondavel,
os incantados mundos do futuro,
da celica Sião as aureas portas!

Ó phantasia, adoro os teus caprichos,
teu férvido delirio, e os mil lavores,
que, da vida no lugubre tecido,
com brilhante matiz de seda e oiro
bordam esses teus dedos delicados!

Tuas candidas azas, volitando,
ora da India augusta em céus de fogo,
ora nos ares limpidos da Grecia,
reflectiam nas plumas transparentes
d'um, d'outro céu os gratos resplendores.
Além as maravilhas monstruosas,
aqui, na Grecia, o berço predilecto
de teus filhos gentis, a flux jorravas
um vasto mundo de ficções ridentes.
Atraz do roseo véu, onde se esconde
a núa natureza, dançam nymphas,
brota do espumeo berço a formosura,
no igneo carro do fervente Apollo
campeia a poesia alti-sonante,
naiades brincam no cristal das fontes,
vibram entre os cerrados arvoredos
das Dryas festivaes sonoros risos.
Com um simples aceno povoaste
de deuses folgazãos a soledade,
e o homem, que vagueia triste e mudo,
sorri-se consolado, vendo os faunos
dançarem sobre as ramas; vê na lua

deslisar brandamente a casta deusa.
Vagas aspirações, que n'alma sente,
em torno lhe volteiam, adornadas
do manto de esplendor, com que as revestes.

A voz tremenda da verdade eterna
soou na Palestina, e affugentou-vos,
risonho bando d'avesinhas doidas!
Clarão que emittes, luminosa deusa,
vem offuscal-o a luz do sol do Golgotha!
Mas ai! não morres, não! A pouco, e pouco,
desenrolas a tela incantadora,
em que espalhas um novo colorido.
Teu fervente pincel, por entre as brumas
do mystico scismar, derrama o fogo,
que dardeja na fronte procellosa
do vidente de Pathmos, e aos extasis
dos ascetas revelas os incantos
da azulada mansão, onde campeia
de Deus o throno circumdado d'anjos.
Mais audaz, esvoaças sobre os campos,
sacudindo do véu, que auras perfuma,
outro mundo subtil, vago, incorporeo,
que o ar povôa, que povôa as selvas.

Poisa o sylpho no calice das rosas;
a meiga fada, envolta em vestes candidas,
deslinda, junto ás fontes, as madeixas

d'oiro subtil, ou d'ébano ondeante;
das aguas o cristal, ermo das nymphas,
vê surgir vagamente do seu seio,
d'alga verde c'roada, a triste ondina.
E o duende travêsso folga e dança
nos paúes, d'onde os satyros fugiram.

Mas ai! se os teus doirados panoramas,
o teu mundo risonho, são consolo
ao triste, que, entre as sombras da amargura,
vê correrem-lhe a flux dias monotonos,
se a turba dos poetas, dos artistas,
o genio incendem no teu sacro fogo,
e bebem no teu calix diamantino
o férvido licor do enthusiasmo;
se o espirito, que arde na tua pyra,
resurge, e aos céus n'um impeto se arroja.
como a aguia da antiga apotheose,
tambem ah! quantas vezes não preparas,
a quem cego te adora, tristes quedas!
quantas vezes ao louco viageiro,
mostrando-lhe os incantos arredados,
phantasmas vãos que no areial doidejam,
lhe não fazes deixar tranquillo oasis,
onde entre flores corre manso arroio,
onde, sem atavios, e requebros,
se ostenta a natureza desornada,
donairosa e louçã na singeleza!

Henrique foi o insano viajante!
Entre o remanso placido da aldeia
a vida lhe corrêra venturosa,
se tu, ó phantasia, com teus prismas
lhe não mostrasses quadros deleitosos
do mundo social, que elle julgava
ser do talento a terra promettida,
a fertil Chanaan, onde viçavam
loureiros a granel, para enramarem,
c'o a verde folha, um mundo de poetas!

Foi logo ambito estreito o lar paterno
aos vôos da ambição, que procurava
espraiar-se nas fulgidas espheras,
que via em mil visões.
Tudo era prosa
n'esse mundo pequeno, que o cercava.
Enojavam-n'o as mil futilidades
das palestras do adro aos dias santos.
D'aguia sentindo em si azas possantes,
viver entre pardaes! ser confidente
das iras do prior, representante
da facção clerical, que via a igreja
abalada pela impia propaganda
d'um regedor—Voltaire, que prégava
ao pobre sachristão fataes doutrinas!

No amor devaneava os sacrificios,
o ciume, os receios, as insomnias;
a suave entrevista á meia-noite;
a furto branca mão entre-abrindo
a discreta cancella; o volver d'olhos,
que, na frivola phrase proferida
na palestra geral, doce poema
encerra de mysterios e de amores;
a valsa doidejante, em que se cinge
a debil haste de flexivel lyrio,
que exhala meigo aroma que inebria;
impecilhos a mil, talvez um rapto;
um pai feroz, e toda a mais caterva
de crús tyrannos de gentís donzellas.

E, em vez d'isso, só tinha a loira prima,
a linda flor dos campos, casta, ingenua,
cujo nascente amor se revelava
no arfar do peito, quando via Henrique.
Obstaculos nem um; seu pai sorria-se
de prazer, só á idéa do consorcio.
Passeava com ella a toda a hora
na floresta, na varzea; aldeãos rudes,
de mãos callosas, seus rivaes só eram!
Que tedio! que fastio!
Não podendo
refrear por mais tempo os seus desejos,

revelou-os aos pais; os bons dos velhos,
inflammados no fogo da eloquencia,
que manava dos labios de seu filho,
viram-n'o já ministro, par, monarcha,
sim, monarcha talvez, que Bonaparte
devaneava, nos fraguedos corsos,
a c'rôa, e a c'rôa foi cingir-lhe a fronte!

Partiu. Dos pais e de Maria o pranto
fêl-o hesitar talvez, mas veio o prisma,
o roseo prisma, que em gentís cambiantes
refrangia o fulgor dos horisontes,
que se lhe iam rasgar. Eil-o a caminho.

Imaginem o nosso provinciano
em plena capital, vendo uma Résia
em cada flor da estufa de S. Carlos,
em cada bom burguez um sultão féro;
mirando attento o lustre, porque os lyrios,
do sceptro d'Oberon, não perpassassem
sem que elle os visse bem.
Ah! gentil sexo,
que boa preza vos depara Henrique!
como com risos mil voar fizestes
a macia pennugem d'este pomo
dos campestres vergeis, como calcastes
a folha e folha as illusões risonhas!

Mofaram umas d'elle, outras, rendidas
ao fulgor dos seus olhos, ajustaram,
com o candido heróe, uma entrevista,
d'onde voltou, trazendo um bom defluxo,
o pescoço torcido, prosa á farta,
nos pulmões uma nuvem de poeira.
Outras... emfim a pouco e pouco a imagem
da priminha gentil foi avultando
no ingrato coração, que a repellira.

Mas que importava o amor? O homem austero,
conscio do seu dever, repulsar deve
paixões effeminadas; este ao menos
é o pensar da varonil Minerva.
Lembra-se inda o leitor do bom mergulho,
que Pallas, disfarçada em Mentor grave,
fez tomar ao Telemaco bisonho,
para o roubar aos languidos feitiços
da rosea nympha, Eucharis voluptuosa!

Igual resolução inspira a Henrique
a deusa, que, descendo lá do Olympo,
na mente se encaixou d'um deputado,
o que mais uma vez prova a certeza
d'esse proverbio: *Où diable la sagesse
va-t'elle se nicher!*

O bom do homem,

do pai do nosso heróe antigo amigo,
propoz-lhe affoito entrar na vida publica.
Acceso Henrique em fogo enthusiasta
intenta logo viajar na Europa,
estudar, confrontar leis e costumes,
vêr de perto o jogar das finas molas,
que dirigem as machinas politicas,
tomar emfim cabal conhecimento
da difficil sciencia do governo.

Debalde representa o pai da patria
que é inutil o estudo, e caso novo
aprender essas coisas quem deseja
ser da nave do Estado mareante.
Bastava aproveitar os bens paternos
em conquistar do povo os puros votos,
intrépido apoiar toda a medida
que o governo apresente, defendel-o
com pulmões de estentor n'um «apoiado»,
que faça estremecer a minoria!
Sorri-se de despreso o pobre louco,
que é, por desgraça, heróe d'este poema.

Eil-o, munido já de boas cartas
para os embaixadores; parte, corre
a Grã-Bretanha e a França, entra na roda
dos grandes estadistas, espantando

a todos tal saber em annos verdes,
agudeza, talento vivo e prompto
em perceber os mais subtís segredos
da subtil diplomatica; já volta
á patria, onde o precedem mil louvores,
gabos mil, com que vem recommendado
seu prestimo e saber, seu vivo engenho.

Entretanto seus pais tinham morrido,
com dias d'intervallo; os pobres velhos,
só á custa d'immensos sacrificios
(que sempre lhe escondiam) sustentavam
a final as viagens dispendiosas.
Morreram, e a tutella da sobrinha
ficou a um velho amigo, um d'estes homens,
patriarchas do campo, em cujo tecto
se abriga o meigo enxame das virtudes,
que o mundo ignora, mas que o céu conhece.

Henrique, mal que soube a triste nova,
que dôr profunda lhe causou, julgando
fazer um acto de memoria eterna,
que desbancava, em são desprendimento
das riquezas do mundo, Cincinnato,
Fabricio, e quantos narra a antiga historia,
da herança desistiu, doando á prima
os bens paternos, que eram seus agora.

Eram dividas só; sorriu-se apenas
de Maria o tutor, ao ler a carta,
mas não desilludiu o ingenuo moço,
que entrava em Portugal, ufano, emtanto,
julgando vêr aberta a honrosa estrada,
onde podia á patria mil serviços
prestar, e ao nome seu gloria brilhante.

O Mentor deputado já sabia
que bens herdára Henrique, e o bom amigo
informára o ministro da pobreza,
da isenção de genio honrado e puro,
do saber, do fervente amor da patria,
e outros erros graúdos, que ferviam
na mente do neophyto politico.
Assim, depois d'um mez d'intimo tracto,
o ministro enlevado, extasiado
na copia de instrucção, juizo pratico,
no claro raciocinio e bons intentos
d'Henrique, resolveu-se logo, logo
a dar-lhe um bom logar... d'amanuense.

Foi grande a queda, foi! Dos altos cumes
onde o poisaste, ó louca phantasia,
na lama desabou!
Atordoado
poz-se a caminho da paterna aldeia.

O resto sabeis vós, leitor amigo;
mas não sabeis, nem elle, que essa casa,
onde pôde abrigar-se da procella,
era a mesma onde a prima encantadora
encontrára tambem suave asylo.

III

Sentís o vento? É grave, é magestosa
a voz do vendaval, e triste, triste,
como o gemer da rôla abandonada,
como o plangente suspirar do orgão!

O vento é a voz dos mortos deslembrados,
das infindas tristezas da existencia.
Se a vaga narra a historia dos naufragios,
traduz o vento as paginas dispersas
do livro das saudades, e tradul-as
n'essas notas tão cheias d'amargura,
que ulula á noite, a doidejar no espaço!

Henrique, eil-o inda só junto á lareira!
Rasgou-se o ultimo véu que lhe escondia
as sombras do viver; vira o reverso
do brilho que ostentára, os sacrificios
dos pobres pais luctando c'o a miseria,
c'o a pallida miseria, que poisára
a final junto ao lar dos santos velhos,
que julgavam tambem que era o talento
quem abria os portões dos aureos templos
da fortuna e poder; que mundo este
em que taes devaneios são loucuras!

E o nosso heróe scismava; horror profundo
ensombrava-lhe a mente, e emtanto o vento
gemia no pinhal; batia a chuva
incessante nos vidros, e a fogueira
illuminava o quarto solitario!

Ó oasis tranquillo! ó leda infancia!
lindos sonhos, que em rapidos lampejos
sulcais d'essa alma lacerada a noite!

Era este, este o porto bonançoso,
d'onde saíra aos mares procellosos!
este o remanso, o placido conchego,
que, louco, abandonára; ó vãs saudades!

Lá fóra a tempestade; a pouco e pouco,
esse doce calor, esse silencio,
quebrado pelo cantico monotono
do grillo zunidor, que o lar habita;
esse vago perfume hospitaleiro,
que exhala sempre a terra, em que nascemos
coou-se pelas veias regeladas
d'Henrique, e affastou muito ao de leve
as sombrias imagens; lentamente
fêl-o caír na morbidez suave,
que nem é o dormir, nem estar desperto,
doce penumbra, em que se embebe o espirito,
e fluctua, roçando a ponta d'aza
no nebuloso mar dos vagos sonhos.

Dorme! dorme! prostrado viajante,
lasso romeiro, que de longes terras
voltas, onde a ventura em vão buscaste!
Embale-te o dormir meigo concerto
do vento que além geme, do granizo
que palra nas vidraças, e do alegre
gorgeiar das scentelhas crepitantes,
espiritos do lar, que alli volteiam!

Tudo é socego, e placidez, e encanto!

Mas descerra-se a porta, e um gentil vulto
vem manso e manso approximar-se a Henrique.
É o anjo do lar? o anjo da guarda?
o meigo seraphim, que vem do Empyreo
derramar sobre as ulceras d'essa alma
da sacra urna balsamo suave?

Rosto mais ideal, fronte mais pura
não sonhou Raphael, nem frei Angelico!
O aéreo pé mal toca o chão que piza!
Namora-se o azul céu nos lindos olhos!
Nas faces desabrocham puros lyrios!
Ri-se o coral nos labios pudibundos!

A apparição gentil pára e contempla
por longo espaço Henrique.
A fio o pranto
deslisa-lhe nas faces, vendo o rosto
pallido, e essa nuvem de tristeza
ensombrando-lhe a fronte; com voz frouxa,
em que ressumbram lagrimas, murmura:

Fugi sombras phantasticas
da noite do passado;
no céu purpureado
já vejo o sol fulgir!
E vós, meigos espiritos
dos candidos amores,
eia! juncai de flores
a estrada do porvir!

Já surge o dia esplendido!
Desperta, amado esposo!
Do vortice horroroso
brotou fada louçã.
Que importa a noite gélida,
se tudo é vida agora!
Tem canticos a aurora,
fragrancias a manhã!

Como, na fraga inhospita,
a virgem namorada
contempla, horrorisada,
o ermo, o vasto mar;
e o pobre noivo naufrago
ao longe vêr já pensa,
n'essa planura immensa,
c'o as vagas a luctar:

Tal eu, mirando pavida
as ondas d'esse mundo,
sentia no mais fundo
do peito entrar a dôr,
perdido divisando-te,
sósinho e sem conforto,
longe do brando porto,
longe do meu amor!

Eis-te a final, tão pallido!
cançado peregrino!
Ah! como o atroz destino
de golpes te crivou!
Que importa! o risco inglorio
não mais tua alma affronte!
poisa em meu collo a fronte,
que o raio fulminou!

C'o as roscas o desanimo
cingiu-te em frio enleio?
Aquece-te em meu seio,
que em chammas se incendeu!
Apoz a lucta horrida
baqueias suffocado?
Tocaste o chão sagrado,
resurge como Anteu!

Ouves? ao filho prodigo
festiva a natureza
acolhe, e se embelleza
com vivido esplendor.
Dos campos ao sanctuario
sómente Deus confia
o archanjo da poesia,
e o seraphim do amor!

Já surge o dia esplendido!
Desperta, amado esposo,
do vortice horroroso
brotou fada louçã.
Que importa a noite gélida
se tudo é vida agora!
Tem canticos a aurora,
fragrancias a manhã!

Era tão meiga a voz, qual será meigo
o murmurar da Virgem da Bonança,
ao aplacar as ondas procellosas.
Seu doce influxo embrandeceu as vagas,
que no peito d'Henrique tumultuavam.
Vago sorriso lhe adejou nos labios.

Ergueu-se, e murmurou: «Onde os phantasmas,
que o sonho me povoaram?»
Na lareira
a lenha crepitante em branca cinza
expirava! na vasta quadra sombras,
que arraiava luz vaga, que nas fisgas
das cerradas janellas se insinuava!

«Onde a meiga visão?»
Eil-a! Em silencio,
com o seio a arfar, e lagrimas na face,
Maria esp'rava esse tremendo instante.
E elle emtanto dizia:
«Da procella
nas azas negras vi pairar a morte!
Em torno a mim as arvores-espectros
dançavam; frio, atroz o desalento
na selva se aninhava espessa e escura!

«Não, não! murmura a voz melodiosa,
vê como tudo é luz, vida, harmonia!»

Descerra-se a janella! As cumiadas
doirava o sol, que faz brotar diamantes
nas gotas d'agua, pranto da tormenta.
Além a neve, do Gerez nos pincaros,

realça a candidez c'o a luz rosada!
Do sol os raios joviaes volteiam
em torno a Henrique deslumbrado e attonito!

Quem descrever podéra o vulto d'anjo
a quem cinge uma auréola celeste!
Oh! que meigo sorrir! que luz divina
nos olhos, onde brilha ultima lagrima.
Descerra os labios e murmura ainda:

«Que importa a noite gélida
se tudo é vida agora!
Tem canticos a aurora,
fragrancias a manhã!

«Maria» brada Henrique, e de joelhos
beija-lhe as mãos, delira, ri e chora,
do coração alfim solta estas vozes:

«Que importam tristezas, que importa amargura
se a luz dos teus olhos a vem dissipar?
Ai doido! não soube que tinha a ventura
no meigo regaço do ANJO DO LAR!»

FIM

CRITICA LITTERARIA

CARTA

DO ILL.^mo E EX.^mo SR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

AO EDITOR

AMIGO SR. PEREIRA:

Parabens e agradecimentos por este livro, em tudo novo, com que v. s.ª vai prendar a nossa litteratura. Boa fortuna para a publicação escusado fôra desejar-lh'a, pois a tem certa; affiança-lh'a o nome do autor, já com tanta razão popularissimo.

Todo o meu fim, escrevendo-lhe esta carta, e rogando-lhe o favor de m'a aggregar ao seu voluminho, é mostrar bem publica e solemnemente quanto o ser-me elle offerecido, e com tantos extremos de benevolencia, me deixou empenhado em gratidão.

Por aqui me pudera eu ficar; mas nós outros os ermitães somos palreiros de nosso natural: tomâmol-o das arvores do deserto, e dos passarinhos que nos visitam.

Consinta-me pois que, sem ir impedil-o, nem estor-

val-o, no seu trafego utilissimo, nem me demover a mim d'estas ociosas sombras que me estão abrigando da cidade e do estio, eu converse com v. s.ª a proposito do nosso poeta e do seu livro. Faça de conta que é uma viração fortuita que vai cá d'esta banda do despovoado dessual-o por alguns momentos no seu trabalho. Não lhe dê mais attenção do que ella merece, que tão desambiciosa nunca a houve.

E, antes de mais nada, devo-lhe declarar muito chãmente que desde que saí do seculo para esta cova ha já annos, se me entraram a confundir em tanta maneira as idéas da critica, do bello, da arte, da natureza, do verdadeiro, do falso, do sublime e do ridiculo, que hoje estou como pasmado no meio do que por ahi vai com este temporal desfeito de obras, de encomios, de satyras, de plasticas, d'estheticas, de filosofias e de transcendencias. Depois que se confundiram as linguas, eu, que ia subindo, humilde servente, de degrau em degrau, com o meu coche de cai á cabeça, e ambas as mãos apegadas aos banzos da escada, estaquei sem entender mais palavra nem aos aprendizes nem aos mestres; e tão ourado do juizo, que ás vezes se me entrefigura que o descer seria subir e o subir descer. Subam os outros que ainda crêem na torre, pois todos viram e comprehenderam, segundo parece, o risco e traçado do total da obra; subam, subam, muito nas boas horas; que eu, para me não precipitar, obedeci ao natural pendor: redescendi, e recolhi-me ao tugurio em que me criei. Continúo a ter para mim por bello e bom o que, sem dissertações nem subtilezas, todos sentem ser bom e bello; por feio e mau o que, tambem sem raciocinios nem argucias, repugna e repugnou sempre aos instinctos moral e intellectual do genero humano.

Fez-me Deus tão terrestre como isto, amigo sr. Pereira! Julgo a poesia como a abelha julga as flores, segundo lhe cheiram, ou não, a mel; e como a ave, por um tino que aprendeu lá muito em cima, despresa um sitio para o ninho, e elege outro.

E, se lhe hei-de dizer tudo que sinto, parece-me que se outros seguem regiões mais sublimes, a mais segura sempre será esta; porque o povo, tão alheio ao que se chama sciencia, porém mais achegado do que os sabios á natureza primitiva e genuina, tem um faro maravilhoso para aventar a poesia d'onde quer que ella lhe venha, e até é elle afinal de contas, elle o grande selvagem, e o ignorante por excellencia, quem aquilata com mais acerto as producções do talento, quem as mette na tradição, quem lhes dá a gloria perduravel.

Estarei eu paradoxando sem me sentir? Creio que não.

¿Pois não foi de certo o gosto do povo da Grecia quem tornou por lá vulgares e immortaes os hymnos religiosos dos Orpheus e Linos, os rompantes bellicos dos Tyrteus e Harmodios, as cantigas namoradas e nativas das Saphos e dos Anacreontes, os idilios dos Theocritos e Moschos, as tragedias nacionaes dos Sophocles e Euripides, as comedias conterraneas dos Aristophanes e dos Menandros, e as epopeias patrioticas de Homero?

Iguaes perguntas, e todas para iguaes respostas, se poderiam fazer sobre as litteraturas de todos os povos anteriores e posteriores áquelle grande povo grego, cem vezes maior pelos seus poetas e artistas (nenhum dos quaes saberia estremar *plastica* d'*esthetica*), do que pelo seu encyclopedico Aristoteles, de quem nunca porventura lá se ouviria fallar entre os populares, e nunca de certo nas conversações espontaneas e gratissimas dos gyneceus.

Regala-me poder conversar isto assim com v. s.ª, que é um juizo claro e alumiado, e que, lidando pelo seu officio só com livros, deve ter por experiencia aprendido que os mais queridos do povo, e os mais ás rebatinhas procurados, não são os das idealidades e abstracções mascaradas em litteratura e poesia; mas sim aquelles em que a natureza humana se apresenta como Deus a fez e o diabo a desfez em parte, em que o mundo fisico se pinta pelo natural, em que a sociedade se reproduz, em que as fabulas mesmo da poesia têem sua verdade, e toda a verdade sua utilidade, em que a patria que foi, ou que é, ou que se deseja, se debuxa para outras tantas lições, e em que finalmente, desde as concepções mais remontadas, até ao estilo e á linguagem, tudo é intelligivel, fluente, conchegado com a nossa indole, com a nossa criação, com os nossos habitos, e com os nossos interesses.

Um exemplo nos basta para provarmos tudo isto de uma vez:

Que autor ha ahi hoje em dia tão lido e relido, e tão copiosamente reestampado, como o nosso Camillo Castello Branco, cuja laboriosa vida Deus dilate para credito das boas lettras, incentivo e exemplar a escritores noveis, que tão esmarridos e transmontados se nos andam?

Coisa da Providencia parece, que este autor, tão bem dotado para ajudar a reformação litteraria da nossa gente, reformação que de dia para dia está urgindo cada vez mais, é ao mesmo tempo d'uma fertilidade que nos está de continuo renovando a materia de que necessitam estes estudos, estudos sem nome, estudos sem cançaço nem tedio, mas estudos de momentosa utilidade. É uma fonte que mana sempre, e sempre suave, e sempre limpida, e sempre retratando: ora as amenidades e coisas terrestres,

ora os longes azues do ceo; que refrigera as sêdes, que fecunda os campos, e que Deus sabe se não irá lá ao diante em algum córrego emboscado dar impulso e vida a algum pobre engenho prestadio!

Todo o publico, homens e mulheres (que só ellas, ainda que não escrevam, entram com mais de metade nas reformações do gosto) almeja nunca farto pelos romances, que nunca cessam, do seu chronista filosofo predilecto. Não cançâmos de o ler, como não cança de escrever. São-lhe necessarios uns poucos de editores!

E pois que fallei de editores, entidade quasi nova ainda para entre nós, dê-me licença para lhe dizer o que a sua modestia ainda talvez lhe não deixou suspeitar:

O nome de Antonio Maria Pereira, já editor de Camillo Castello Branco, de Mendes Leal, de Julio Cesar Machado, e agora de Pinheiro Chagas, tem de figurar, se me não engano, com muito agradecido louvor na historia litteraria do nosso tempo.

Editores por mera especulação mercantil são alquiladores ignobeis e nada mais; ou, muito mais e peior, quando, não satisfeitos de contractos leoninos com os escritores, depois de os roubarem e despirem, os matam no meio do pinhal; mas um editor honesto e não leigo, que ama as lettras não só porque dão fructos de prata, mas porque são de si mesmas formosissimas, que sabe ver de envolta com o valor commercial de uma obra o seu valor intrinseco para a civilisação, que no imprimir não considera só a sua casa mas tambem a cidade, esse traz presente sempre ao animo que as horas do operario intellectual são muitas vezes roubadas ao descanço, ao somno, á saude e á vida, e até não raro aos commodos e futuro da familia.

Este editor assim (supponha que lhe fallo de outrem)

julga-se tão nascido para os que escrevem, como a elles para elle proprio; quer a fortuna em commum, pois em commum a anceiam e afanam; não é magarefe que, para avolumar oiro no seu bornal, merque rezes, e as conduza cabisbaixas ao matadoiro: é pastor que leva estes pobres animaes imprevidentes aos melhores pastos e aguas que sabe e póde, e se delicía de os ver fartos e contentes no seguro das sombras que mais os medram.

E Deus afinal recompensa-o: faz-lhe brotar da generosidade a abundancia, que tantas vezes falha aos calculos do avaro: abundancia e abundancias: abundancia de dobrões e abundancia de amigos; abundancia de serviços á patria e abundancia de bom nome.

Aquelle tão sympathico e memoravel cavalleiro romano Pomponio Attico, bem merecedor do seu appellido, não sabemos nós que tem largo quinhão na gloria de Cicero, não só pelo ter a miudo esforçado no trabalho e encaminhado com a critica desinvejosa e discreta, mas como editor de suas obras? Se não fôra elle e Tirão, o erudito e zeloso liberto, que auxiliavam ao gigante da eloquencia na parte mais espinhosa e prosaica do seu lavor litterario, quem sabe quanto essa descommunal estatura, tão propria e tão digna da antiga capital do mundo, se não teria aguarentado aos olhos da posteridade!

Digo mais: o nascerem talentos, e grandes talentos, não é raro; o raro é favorecerem-n'os as circunstancias, e aproveitarem-se. Ninguem escreve senão para ser lido. A não ser essa fecunda ambição, o pensar só para si e de si a dentro, e ainda o não pensar de todo em todo, era muito mais commodo, e todos o preferiram. Mas como se ha-de escrever para ser lido, se do extramundo dos que estudam, meditam e compõem não houver uma ponte certa e

solida para o mundo dos que lêem? Esta ponte é a edição. Bemditas as mãos que a levantam! Bemditas para os de cá, e bemditas para os de lá: de lá nos vem a luz; de cá lhes vai a vida, o applauso, e o animo. Serviços e beneficios mutuos perfeitamente compensados.

A edição facil e segura é para o mundo do saber o que são para o mundo do haver as vias ferreas: nas charnecas e descampados por onde passam e repassam os vagões, desbravam-se os maninhos, levantam-se villas e cidades, nasce e cresce a industria da terra e das officinas, que já tem por onde desemboque e se derrame.

Quem me dera ver ainda em minha vida este nascente commercio de tão multiplices vantagens vingado ao maior ponto de substancia e dilatação! É o segundo dos meus grandes votos; porque o primeiro é, e será sempre, o da criação da escola primaria, facil, attractiva, rapidissima, onde todo o povo, por gosto e por obrigação, se matricule e se baptise para a vida social.

Como estas duas coisas se casam e coadjuvam harmonicamente! d'uma parte todos a saberem ler, e desde logo a desejarem-n'o! d'outra, os espiritos eleitos a desentranharem-se em livros bons para acudirem a essas cubiças; e de uns a outros a edição facil e prompta correndo como um aqueducto que traz das nascentes dispersas e longinquas as aguas para todas as ruas, para todas as casas, para todas as fabricas, para todos os hortos e jardins, puras, sonoras, festejadas, resplandecentes, saudaveis, alegres, criadoras!

Os livros, quaes se devem desejar, de profiquidade, de barateza, e de agrado, antevê-se que os poderemos chegar a ter, e por elles muita civilisação, como ás chuvas depois das grandes sêccas costumam os lavradores cha-

mar gotas de oiro; mas ha-de tardar ainda em quanto se não entender que a escola é para criar ledores, e em quanto para editar as obras se não organisar uma sociedade possante e protectora, uma companhia do gaz intellectual que para se opulentar faça no meio da ignorancia publica jorrar as luzes por toda a parte.

Parece-me, meu amigo (tome o pulso ao seu animo e não discordará) que ninguem estava ahi mais proprio a todos os respeitos para se propor com os seus confrades uma tal empreza.

Se é isto sonho, não me acorde, que é delicioso; sonhe commigo: imagine-se já no centro d'um vasto e formoso armazem de livros, contiguo e mistico a uma typografia de primeira plana, expedindo litteratura e sciencia para todos os pontos de Portugal e Brazil, talvez para muitos da Hespanha e de outras partes, recebendo d'aqui e d'ali manuscritos, cuja existencia lhe é originariamente devida, e cujos autores, pouco antes desconhecidos ao publico e a si proprios, accenderam a sua actividade na do editor, e ficarão trabalhando, porque já vêem um fim e muitos fins no seu trabalho.

E não ha só fructos; ha tambem flores nesse grangeio: ahi se encontram quotidianamente, como nas lojas dos Sosias de Roma os Virgilios, os Livios, os Horacios, os Sallustios e os Tibullos, os que estudam e escrevem, e necessitam de se ir espairecer o animo e refocillar o espirito no tracto com os seus collegas: é uma academia fortuita mas activa em que uns a outros se ajudam com a animação, com as noticias, com o bom conselho, com a critica amigavel, até com a emulação, e se consolam de mordacidades invejosas, e muitas vezes parvoas e ignaras, aspirando já uma não sei que viração fecundativa que vem lá

das bandas do nascente, da posteridade, alentar brios para a conquista difficilima da gloria.

A isto chamei flores enlevado no deleitoso; mas, se bem as espreitarmos por dentro, e a fundo, ainda nellas se nos descobrirão mais fructos e melhores.

Muito ha que me eu pergunto a mim d'onde proviria esta enfermidade que hoje grassa por tantos espiritos, e de que até alguns dos mais robustos adoecem, que faz com que a litteratura, e em particular a poesia, anda marasmada, com fastio de morte á verdade e á simplicidade, com o olhar desvairado e visionario, com os passos incertos, com as cores da saude trocadas em carmins postiços; os trages singelos e proprios, em roupagens pintalgadas de doida; e a voz tão frouxa por mais que forceje em n'a engrossar, que nem acorda ecos pelas almas, nem se levanta aos entendimentos, nem penetra nos corações, nem deixa ás memorias algum vestigio.

É um grande mal, sem duvida, e pegadiço de mais a mais: esterilisa o presente, e ameaça os successores:

Nos nequiores mox daturos
progeniem vitiosiorem.

Veiu isto aos engenhos juvenis, como aqui ha annos deu a praga nas larangeiras, que iam deixando as noivas sem grinalda; nas vinhas, que iam dando cabo do sangue dos velhos e da alegria das mesas; e nas oliveiras, que pouco faltou que não deixassem as lampadas ás escuras.

São ares ruins que ás vezes cursam, ora pelo vegetativo, ora pelos corpos animados, ora pelos entendimentos, e pelas vontades tambem, sem que se possa dizer ao certo d'onde se geraram, nem como, nem de quê. Tão difficultosa é por isso a cura de todas essas pestes.

Nestes apertos é que o instincto aconselha as preces:

. . . quid enim nisi vota supersunt.

Eu por mim faço-as aqui no meu deserto onde cuido que inda o contagio não chegou; e faço-as, com muita fé e esperança não direi, mas com entranhada caridade, posso affirmal-o. Pois não sei de maior lastima do que ver assim enfermissas, e prevêr mortas para dentro em pouco, almas das mais bem nascidas, e que podiam gozar-se de uma eternidade.

Lembra-me que uma das causas a que o mal se poderá attribuir será a falta de convivencia mutua d'estes pobres mancebos, que, tendo sido pela natureza predestinados, se fazem precitos; que, talhados para resplandecerem no pantheon d'aquelles genios, que os seculos ficam adorando, se condemnam ás trevas proximas do limbo, onde cairam para todo sempre os Marinis, os Gongoras, e os Jeronymos Bahias.

Attribue a baroneza de Stael a originalidade dos escritores allemães ao viverem-se elles disgregados e solitarios, criando e alimentando cada um para si uma filosofia, uma arte, uma religião, um moral e um ideal, e logo até uma linguagem independente e incommunicativa com as demais filosofias, artes, religiões, moraes, ideaes e linguagens.

Assim será; mas cumpre accrescentar áquelle reparo outro reparo; e vem a ser que, de todos esses fabricantes de mundos imaginarios e exclusivos, nem todos, nem a maior parte, nem muitos, nem quasi nenhuns, vão ao catalogo dos homens que a humanidade acceita decididamente; senão que a maior parte, depois de um rapido lu-

zir e um pouco de estrondo (quando o fazem) desapparecem como meteóros, deixando o logar a meteóros novos, que igualmente se aniquilam.

Moysés disse que Deus vira não ser bom que o homem estivesse desacompanhado; mas era num paraiso com sciencia infusa, e recem-animado do sopro divino. Fallou Moysés como duas vezes profeta: profeta do passado e profeta do futuro. Não é realmente bom que os homens vivam disgregados: «Onde estiverem dois ou tres, disse o proprio Deus, ahi estarei eu.» Isto é, onde os individuos puzerem em commum os entendimentos, as forças, e as vontades, ahi apparecerão os milagres que desenvolvem o mundo, que aperfeiçoam a nossa especie, e progressivamente a felicitam.

São estas já hoje em dia verdades triviaes que ninguem contesta, com que todos se conformam, e a que todos servimos, até sem o pensar, levados do espirito do seculo.

Descendo, e particularisando, acho pois que, se apparecesse na capital das nossas terras este verdadeiro gremio litterario com tão multiplices attractivos, dentro em pouco, senão logo, o tracto e convivencia dos velhos e dos moços, dos que possuem o saber feito de experiencia, e dos que possuem a audacia temeraria do sangue em cachão, dos que leram muito, meditaram muito, e erraram muito, e dos que ainda têem muito e quasi tudo para ler, para meditar, para errar, e para acertar, corrigiria uns por outros excessos; os seixos rojados promiscuos na torrente, vão quebrando suas asperezas e arredondando-se; uns, pequenos, se eram pequenos; outros, maiores, se eram maiores; cada qual de sua rigeza, de sua côr, de sua indole, mas todos afinal polidos e trataveis.

Porque é que Athenas foi Athenas, o viveiro uberrimo

do bello sob todas as fórmas imaginaveis? Porque ali as artes e os artistas, sob os olhos dos deuses e das mulheres, conviviam familiarmente, e perennemente se interinspiravam.

Como é que os Médicis criaram um seculo de gloria? Attraindo e aproximando os espiritos bemfadados para ella.

Porque é París a capital da intelligencia, a pacifica revolucionaria civilisadora do mundo, a arbitra do gosto universal, e a que vai infiltrando de continuo a sua nas outras linguas? Não é de certo porque os seus habitantes sejam de outra massa, nem os seus ares mais inspirativos que os de Florença, os da Attica, e os de Portugal. É porque em París reside toda a vasta França intellectiva, e cada um ali é estimulado por todo o pollen que se effunde de quantos o rodeiam.

Então, digo eu, descendo outra vez d'estes maximos exemplos: o que por lá se deu e dá em tão grande auge, porque se não poderia dar tambem cá em ponto pequenino? porque nos julgaremos tão fóra das condições humanas, tão inertes, tão ingalvanisaveis, e tão malditos, que não possamos aproveitar muito para a nossa cura litteraria com estas e semelhantes congregações?

Outro alvitre em secco, já que neste meu bosque, e pelo tempo que vai correndo, se não póde fazer coisa que mais valha.

Confessei eu não saber de que se originára a feia doença de que anda trabalhada a nossa poesia, e em geral a nossa litteratura, e na minha boa verdade que o não avento. Se já alguma hora tiveramos chegado a um *non plus ultra* de perfeição, se tiveramos tido um arremedo sequer de seculo d'Augusto, entendia-se a decadencia; que do

summo não se passa, nem no apice se permanece; assoma-se lá a grande custo, e redescende-se rapido, quando não é com precipicio e despenho. É o que a historia litteraria mostrou sempre.

Corromper-se porém em tanta maneira uma litteratura que nunca chegára devéras a amadurecer, grande enigma, grande confusão, e grande lastima! Querem alguns lançar as culpas a certos exemplares estrangeiros mal folheados e peior entendidos, obras de homens grandes sim, mas de homens; estranhamente mescladas de muito bom e de muito mau; fascinadoras pela novidade e esplendor do estilo, que, visto de longe, e por estrangeiros, ainda parece mais formoso, e engana muito mais. O inexperto devora tudo aquillo por junto e sem escolha, como o tubarão engole, na cegueira da sua gula sofrega, o alimento e o ferro, as carnes e os arpeus, o que o póde sustentar e o que não póde deixar de o destruir.

Os espiritos noveis e boçaes, capazes de doutrina, mas sem doutrina, nem paciencia para a grangearem, em vez de fazerem, como as discretas abelhas de Lucrecio, a selecção dos succos proprios para o mel, regeitando o que nos mesmos bosques floridos, a par com esses nectares se cria de mais baixa natureza, e até damnosa, preferem, pelo contrario, quasi sempre o que mais houveram de evitar.

A ser esta de feito a causa, ou uma das maiores causas, do derrancamento que no gosto litterario se deplora, um remedio, senão certo, ao menos para tentar, seria o fazer-se contra o veneno d'esses livros triaga com outros livros. As feridas da lança de Télepho curava-as a mesma lança. Assim se tem já visto, e se está vendo todos os dias, remediar a imprensa graves estragos d'ella mesma occasionados.

Se a affectação e a enfatuação, se a falsa grandeza, que não é senão tumidez ventosa, se a ambição e incongruencia dos ornatos, se as palavras em logar de coisas, as argucias em vez de pensamentos, a sobegidão nauseabunda anteposta á parcimonia que sustenta e robustece, e o relampaguear havido por alumiar, se tudo isto combinado em diversas proporções, segundo variam as indoles, as horas, ou o grau da doença dos escritores, constitue em resumo a desgraça de muitissima da nossa poesia actual, parece logo que o tratamento per si se está aconselhando: deverá consistir em se trazerem outra vez para a mesa litteraria os alimentos substanciaes, simplices, e sadios que nos deixaram as edades antigas reputadas por mestras, e por mestras confirmadas do gosto universal, que isso e nenhuma outra coisa quer dizer *classicas*.

Leia embora quem quizer, e nas más horas imite ou desfigure, certos livros novos de que pouca noticia porventura chegará aos nossos netos; mas releiam-se e meditem-se ao mesmo tempo os que de geração em geração, e ainda depois de mortas as linguas em que foram compostos, têem resistido a todas as revoluções e transformações, e são ainda tão vivos e vivazes como nos dias da sua primitiva florescencia, senão mais; trasladem-se os eternos exemplares da Grecia antiga e da antiga Roma para a *linguagem hodierna*, com o desvelo e respeito que merecem.

Acceite-os, festeje-os e vulgarise-os a sociedade editora, já que a outras portas se tem batido em vão com este rogo; e não haja receio de que o beneficio lhe saia oneroso.

Muito de proposito fallo dos modélos romanos e gregos, e de boamente accrescentára ainda os escolhidos da França, da Italia, e de qualquer outro paiz, e omitto para remedio ao mal os chamados classicos portuguezes.

E porque os omitto eu? Não serão estes, alguns d'elles pelo menos, crédores de muito apreço? Sem duvida que o são, especialmente como celleiros de linguagem para quem a sabe escolher e aproveitar, que não é ainda assim tão facil cirandagem como parece; mas como os chamados classicos portuguezes se não podem trasladar á lingua de hoje, e só a lingua de hoje póde ser a lingua para hoje, como a actual já não poderá servir para o anno de dois mil, nem sequer para o anno de mil e novecentos, assim não é de taes livros que se ha-de ir tomar o remedio para a nossa poesia enferma.

E já não quero condemnal-os por muitos outros respeitos, que bem o pudera.

Com o estudo dos nossos poetas quinhentistas, se a mocidade se pudesse jámais resolver a acceital-os em troca dos livros á-la-moda, que a enfeitiçam e a trazem derrancada, o mais que se lograria fôra substituir a uma doença outra doença, a uns vicios outros vicios, a uns despropositos outros despropositos.

Mas larguemos já por mão esta ultima parte do assumpto, que, em se fallando de classicos portuguezes, logo ahi se levanta um pé de exercito de amoucos, fanaticos das nomeadas velhas, que só com a vozeria vos lançarão em fuga; catervas tão desalmadas que nem á pobre escola primaria perdoaram; e imaginam formar a linguagem, o estilo e o gosto de homensinhos de sete e menos annos, de mulheres ainda todas em botão, emfim da cidade de ámanhã, que é dizer ainda mais que da cidade de hoje, obrigando-os, e obrigando-as a ler, a decorar, um portuguez que de dois seculos para cá já se não usa, e do qual, em virtude da lei das progressivas metamorfoses, fôra impossivel dos impossiveis que se tornasse a usar nunca jámais.

Essas chrestomatias não trazem sementes, trazem cascabulho; não pucham para o futuro, repulsam para o passado; não abrem os olhos, vendam-n'os; não afinam os ouvidos, tapam-n'os; não engrandecem a alma, apoucam-n'a; por livros se vendem, e não são senão esquifes de mumias, condemnadas a uma profanação posthuma desmerecida, espantadas com a luz de um mundo que não é o seu, impotentes, hirtas, geladas, vestidas no trage do seu tempo, e apontadas (não póde ser senão por escarneo) para figurins de modas.

Mas deixemos tudo isso, repito, que me fino com medo de tal gente, e tornemo-nos aos verdadeiros antigos naturalisaveis:

Para se haverem por medicinaes para a litteratura contemporanea estas versões, a primeira condição era que, sendo copias, parecessem originaes; e não passando de fotografias, se representassem viventes. Agra difficuldade composta de mil difficuldades, não o dissimulemos; façanha que immortalisou a Bocage, e de que raros exemplos depois d'elle, e ainda assim muito a medo, se poderiam apontar.

Virgilio e Horacio, por não fallar senão de dois poetas maximos do maximo seculo, têem sido por muitas vezes tentados trasladar para os nossos altares; mas é tal o peso d'aquelles dois collossos, tão delicada e melindrosa toda a sua escultura, que ainda se não logrou demovel-os. Tanto é mais facil destruil-os, que levantal-os sobre outras bases.

A lira de Horacio para ahi a trouxeram o mui sabedor Elpino Duriense, o mui devoto Filinto Elysio; mas como? tão destemperada, que nenhum eco se digna de lhe responder. A *Arte Poetica*, doze ou mais vezes acommettida, só appareceu *poetica*, e *arte*, depois que o sr. visconde de

Seabra lhe applicou o seu bello talento, assim como ás *Satyras* e ás *Epistolas*.

Ahi estão ainda depois de Elmano boas normas do traduzir.

Com o Mantuano ainda nos correm peiores fados: Franco Barreto e Leonel da Costa deslavaram-n'o. Lima Leitão e Odorico Mendes caldearam-n'o de aço, escureceram-n'o, entenebraram-n'o. O pobre poeta, topando naquelles dois calhaus do Parnaso, deu-lhe o tetano, e morreu. Candido Lusitano cozeu-o sem sal, e deliu-o. Barreto Feio, se para si o entendia, não nol-o deu a entender a nós; perdeu-lhe aquella nativa fluencia, que era o seu maior encanto.

É porque nenhum d'estes era poeta. Como podiam pois representar-nos um tão formoso gigante de poesia!

Seja como fôr; e embora attenuemos o peccado de todos estes com o de Annibal Caro, muito classico de sua lingua, muito comprehensor do latim, muito confidente de Virgilio, porém interprete seu, força é dizel-o, muito semsabor; o grande caso é que esse protótypo do mais apurado gosto, Virgilio, que já, pouco mais ou menos, correu todo o mundo, ainda não chegou a pôr pé na Lusitania.

Será culpa dos ares? não, que os ares são italianos. Sel-o-ha da lingua? não, que a lingua é tambem latina; e tentado estava eu a applicar-lhe aquellas proprias palavras latinas do Venusino:

.... *Matre pulchra filia pulchrior.*

Da preguiça e descuido deve ser portanto. Não só se entreprendem esses trabalhos sem os necessarios cabedaes de saber e engenho, senão que se executam com frieza e negligencia. Talvez pelo erro de se cuidar que o traductor

não é autor; que na versão mais fiel não cabe muita criação; que no correr aposta preso de pés e mãos a par de quem entrou solto e expedito no estadio, e chegar aonde elle chegou, se não perfaz outra tanta maravilha, quando menos. Vêem-se chover as traducções de novellas francezas em desportuguez, obras quasi sempre maleficas e remaleficas, vergonhosas e revergonhosas, e imagina-se logo que todo o traduzir será aquillo pouco mais ou menos. Grave preconceito, e funesta injustiça, que algum dia se ha-de diminuir e acabar quando crescer, como tem de crescer, a illustração.

Ora imaginemos nós realisado, o que aliás não é facil, nem muito provavel (mas emfim tambem não é de todo impossivel) supponhamos que se chegava a ler Virgilio neste guapissimo semi-latim, ou latim melhorado, da nossa terra! que o seu cantar saía cá tão facil, corrente, e harmonioso, como já soára aos ouvidos de Mecenas e Augusto! que os seus pensamentos, tanto os principaes como os secundarios, nos chegavam sem quebra, nem desfiguração! que era a mesma verdade, a mesma naturalidade, a mesma luz suavissima, a mesma divina fragrancia de ambrosia! Que influxo não exercêra para logo na conversão e reformação dos estudiosos um tal e tão autorisado exemplar! Que mancebo haveria ahi tão desatinado e tão empedrenido no peccar contra a razão e o gosto, que, medindo os seus improvisos por aquella poesia meditada, se não corresse de salutar vergonha, e não puzesse desde logo peito a mudar de vida e de caminho? Qual seria o critico de bem, que, havendo de julgar poemas, os não contrasteasse, pelo seguro, nesta finissima pedra de tocar?

Haveria d'ahi por diante menos safra, porém melhores

fructos; e nisto de fructos vale mais o peso do que a conta; mais o pouco, assazoado, do que o muito, péco, bichoso, e doentio.

Em quatro pobres versos, princípio d'um soneto, dizia um poetastro do seculo passado o que aos da nossa edade muito mais á propria se applicára:

> Trovejaram os poetas da manada,
> e seguiu-se uma chuva muito fria
> de versos, que nos campos da poesia
> mui grande estrago fez co'a enxurrada.

Quem não vê que se a *enxurrada* vai neste crescer e soberbia, breve chegará de monte a monte, deixando afogadas as melhores esperanças? Quem não vê que vem tornando a contagiosa escola dos conceitos, das subtilezas, das vanidades discretas, dos alambicamentos metafisicos, das bategas de flores, de perolas, de diamantes, das mariposas, das estrellas, das azas de anjos; a anarchia, o turbilhão emfim de todas quantas imagens udas e miudas ha, e póde, e não póde haver, para usurparem o logar devido ao pensamento e aos affectos; a mascarada das figuras em summa, as saturnaes da fantasia, a soltura das floraes? Vem lá outra vez a *Fenis Renascida*, vem, se não chegou já:

> Este Jasmim, que arminhos desacata,
> essa Aurora, que nacares aviva,
> essa Fonte, que aljofares deriva,
> essa Rosa, que purpuras desata:

> troca em cinza voraz lustrosa prata,
> brota em pranto cruel purpura viva,
> profana em turvo pez prata nativa,
> muda em luto infeliz tersa escarlata.

Jasmim na alvura foi, na luz Aurora,
Fonte na graça, Rosa no attributo,
essa heroica Deidad, que em luz reposa.

Porém fôra melhor que assim não fôra,
pois a ser cinza, pranto, barro, e luto,
nasceu Jasmim, Aurora, Fonte, Rosa.

Para que se não engane alguem suppondo que tomei isto sem venia a algum contemporaneo, declaro que, por ora, é da propria *Fenis Renascida*, tomo 3.º, pag. 232, e foi escrito pelo sr. Francisco de Vasconcellos, que Deus guarde muito bem guardado, e tenha na gloria celestial, já que na terrestre não póde ser.

De tudo ha nas rajadas liricas de certos poetas, menos assumpto, ou menos o assumpto. Por elles se póde dizer o que, por certos oradores do seu tempo, tão galante como judiciosamente dizia o nosso padre Vieira:

«São alguns prégadores, como os sanchristães da aldêa, que no dia do orago cobrem o altar e o retabulo de tantos ramalhetes, que não se vê o santo.»

E já que fallámos d'este peregrino engenho, oiçamos uma sua confissão, que, tanto por ser de quem é, como pela doutrina que encerra, não faz pouco ao nosso proposito. Diz o bom do padre no prologo aos *Sermões*.

«Se gostas da affectação e pompa de palavras, e do estilo que chamam culto, não me leias. Quando este estilo mais florecia, nasceram as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando as encontrares); mas valeu-me tanto sempre a clareza, que, só porque me entendiam, comecei a ser ouvido; e o começaram tambem a ser os que reconheceram o seu engano, e mal se entendiam a si mesmos.»

Com os largos e correctos contornos que davam aos seus

poemas aquelles grandes antigos, gregos e romanos, cuja resurreição invocâmos, com a simplicidade e regularidade com que lhes distribuiam as partes, com o acerto e moderação com que lhes mettiam as cores, com a harmonia com que alternavam a luz e as sombras, fazendo de cada quadro poetico um prodigio, um monumento, e um protótypo, com tudo isso reunido que nos de hoje só desconnexa e fortuitamente se depara, que ensino e que documentos não viriam, ou não virão, dar ainda aos que pudessem, ou puderem, receber-lh'os! E de proposito ponho esta clausula, porque dos mesmos romanos era proverbio que nem de todo o madeiro se lavra um Mercurio.

Agora tenho eu pejo de confessar que na minha obstinação, já inveterada, e que tão pouco se me perdoa, de trabalhar no que se me figura que poderá servir, isto, que estou aconselhando, ando eu por minha parte a forcejar realisal-o. Provada a mão em Ovidio para me exercitar, afinal me tomei com o invencivel, e temo que inigualavel, de Mantua, a ver se lhe conquistava para a nossa lingua o mais perfeito de seus poemas — *A Georgica*. Nisso me ando todo; e com que empenho e amor, não o quero dizer eu, nem o denunciarão estas boas e caladas arvores que me ajudam no trabalho; só digo que, para melhor o auspiciar, a quatro grandes poetas amicissimos, e dignos todos elles de o avaliar, trago estes quatro livros desde todo o principio offerecidos: é o primeiro o nosso incomparavel Mendes Leal: poeta nos cantos, e poeta nos feitos; poeta como Amphião: para cantar, e para edificar; afortunado para quem já na vida começou a gloria posthuma. O segundo é Thomaz Ribeiro, o que logo no primeiro passo que rasgou nos jogos olympicos dos talentos, vingou a meta, arrancou a palma, e desesperou a inveja. O terceiro

é Pereira da Cunha, o filho mimoso, mas filho prodigo, das musas, que nos seus paços senhoris de Viana, contente com o remanso domestico e sua campestre bemaventurança, pendurou antes de tempo a lira, que tantos milagres ainda nos devia; e é o quarto emfim, para o *mel*, para as *flores*, e para as *abelhas* do meu Virgilio, e não o podia haver mais proprio, o meu e nosso Pinheiro Chagas.

Este bello nome, nascido hontem, e já hoje esplendido, me suggere um novo e derradeiro alvitre para a cura da gangrena que vai lavrando.

Instituíra o sr. D. Pedro v o Curso Superior de Lettras, pelo entranhado amor que desde a puericia lhes consagrára. Pareceu-lhe que d'aquelle seminario, a todos os cultores d'ellas como a elle proprio, mancebo sincero e estudioso, poderiam, directa ou reflexamente, advir grandes augmentos. Não houve ahi portuguez, nem lá por fóra estrangeiro generoso, que lhe não festejasse a obra, e lhe não levasse os intuitos em grande conta.

Combinado o plano dos novos estudos do melhor modo que então se poude, e deixado ao tempo e á experiencia o encargo de melhorar, entendeu o Monarcha em prover os diversos magisterios em sujeitos que por saber, applicação, e zelo os pudessem desempenhar.

Como todo o desvelo de El-Rei era o acerto (cerrado o sepulcro já se póde dizer isto) houve boa mão na escolha, com uma excepção unica; e ainda assim nesta excepção teve em desconto uma dita: que, se não achou a sciencia que buscava, achou a consciencia, que, mostrando-lhe o erro, lhe apontava caminho para acerto.

A cadeira de litteratura moderna é em verdade difficilima. A da litteratura antiga versa materias já de muito averiguadas e assentes; para a de historia não faltam sub-

sidios; para a de filosofia da historia tambem os ha; para a de filosofia transcendente ha ahi a pythoniza Allemanha para dar tudo, e mais que tudo, a quem a consulte.

Mas a litteratura moderna comprehende mais que uma Grecia e uma Roma: abrange a todos os povos. Contém mais que a historia e a sua filosofia: contém o trafego immenso e confuso de todos os entendimentos contemporaneos; assumpto sobre inexhaurivel inçado de espinhos, perplexo de incertezas, serpeando por labyrinthos, assombrado de contemplações, e roto de despenhadeiros.

A litteratura moderna vive e move-se em nós, fóra de nós, em roda de nós, ao perto e ao longe, sensivel aos olhos, aos ouvidos, quasi ao tacto, quasi ao cheiro, mas cambiante por essencia, perseguindo-nos e fugindo-nos como fantasmas, criando de continuo, perecendo de continuo, disputando de continuo, e, para mais aterrar aos Linneus e Cuviers que pretendessem ali classificar, crescendo de continuo, e sem limites.

Mas para que serve encarecer as difficuldades! Sim, que orça por infinito, relativamente á limitação do nosso espirito, e á brevidade da vida, o campo da litteratura moderna; comtudo, claro está, por isso mesmo, que não é toda a litteratura moderna, nem o mais d'ella, que ha-de ser o assumpto d'estas palestras: hão-de ser uns passeios como de botanico, apanhando á ventura com os seus discipulos, e enthesoirando para os albuns, o melhor e mais raro de quanto no livro infindo e vivo da natureza lhes occôrra.

Bem sabem nessas excursões os Broteros e Corréas da Serra que nem as horas, nem as forças, nem a comprehensão, permittem aproveitar senão as minimas parcellas, e que o mesmo aconteceu necessariamente aos que

desde os Theophrastos e Plinios até hoje têem explorado pelo mundo as paginas, todas diversas e dispersas, do inexhaurivel livro de Flora, e que outrotanto ainda ha-de acontecer aos continuadores de suas diligencias em todos os tempos. Sabem-n'o, sim, melhor que nós; e, não obstante, madrugam e anoitecem, e não descançam nem cançam, na investigação, porque esse pouquissimo que trazem é já muitissimo para a sciencia, e qualquer accrescimo na sciencia, incalculavel para a utilidade.

Assim, se me não engano, ha-de ser o professor de litteratura moderna: um eclectico, uma especie de abelha lucreciana: ha-de encher muito bem cheio todo o seu favosinho, muito concertado, muito cheiroso, muito rico, muito doce, muito cubiçado e muito prestadio, sem se lhe dar dos innumeraveis nectarios que deixou illibados para outros enxames, nem do brilho de tantas outras corollas que o namoraram com o seu matiz.

Isso fizeram, cada um a seu modo, e o melhor que puderam e se podia nas suas respectivas edades e circunstancias: em Italia, Crescimbeni, Quadrio e Tiraboschi; em Inglaterra, Blair; em França, Chénier — o tragico, Laharpe, Ginguené, Sainte Beuve, Villemain, Philarette Chasles, e em França tambem, mas para a litteratura de Portugal e Brazil, o nosso muito amigo sr. Ferdinand Denys.

Se o Curso Superior a alguns respeitos não parece ter nascido com as melhores fadas, de uma ventura se logra todavia, que não é vulgar: o merito de todos seus professores é real e reconhecido.

Quem mais talhado para nos introduzir á convivencia dos autores hellenicos e latinos que o sr. Viale, que se criou com elles, os conversa familiar, e os sabe de cór?

Quem mais proprio para nos representar viva e magni-

fica toda a nossa historia que o sr. Rebello da Silva, homem já d'ella, e cuja palavra inspirada e solemne é um sopro de vida no cemiterio das edades?

Quem mais feito para a historia filosofica do que o nosso Jayme Moniz, tão eloquente como profundo, espirito de fogo e ao mesmo tempo reflexivo, que todos os dias, e a todas as horas do dia e da noite, está mergulhando e estendendo no estudo dos livros serios as raizes já tão seguras do seu saber copiosissimo?

Quem, finalmente, mais congenito á filosofia transcendente, a essa uma das mais difficeis occupações da alma, que Sousa Lobo!

Que falta neste areopágo scientifico? falta o relator e juiz da litteratura moderna, e que seja homem digno de tomar cáthedra entre taes collegas. Falta, sim, e parece que por uma fatalidade incomprehensivel.

Ia occupal-a um mancebo que na imprensa dera de si mui gentis mostras litterarias; e, no momento de subir, apagou-lhe Deus a lampada interior; accidente duas vezes funesto, porque, deixando vago o logar, tornava impossivel o preenchel-o. O proprietario estava ao mesmo tempo vivo e morto: morto, porque a Providencia o condemnára á inacção; e vivo, para que o não pudessem render.

Era necessario acudir-se como quer que fosse a tamanha mingua: deixar-lhe o beneficio como justiça, e desempenhar-lhe o officio por affecto para com elle, e zelo para com a instrucção desamparada. Executaram o generoso sacrificio Rebello da Silva e Mendes Leal; o como, é superfluo encarecel-o.

A cadeira porém, depois d'estas apparições brilhantes e passageiras, tornou a ficar deserta, e deserta permanece com desherdação, não pouco lastimosa, para as nossas lettras.

É necessario e urgente que se lhe acuda.

Um concurso, como a lei o exige, fará, sem duvida, apparecer um digno supplente ao que fôra titularmente Lopes de Mendonça, e Mendes Leal e Rebello da Silva em realidade. Mas porque se não proveria interinamente, e desde já, o officio em pessoa cuja aptidão fosse provada e incontestada? Ninguem, quanto a mim, estaria mais no caso que Pinheiro Chagas.

Vi nascer para as lettras este mancebo, e ha ainda bem poucos annos.

Sou fraco decifrador de horoscopos. Pareceu-me de mim para mim que sairia um agradavel trovista, ou pouco mais. Não o disse, porque não tenho por officio ler *buenadichas;* mas, pelo contrario, animei-o a persistir, porque tambem não tinha certeza de que as minhas futurações fossem verdadeiras.

Louvado Deus, que mais falsas nunca as houve. Não tardou que se manifestasse.

Começou a radiar o estro, a patentear-se o inspirado ou o possesso do demonio da poesia, d'esse demonio, o mais antigo e irreconciliavel inimigo da fortuna. Os estudos que poderiam grangear tantos favores d'ella ao joven precito, filho do secretario particular e amigo intimo de um Rei, tambem mancebo, tambem possessor de talento, e justo apreciador de meritos,—os estudos graves, mal compativeis com as indoles essencialmente criadoras, de ver está se lhe repugnariam!

Os primarios, sim, que lhe haviam de ser instrumentos; devorou-os. As humanidades e as linguas tambem, e com igual avidez e gosto. Presentia já que tinham de conspirar com o seu destino.

A leitura, a meditação, ainda vaga e sem norte fixo, o

tumulto da sociedade, tão consentaneo aos seus annos e ao seu natural, e a observação dos caracteres e costumes, já tão superior á que naquella edade costuma haver, mal deixavam logar e vontade para as applicações que lhe exigia a carreira militar.

Seu pae servíra a patria com as armas, e poetava; mas a poesia no filho era cem vezes mais imperiosa e tyrannica: era mais deveras poesia: não admittia partilhas. Por ella despresou todas as outras distincções, e não pouco talvez do que o mundo alcunha prosperidades.

Vi-o com verdadeiro assombro crescer e gigantear de anno para anno, de estação para estação, quasi de dia para dia, até que dentro em pouco a sua grande profecia interior, que não podia elle deixar de a sentir, lhe saiu completamente realisada; hoje, quando tão larga vida lhe está ainda augurando tanto crescimento de forças, de conhecimentos, de meritos, e de nomeada, hoje o seu nome é já dos primeiros, a sua fama das mais extensas, os seus escritos dos mais festejados e relidos, e a sua fecundidade das com mais razão celebradas.

Eis aqui portanto, em meu entender, o homem que hoje preencheria, honrando-a, a cadeira de litteratura moderna.

Nenhum dos dotes desejaveis lhe fallece: conhecimentos já copiosos, ancia de os adquirir novos, juizo claro e de relance, gosto seguro, voz insinuativa, linguagem fluente e amena, recitação animada, e, para realce e corôa de tudo isto, uma d'aquellas descommunaes memorias, ao mesmo tempo de cera para receber e de marmore para conservar; memoria que maravilha a quantos a presenceiam.

Nunca me ha-de esquecer um serão poetico de que foram testemunhas estas mesmas arvores que me estão ouvindo.

Era por uma noite de verão; d'estas em que desde as estrellas até ás hervinhas, desde o frémito da folhagem até ao silencio, tudo a seu modo respira poesia; noite de Arcadia, noite de Virgilio, noite de Gessner, noite de Hugo.

Reuníra o acaso nos bancos de cortiça em roda d'este tanquesinho: Mendes Leal, Simões de Cabedo, Bulhão Pato, Rodrigues Cordeiro, Julio de Castilho, Silva Tullio, tão bem cabido entre poetas, e Pinheiro Chagas. Havia tambem senhoras, das que sabem e merecem ouvir bons versos.

Desejaram e pediram que se accrescentasse mais essa delicia ás do sitio, da estação, e da hora. Recitou cada um o que lhe occorreu.

. . . . . *Amant alterna Camenæ.*

Acontecia porém ás vezes que uma distracção, ou qualquer outra causa, quebrava a algum dos recitadores o fio do seu poema; outras vezes tambem, que de todo em todo não sabia de cór aquella de suas producções que nomeadamente se lhe requeria.

Era então, com pasmo geral, Pinheiro Chagas quem acudia como ponto, e pontualissimo, ou tomava a si a recitação de toda a peça. Dissereis que de largos mezes até áquella hora mais não fizera que preparar-se para um exame vago da poesia portugueza contemporanea. As testemunhas d'esta scena difficil de crêr já as dei em rol: são maiores de toda a excepção, e não são poucas.

Eis aqui pois, se jámais o houve, o propriissimo para um curso de litteratura moderna, o homem que tem em si mesmo os livros, que os sabe recitar, que sabe julgal-os, e que sabe, o que é ainda mais difficil, amenisar por tal arte a doutrina que todos lh'a hão-de por gosto receber.

E é isso com effeito o de que se carece. Quer-se e necessita-se uma escola da arte de escrever em prosa e verso, para onde, de envolta com os matriculados, concorram á porfia os curiosos, os estranhos, os sãos, os contaminados, e os mesmos adversarios, que as opposições não são menos uteis nem menos precisas na republica litteraria que na politica.

Tenho fé na illustração do governo, e fio que a lembrança não ha-de cair desaproveitada.

Antevejo-lhe todavia uma objecção que para entre nós, mal costumados ainda á liberdade do pensamento, não é por certo das mais pequenas.

Dirão alguns, e não faltarão logo ecos, dirão que o nosso preconizado padece da *esplendida bile* de Horacio; e se lhe metterem na mão a vara de censor não hão-de faltar coimas por esta anarchica republica.

Ponhamos de parte exagerações de todo o genero.

Pinheiro Chagas, e não fallâmos de homem que não conheçam todos, é de uma indole recta e ao mesmo tempo benevola; onde não encontra materia para louvar, mas entende que os delictos são veniaes, ou a pouquidade do delinquente os não torna perigosos, fecha os olhos, e passa adiante. Só quando, ou o prestigio do nome, ou a enormidade do exemplo, ameaça multiplicar o peccado de um em peccado de muitos, posterga respeitos e perigos, clama em alta voz que andam a lançar veneno na fonte publica.

É o que em Roma fazia o amigo e mestre dos Pisões. Escrevia o Codigo da Arte; e aos que tinha por violadores d'ella, fustigava-os; não com a ferula de pedagogo, mas com a zombaria, porque tinha por maxima que *o escarneo costuma cortar melhor e com mais força pelos abusos, do que não a acrimonia.* Diria alguem que, porque elle fez

satiras que haviam de durar a eternidade, se inhabilitou para mestre?

«Mas—insistirão—d'onde veiu a Pinheiro Chagas o dom da inerrancia?» De parte nenhuma; nem elle presume possuil-o, nem lh'o attribuimos nós, nem o ha em toda a superficie d'este globo de disputas. Expõe com franqueza os seus juizos; os fundamentos d'elles, submette-os ao exame e decisão do publico intelligente e imparcial.

Finalmente, clamarão. «Esses fundamentos nem sempre convencem a todos; e não faltará quem lhe appelle e agrave das sentenças.» É o que sempre aconteceu desde que existe critica, e sempre ha-de acontecer emquanto ella durar, isto é, em quanto o mundo fôr mundo. E não se póde d'ahi concluir com seriedade coisa alguma contra a critica; antes sim muito a favor d'ella.

Tão boa coisa é de si a critica, tão boa, tão boa, que onde succede desacertar, logo em si mesma encontra o correctivo. O que para as obras e para os autores é a critica, cirurgia moral de amputação e cauterio, é-o para a critica a mesma critica, para a critica de cada um, a critica dos demais, para a critica dos apaixonados, a critica dos insuspeitos.

Que o digam a França e a Allemanha; que o digam todos os paizes illustrados; declarem elles quanto não devem de progresso ao moderno espirito, cada vez mais desenvolvido, de livre exame, de livre censura, e de liberrima censura da censura.

Com estas agitações, ás vezes tempestuosas, é que sobretudo medra a arvore da sciencia. Que lhe importa a ella que nos tufões e redomoinhos, lhe fuja, arrancado, algum botão mal nascido, ou alguma folha efemera lhe desappareça? Sim, que lhe importa se a circulação da seiba se lhe

está entretanto activando, se as flores se lhe multiplicam, se a proxima camada de fructos ha-de vir mais grada e abundosa!

Que lhe importa, repetimos ainda, se do seu verde que lhe cai em torno do pé, e se desfaz, se vai providencialmente alimentando a sua futura robustez?

Não regeitarão a these, que para liberaes e filosofos é evidente; mas continuarão a murmurar contra a proposta d'este critico para a cadeira de litteratura moderna; e de meras hypotheses sacarão os argumentos em contrario.

«Theophilo Braga—dirão—Anthero do Quental, Vieira de Castro, talentos distinctos, e de já não pequena clientella todos elles, têem sido, e continuam a ser, acremente objurgados por este aquilatador inexoravel.»

Má e pessima guerra esta em que se bombardeia atirando nomes; ahi os affectos e paixões, o amor e o odio, o egoismo, a inveja e o medo, perturbam o juizo, e, ou gelam a mão nos copos da espada, ou desfecham os golpes á toa, sobejos para destruição, mas, para victoria, malogrados.

Eu que a poder de cincoenta annos de desatinos aprendi ao menos a moderação, e só por ella valho hoje, se alguma coisa valho, declaro todavia com a mão na consciencia que nem mesmo aqui, nem mesmo contra estas tres auspiciosas esperanças litterarias, o denodo do censor me parece reprehensivel, e muito menos inutil.

Uma de duas: ou cada um d'esses tres mancebos é perfeito, ou não:

Se é perfeito, ninguem tema por elles: são tres aguias que nasceram adultas; que no seu vôo empolgarão os raios; e que até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas derrubar dos pincaros do

loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as não será senão embalal-as em quanto sonham na immensidade, no sol, e na gloria.

Se porém não nasceram com o inaudito privilegio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum d'elles o imagina); se a sua mesma juvenilidade, que mais notaveis os torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se têem, como homens em principio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando,

> (*Multa ferunt anni venientes commoda secum,*
> *multa recedentes adimunt*); . . . . . .

se d'aqui a dez outonos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum d'elles ha-de ser tão milagrosamente ditoso que approve em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto hoje pensa, — que lhes faz a critica senão antecipar-lhes de certo modo a experiencia? conspirar com elles mesmos para a boa fama, que nunca se conquistou sem sacrificios?

O critico de bem, severo até, e embora desabrido, é, ainda que ao criticado o não pareça, o amigo mais proveitoso de quantos pode ter. Vale-lhe elle só á sua parte mais que trinta, e trezentos louvadores. É uma verdade na qual ao tempo não caimos, porém de que chegâmos depois a convencer-nos, e por nós mesmos, se o orgulho nos não cega.

Que pesar que não sente quem estas linhas escreve de não ter encontrado ao encetar a carreira poetica um reprehensor bem austero de seus escritos, embora publico! Quão menos arrependimentos litterarios lhe não gravariam hoje a consciencia!

Deixando de parte, por agora, Braga e Quental, de quem, pelas alturas em que voam, confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo, nem atino para onde vão, nem avento o que será d'elles afinal, por Vieira de Castro digo eu o que o proprio Pinheiro Chagas nunca se lembrou de contestar-lhe: que é um talento verdadeiro, grandioso, exorbitante, e d'um futuro que me parece cubiçavel. A poesia da eloquencia, os arrojos das imagens, os assomos da erudição imprevista, os relampagos de genio, o remontado do estilo, os donaires da linguagem muitas vezes, tudo, e mais que tudo, a franqueza do seu patriotismo, lhe affiança logar conspicuo entre os oradores.

Mas (incorra eu embora na censura de ingrato para com elle) não ha-de elle mesmo d'aqui a dez annos exceder ao que hoje é? Tanto, sem duvida, como o que hoje é deixou já apagadas e esquecidas as suas primeiras manifestações litterarias: *delicta juventutis*. E quando esse aperfeiçoamento, fructo da edade, da experiencia e do estudo, houver operado nelle uma nova metamorfose, que é certa, que é infallivel, que é tão infallivel como a lei do progresso, não será elle mesmo o primeiro a confessar que o seu critico do anno de 1865 foi quem melhor o amou, e pelo amor da arte, que é o idolo de ambos, mais o feriu, e, ferindo-o, mais o ajudou a subir ao carro do triunfo?

Emsumma: que a objecção, depois de bem observada, vem a ajuntar aos outros titulos de Pinheiro Chagas para professor de litteratura moderna, o mais precioso, o mais raro, e um dos mais essenciaes: o denodo da verdade.

Bocage, que tambem o tinha, posto que bastantes vezes se desautorisasse por arrojos da sua indole apaixonada, escreveu num dos seus momentos mais lucidos aquelles

quatro versos que ficaram proverbiaes, e cifram o que de melhor se póde dizer ácerca da critica, da critica mal tomada por muitos como synonimo da satira asquerosa:

> Satiras prestam, satiras se estimam,
> quando nellas calumnia o fel não vérte;
> quando voz de censor, não voz de Zoilo,
> o vicio nota, o merito gradúa.

Adiante, que está ahi para a esquerda uma ladeira escorregadia que vai ter á espelunca dos malfeitores, e eu não sou Santo Antonio que tente o milagre de converter ladrões, incendiarios, e assassinos. A posteridade que os enforque, e o esquecimento que os sepulte.

Demonstrei, cuido eu, a aptidão de Pinheiro Chagas para o officio hoje em dia mais importante e mais indispensavel da nossa republicasinha litteraria.

Poderia agora accrescentar que uma tal nomeação traria implícito naquelle beneficio outro beneficio.

Um governo, em mãos como estas que o estão administrando, tem por dever, e de todos seus deveres o mais aprazivel, o cooperar com a providencia aproveitando para o bem commum as aptidões que ella procria.

O mais florente de todos os estados seria aquelle, sem nenhuma duvida, em que desde os primeiros albores da razão dos individuos a vigilancia publica, muito perspicaz, muito paternal e maternal, andasse de continuo investigando o para que vinha talhado originariamente cada um, o guiasse por esse caminho, e o fosse collocar de sua mão onde Deus lhe marcára a tarefa, e lhe preveníra a luz.

Todos trabalhariam, e todos bem, e todos contentes. Não haveria homens inuteis; e a communidade toda composta, e em todas suas partes servida, de sujeitos relati-

vamente grandes, se tornaria por elles a maior que jámais se viu.

Isto bem poderá deixar de ser utopia para o anno de tres mil, se d'aqui até lá não esquecer, ou por desleixo ou de industria se não evitar, como parece que se evita desbravar e civilisar o povo. Mas isto só cabe por emquanto nos votos dos filantropos e filosofos precursores; nas posses dos governos, de certo não.

Nas más horas seja assim; mas de se não poder desde já effeituar o *desiderandum* todo, de certo que não hão-de concluir ministros de tão alto e provado entendimento, que lhes não corre a gloriosa obrigação de ir collocando do melhor modo os prestimos já claramente manifestados, para que se não esperdicem e desbaratem, forçados da necessidade, em obras inferiores ás suas forças, ou alheias á sua vocação, ou tambem, como tantas vezes succede, se percam na mais esteril e aborrida ociosidade.

Da ociosidade livra-o a Pinheiro Chagas a sua mesma indole operosa, e inda em cima concitada pelo favor publico. Mas quem deixará de deplorar que esta sua operosidade innata, que tão altas e perduraveis coisas nos pudera dar, se malbarate nas lidas efemeras do jornalismo polygrafico?

Que maior inferno para um verdadeiro poeta do que este em que se curtem ao mesmo tempo tantos dos supplicios fabulados no Tartaro dos antigos! é um encher a urna das Danaides, que nunca se enche; é um levar serra acima o rochedo de Sisypho, que sempre róla; é um correr trás si perseguindo-se e fugindo-se na roda de Ixion, que nunca pára; e é um estar como Tantalo ardendo em sêde mergulhado até á cinta na corrente fugidia, e consumido de avidez sem poder lançar a mão aos fructos que negaceiam

impendentes. E tudo isto sem fim, nem intervallo, ou só com brevissimos intervallos, para mais se amargar depois a pena!

Oh que de talentos magnificos nos não tem já devorado, e nos não está devorando, o Minotauro insaciavel que no fundo do seu labyrintho, chamado imprensa periodica, recebe em tributo os mais illustres athenienses!

Representem-se um Pinheiro Chagas passando as noites em claro entre o leito de sua mulher e o berço de seu filho, que ambos dormem, espertando de hora a hora a luz de dentro como a da lampada que lhe suppre o dia, e recebendo do silencio a inspiração para os artigos, que de toda a parte, e á porfia, se lhe pedem: aqui um romance, ali uma noticia, já um juizo litterario, já uma polemica, ora uma scena de lagrimas, ora uma exhortação social, uma narrativa historica, uma facecia, um desenfado, ou um allivio. E tudo isto promiscuamente, necessariamente, fatalmente, porque é o foreiro de vinte prelos, que lhe não dão respiro, porque tambem em roda de cada um d'elles os assignantes não cessam de exigir quotidianamente este almoço appetitoso a que o seu escritor predilecto os avezou.

Não dá a lembrar (perdoem-me, pelo proprio, o nimio baixo da comparação) não dá este fabricante do pão do espirito a lembrar o miseravel fabricante do pão do corpo, que ás horas em que todos dormem, esquecem penas e se refazem para o dia, lida na atafona, na amassadeira, no tender, no fornear, suando sempre, cantando ás vezes, não por alegria senão por arredar o somno e enganar o cançaço, e tudo isto só para que ao romper d'alva os que nem d'elle se doem, nem pensam nelle, encontrem um regalo?

E com parecerem tão semelhantes estes dois vivéres pe-

nosissimos, uma differença ha comtudo entre elles, que torna ainda mais penoso o do escritor.

O seu visinho do andar terreo já nasceu para aquillo: é uma machina com um poucochinho de entendimento só para motor; e machina que em muitas terras já anda vantajosamente substituida pelos engenhos de vapor.

Mas elle, o escritor, o nosso operario, não é assim: está estillando a divina essencia da alma criada a mais altos destinos; está-a desfazendo em perolas scintillantes, mas para dentro d'um sorvedoiro de limbo; e considera-o, e sabe-o, e sente-o! sacrificio que seria incomprehensivel se não estivessem ali para o explicar aquelle berço e aquelle thalamo, se a luz, que ajuda o trabalho, não mostrasse ao mesmo tempo os dois amores santos, a que todo elle se refere.

Faz mais que o pelicano: não põe só o sangue e a vida pelos que a si prefere; prefere-os á propria immortalidade; deixa cantar a sereia que lh'a promettia; deixa-a tecer em vão corôas que lhe destinava; tapa os ouvidos, cerra os olhos, e, preso voluntariamente ao mastro, prosegue heroico a navegação.

A penna em punho de um ministro póde, como varinha de fadas, premiar ao mesmo tempo esta virtude, e restituir ao melhor serviço da patria este engenho, que assim tem sabido mostrar-se grande em coisas minimas.

Fal-o-ha elle? Ha-de fazel-o. De quem foi braço direito de D. Pedro é licito esperar tudo.

Elle sabe tão bem como o proprio Pinheiro Chagas, o qual tão elegantemente nol-o considerou na sua carta preambular d'este volume, que a poesia não é uma curiosidade vã, uma actividade de ociosos, mas um elemento providencial, o contrapeso necessario ao tambem necessario pendor da

parte terrestre e bruta da nossa natureza; e que uma sociedade exhausta de toda a poesia, se a pudera haver, seria um verdadeiro Pandemonio.

Então não só havemos de chegar a ter por escrito, depois de recitado, um rico e formoso curso de litteratura portugueza, mas romances e poemas novos, de que este da *Mocidade* é apenas a alvorada.

De que nasceu, e como se fez, esse poema, que os leitores, quando aqui chegarem, hão-de já ter corrido com delicias, e algumas leitoras decorado?

Este poema brotou espontaneo do seu assumpto; veiu como dos seios da primavera pullulam as flores; rebentou da exuberancia maravilhosa da mocidade.

Como se fez, já não é tão facil explical-o. Mas ouvi o autor:

«Transviado pelos aridos plainos do jornalismo, só por instantes podia vir descançar á sombra das frondosas palmeiras d'este oasis da poesia, oasis tão querido, cuja meiga visão me povôa sempre a mente, e me consola em todas as amarguras, de que é inevitavelmente cortada a vida social e positiva.»

Disse a verdade. Essas paginas só interpoladamente e a furto foram escritas, o que as torna ainda mais admiraveis; foram-n'o muitas vezes por instancias e reprehensões da amizade. Essa gloria, que me elle confere, confessando-o, acceito-a, que me pertence. Foi muitas vezes, foi quasi sempre, entre o fabrico de dois artigos requisitados pela inexoravel e nunca farta imprensa dos diarios e hebdomadarios, que o poeta improvisou, em quanto nós dormiamos, o ramalhete de uma estrofe das mais gentis, pondo-o logo de parte sem saber quando lhe juntaria, nem se jámais lhe juntaria, outro.

Lembraria, a quem o pudesse espreitar, um pobre mercenario noivo, que se levanta a subitas do trabalho para ir abraçar a sua querida, e se restitue á tarefa mais confortado.

Quem teria direito, ou coração, para exigir, depois d'isto, uma perfeição que os maiores engenhos raramente rastreiam, tendo para ella o remanso e a tranquillidade do animo, a escolha das horas e dos sitios, emfim tudo quanto ao nosso poeta fallecia?

A critica hostil (a modestia do autor não n'a ha-de ter esconjurado) breve surdirá ahi com o seu canhenho d'uma ou outra frase porventura menos vernacula, d'uma ou outra superfluidade no descritivo, de um ou outro verso menos acurado: frouxo, duro, tautologico, de uma ou outra rima, ou vulgar, ou menos consonante.

Não fôra ella hostil, mas critica sómente, que nós já de antemão lhe respondiamos:

—«Bem hajas tu que honradamente apontas os defeitos para aperfeiçoamento da obra e do obreiro, para progresso e lustre da arte, para carta de guia a principiantes e inexpertos; bem hajas; mas cautela com as consequencias que d'ahi pretendesses deduzir.

«Se contra o poema queres argumentar á moda botequinesca (triste moda que já vem de longe!) porque enxergaste nelle manchas que a forçada rapidez do trabalho não consentiu ao autor corrigir, posto lhe não prohibisse o conhecel-as, porque não trocas agora a candeia de uma para outra mão, e não pregoas a vozes muito mais honradamente que, a despeito d'essa rapidez forçada, a obra superabunda em bellezas e excellencias que não parecem senão fructo da mais detida e séria applicação?

«Lembra-te de que Bocage, o rei dos versificadores por-

tuguezes, deixou escapar nos seus feiticeiros *Poemas botanicos*, e conhecendo-o de certo, um verso, peior que desprimoroso, mau; peior que mau, pessimo, se o quizeres:

A azul ferrete, a encarnada, a branca.

«Saltou-lhe de lá José Agostinho de Macedo, á moda tambem botequinesca, pregoando *urbi et orbi* o descuido como documento irrefragavel de impericia.

«E que lhe havia de responder Bocage? Fulminou-o com aquelle verso memorando, com que todavia parece não escarmentaram ainda os maldizentes:

Citas um verso mau, mil bons não citas.»

Insistamos neste ponto, que é de muito vasta e muito util applicação.

Onde ha ahi, onde houve jámais, ou como poderia jámais haver, um poema perfeito por igual em todas suas partes? Se conhecem essa fenix, que nol-a mostrem, e de bom grado lhe queimaremos em pira, para que renasça, quantas obras até hoje se têem escrito.

Mas para que havemos de fallar nós, onde ha perto de dois mil annos a razão está prégando a todo o mundo por bocca de Horacio? E note-se bem que este Horacio é o mesmo que pede para cada obra o estudo copioso, a larga meditação prévia, o confronto diuturno do peso do assumpto com as forças de quem se ha-de tomar com elle, a consultação dos peritos, nove annos pelo menos entre o escrever e o publicar, e dez reemendas!

Com tudo isto admirae agora a discreta, a honrada, indulgencia do satirico:

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus:
nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens,
poscentique gravem persæpe remittit acutum;
nec semper feriet, quodcumque minabitur, arcus.
Verum, ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
offendar maculis, quas aut incuria fudit,
aut humana parum cavit natura. Quid ergo est?
Ut scriptor si peccat idem librarius usque,
quamvis est monitus, venia caret; et citharœdus
ridetur, chorda qui semper oberrat eadem;
sic mihi, qui multum cessat, fit Chærilus ille,
quem bis terve bonum cum risu miror; et idem
indignor, quandoque bonus dormitat Homerus.
Verum opere in longo fas est obrepere somnum.

Ai! que citei latim a critiqueiros da miuçalha que nem se importam com Horacio, nem mesmo estarão muito certos de que o houve!

Acuda-lhes por lingua o meu compadre Seabra (lição é que não desconvem ser repetida):

Mas faltas ha que desculpar devemos;
nem sempre a corda vibra o som que anhela
a mente e a mão; ás vezes pede o grave,
e o agudo resôa; muitas vezes
desvaira a seta do alvo que ameaça.
Quando as bellezas num poema avultam,
jámais me enojarão maculas poucas,
filhas d'incuria, ou que evitar não soube
a humana condição. E isso que importa?
Se o copista avisado não se emenda,
é digno de censura; o cytharista,
que sempre se equivoca, e desafina
no mesmo tom, ridiculo se torna:
o vate, que desvaira de contino,
é, a meu ver, o Chérilo, que rindo
em dois passos ou tres admiro apenas,

em quanto sinto que dormite Homero:
mas não é de estranhar que num poema
de longo folgo nos apanhe o somno.

Liquidemos: havendo tempo e modo, não ha sacrificio que um autor não deva fazer para attingir a perfeição. Se porém causas imperiosas lhe vedaram o cumprimento d'esse dever, e o escrito não poude deixar de saír a lume, então o critico de bem, o critico horaciano, dá facil perdão ás venialidades que vem descontadas por virtudes reaes, esplendidas, e numerosas. Estas é que são do autor e o representam. A imputação d'aquellas pertence toda ás circunstancias.

E depois, um seareiro abastado póde perder sem pena algumas espigas que na aceifa ou no carrear para o celleiro lhe ficaram atraz. Que seria dos pobresinhos e dos pardaes, que nem uns nem outros têem lavoira sua, se aquelle ricaço lhes não deixasse algum rabusco? Zoilo foi o pardal que viveu de Homero; Bavio e Mevio, os pobresinhos que se finariam de pura mingua se não fôra Virgilio.

Não era a *Eneida* um poema acabado e já correcto como a *Georgica*, á hora da morte do autor. Havia na *Eneida* versos até incompletos; ordenava por isso o escrupuloso poeta que lh'a atirassem ás chammas, e lh'a não deixassem sobreviver. E que fez o sabio Augusto? a despeito da sagrada autoridade dos testamentos, ordenou positivamente que se respeitasse o fructo de tantas noites e dias; que não perecesse Troya abrasada segunda vez; que se guardasse a *Eneida* para o mundo e para a posteridade.

Ovidio, não ao expirar, mas ao partir-se para o desterro, que não era menos agro trance, a ninguem recommen-

dava a queima das *Metamorfoses;* queimava elle proprio esses papyros opulentos:

Ipse mea posui mæstus in igne manu.

Foi dita o haver copias sem elle o cuidar; salvou-se o monumento,

. . . . . quod nec Jovis ira, nec ignes,
nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas.

Ora que dizia o sobrevivente a si mesmo, relatando isto lá das frias terras do exilio?:

Ablatum mediis opus est incudibus illud;
defuit et scriptis ultima lima meis.
. . . . . .
. . . . . .
Quicquid in his igitur vitii rude carmen habebit,
emendaturus, si licuisset, eram.

Havia pois em ambas aquellas obras primas, *Eneida* e *Metamorfoses*, senões reconhecidos de seus autores. Mas que valiam para menção esses senões afogados na espessura das excellencias?

Aqui está epilogada a resposta aos esmerilhadores impertinentes de um ou outro descuido do nosso autor em meros pontinhos accidentaes da fórma.

Por ter seus transvios a mocidade, não deixa de ser uma das mais afortunadas e invejaveis coisas d'este mundo. Outrotanto póde dizer por si em voz bem alta o *Poema da Mocidade.*

Pequem muito embora sete vezes mais que Pinheiro Chagas os detractores do seu escrito; mas dêem-nos outro

que em merecimento se lhe avantaje, se lhe equipare, ou se lhe aproxime sequer.

Hæc mala sunt; sed tu non meliora facis.

Já que estou em maré de latim, vá lá mais este, que é dos triviaes e comesinhos: *Difficilem rem postulasti.*

São em geral, e na quasi totalidade do poema, tão bons e excellentes os versos, as rimas, o estilo, e a linguagem, até para os ouvidos mais pechosos, que não é mister a esta poesia, para ser reconhecida, o condecorar-se com iniciaes maiusculas, as lettras gordas da versificação, os crachás typograficos com que se arreiam, para irem fazer figura nas procissões do Parnaso, d'envolta com os metros fidalgos de presença e obras, as regrinhas d'aquem, d'alem do metro, como lhes chamava Elmano, bom juiz da confraria.

Tambem nesta materia, com que aliás se nos podia aqui desopilar o baço, não quero insistir agora. Escreva cada qual segundo o seu gosto, que, se o fizer bem, nem por isso lhe hão-de roubar o seu preço as absurdas maiusculas iniciaes; se mal, não n'o salvarão, nem as iniciaes maiusculas, nem um esquadrão massiço d'ellas em cada pagina.

O restante a este proposito fique-se para outra vez.

Para demonstrar em poucas linhas o como Pinheiro Chagas sabe fundir e lustrar versos de oiro quando o assumpto lh'o merece, e lhe não mingúa o vagar, basta e sobra reler, por exemplo, a sua dedicatoria do *Anjo do Lar.*

Não passa de vinte versos, mas que valem um poema: respiram não sei que venustade e graça catulliana, porém

com tanta melhoria, se é licito dizel-o, quanto a inspiradora do moderno excede á Lesbia do antigo:

Á noite, nos salões da esplendida cidade,
tudo é gala, prazer, delirios, e fulgor!
E emtanto, sobre mim, serena claridade
derrama o teu olhar, pomba do meu amor.

Sentado junto a ti, contemplo a tua frente,
teu cabello, que doira o suave clarão
da lampada nocturna, e sinto vagamente
poisar na minha fronte a casta inspiração!

Vem bater na vidraça a lua curiosa,
que illumina lá fóra o placido jardim!
Mensageira do ceo, vem ver-te, flor mimosa,
rosa do ceo tambem, florindo junto a mim.

Ás vezes vens ligeira, aérea, como um sonho,
nos meus labios poisar um beijo inspirador!
E eu, vendo junto ao meu teu rosto tão risonho,
sinto viçarem n'alma os canticos em flor.

Brotou este poema á luz da tua imagem!
Acceita-o pois, e dize, ao ler esta canção:
— «Foi elle a harpa eólia, eu a nocturna aragem!
«Elle foi o cantor! eu fui a inspiração!»

Se houvessemos de aproximar alguma coisa a este donoso trechosinho classico, não seria senão aquell'outra dedicatoria do primeiro dos dois poemas sob o titulo de *Invocação á mocidade*, dedicatoria ao mesmo sympathico objecto. Mas para que servia recopial-a eu da memoria para aqui, se cada leitor já tambem a decorou!

Demos agora parabens á nossa litteratura de haverem afinal triunfado os alexandrinos, ou hexametros modernos, os versos ao mesmo tempo mais liricos e mais heroicos de que é susceptivel a nossa lingua. Eu bem sabia que assim havia de acontecer; por isso teimei.

Deixem-me applaudir-me a mim proprio da minha constancia, a despeito de não sei que lamurias que ouvi se fizeram em nome do patriotismo contra este metro, só por ser usado dos francezes! Grave pecha na verdade! Esqueceu condemnar, com igual fundamento, as dez mil outras coisas bonissimas que da França nos têem vindo.

O que os alexandrinos valem, o quanto e quão bem se radicaram em pouco tempo, o quanto promettem e já estão dando á nossa poesia, não se vê só nas paginas de Pinheiro Chagas: viu-se em Lobato Pires; vê-se em Mendes Leal, vê-se em Thomaz Ribeiro, vê-se em Monteiro Teixeira, vê-se em Julio de Castilho, vê-se em Anthero do Quental, vê-se em Theophilo Braga, vê-se em Pereira da Cunha, vê-se em Sousa Monteiro Junior, vê-se em Pinto Ribeiro, vê-se em Pinto de Almeida, em Guilherme Braga, em Xavier da Cunha, em Oliveira Vaz, em Eduardo Coelho, em Almeida Cunha, em Bruno Seabra, em vinte outros bellos talentos de Portugal e do Brazil.

Vivam todos esses intrepidos *jacobinos* da litteratura.

Não sei se são, ou não são, por isso inimigos da patria; sei que a servem galhardamente.

Mas, tornemo-nos para o *Poema da Mocidade*, e observemos, ainda em abono dos taes versos *desnacionaes*, que ha nos *malditos*, quando se chegam a domesticar (o que não é logo nas primeiras tentativas) um não sei que particular condão que levanta o espirito do poeta acima do seu nivel ordinario. O como, não o explicarei eu, que o

não alcanço; mas que o ha, isso ha de certo; e, quando não, repare-se bem quaes são os trechos d'esta obra em que não só apparece mais poesia, senão que ha menos incorrecções de fórma: são innegavelmente os compostos em alexandrinos.

—«Pois o poema atreve-se a chamar-se *Poema*, e não tem unidade de metrificação?!»—

Atreveu-se, é verdade, e atreveu-se ainda a mais (vejam até onde tem chegado a anarchia!) atreveu-se a variar, além dos metros, a contextura das estrofes!

Porém examinemos um poucochinho este ponto, se dão licença. Se não tivermos razão, não nol-a dêem.

Confessâmos que todos os versos da *Iliada*, da *Odyssea* e da *Guerra das rãs e ratos*, foram vasados por uma só e mesmissima fôrma; que Virgilio nas suas tres grandes obras não empregou senão os hexametros, como Lucrecio no poema *De rerum natura*, Ovidio nas *Metamorfoses*, Manilio no *Astronomicon*, Gracio Falisco no *Cynegeticon*, Horacio na *Arte* e mais *epistolas*, e nas *Satiras*, Juvenal e Persio nas *Satiras*, Stacio na *Thebaida*, *Achilleida* e *Sylvas*, Silio Italico na *Guerra Punica*, Valerio Flacco na *Argonautica*, Lucano na *Pharsalia*, Claudiano no *Rapto de Proserpina*, e na *Gigantomachia*, Calpurnio e Nemesiano nas *Eglogas*, etc. etc. etc. São erudições faceis. Deixemol-as a quem tem horas para perder.

Sabemos e confessâmos tambem que a *Divina Comedia* é toda em tercetos heroicos, o *Orlando*, *a Jerusalem Libertada*, e a *Conquista de Granada*, e a *Secchia Rapita*, e o *Ricciardetto*, e o *Adonis*, e as *Metamorfoses* do Anguillara, e as *Novellas* do Casti, e o *Nariz* do Guadagnoli, e tal e tal e tal, tudo em oitavas; e finalmente, vindo á nossa terra, Camões, a exemplo dos italianos, fez em estancias

os seus *Lusiadas;* Gabriel Pereira, a sua *Ulyssea;* Vasco Mousinho, o seu *Affonso Africano;* Braz Garcia, o seu *Viriato;* Antonio Ferreira, a sua *Santa Comba dos Valles;* Medina, a sua *Zargueida;* o padre Theodoro de Almeida, a sua *Lisboa destruida;* Durão, o seu *Caramuru;* Macedo, o seu *Oriente;* Antonio Joaquim de Carvalho, os seus *Toiros;* Ruas, a sua *Pedreida;* e muitos outros, outras muitas coisas.

Mas que se conclue de toda essa allegação infinita? que não possa haver poesia senão pautada? Havia de custar a provar a consequencia.

O passeio publico do Rocio, talhado pelos moldes da cidade baixa reedificada, foi por muito tempo a norma a que se conformavam os riscadores de jardins e alamedas. Não imaginavam possibilidade de bom gosto para fóra d'aquellas geometrias rectilineas, d'aquellas simetrias inalteraveis. Tambem tinha sido moda franceza, e de antiga data.

Passou porém da Inglaterra para a França o estilo dos jardins á natural.

Eis como Delille, depois de percorrer no seu poema os dos outros paizes, exclama enthusiasmado:

Enfin, je viens à toi, florissante Albion,
au bel art des jardins instruite par Bâcon;
de Pope, de Milton, les chants le secondèrent;
à leurs voix, des vieux parcs les terrasses tombèrent,
le niveau fut brisé, tout fut libre; et tes mains
ont, comme tes cités, affranchi tes jardins.

Era geralmente um progresso liberal, por que era uma franca homenagem á natureza, unica origem, unico protótypo de todo o bello. Universalisou-se. Chegou até nós.

O formoso passeio da Estrella, com as suas curvas fantasiosas, a sua irregularidade apparente, os seus outeirinhos e os seus reconcavos inesperados, aqui florído, acolá silvestre, ora uma estufa, harém de flores estrangeiras, ora um lago, passeio dos cisnes prateados, tornou a todos evidente, pela comparação, o absurdo, semsabor, e monotono da antiga floresta pombalina.

Os jarretas que se vão embora dormitar ás sombras d'ella com um grosso volume todo de oitavas rimas sobre os joelhos, que a dama de gosto delicado, o mancebo amoroso, e o poeta, o poeta sobretudo, preferirão devanear por entre estas amenidades novas, sentar-se num banco fortuito, e ahi reler o *D. Jayme* ou o *Poema da Mocidade*, esses dois modelos da desordem sem confusão, em que o metro, divino Proteu, de continuo se transforma com o assumpto, e é como a hera que segue, revestindo-a, a feição do tronco e das ramarias.

Tudo isto se está mettendo pelos olhos e ouvidos para a alma de quem n'a tem. Parece até que ha luxo pêco em o defender.

Todavia, apesar de já tão claramente exposto na *Conversação Preambular* ao livro de Thomaz Ribeiro, e quando parecia que esse proprio livro haveria perimido e enterrado a questão para todo sempre, achou ella ainda, segundo cá me soou, lettrado officioso e caritativo, não me lembra quem, para a advogar. Como a abusão era velha, não faltaram sectarios que lhe repetissem, e estejam ainda agora repetindo, o arrazoado.

Cifrava-se elle, se bem percebi ou bem me lembra, em dois argumentos: o primeiro era poder um poeta de habilidade, como Camões, encolher ou estender o pensamento, segundo fosse de si longo ou curto, até o ajustar com

a oitava; o segundo, era ter sido edificado um mosteiro, creio que o da Batalha, todo de pedras quadradas!

Vamos lá ao primeiro, já que é necessario responder a isto:

Quem nega que se possa fazer essa habilidade? O que se pergunta é se, depois de feita, ella prestou para alguma coisa.

Pergunta-se mais: se para se fazer se não atormenta muitas vezes o pensamento ora aparando-o, ora cozendo-lhe ensanchas.

Pergunta-se tambem: se a uniformidade de numero, de pausas e de rimas continuada por horas e dias não é um narcotico dos mais valentes.

E pergunta-se finalmente: se a poesia consiste em fazer habilidades como a arte de Hermann, que engarrafava um homem num frasco de meia canada.

O argumento das pedras da Batalha, esse sim que é *solido;* a pena é não ter para o caso a minima applicação.

O edificio ainda poderá parecer-se com um poema; porém uma pedra com uma oitava! Se comparasse as pedras com as lettras ou com as palavras, vá; não era comparação das mais felizes, mas emfim, com boa vontade e fé robusta, talvez se comprehendesse; mas com as estancias!... As estancias d'aquelle poema de marmore não são as pedras; são, sim, as diversas partes já compostas com ellas. Cada columna é uma estrofe; cada abobada, uma; cada altar, uma; uma, o espelho, ou, como hoje diriam, rosaça da frontaria; uma, a vistosissima portada principal; uma, cada ornato; uma, cada fresta illuminada com suas vidraças de finas cores; uma, cada tumulo; uma, e muitas, as capellas imperfeitas; uma até

cada sombra. O poema consta d'estas estrofes, e estas estrofes differem todas entre si, tanto nos feitios e lavores, como na grandeza.

Oh manes do cego Affonso Domingues, como chegaram a commentar o vosso poema!

Acabemos com isto, que é mais que tempo; e a quem não quer ser convencido não ha modo de convencel-o:

O poema todo em oitava rima, ou todo em sextinas, ou todo em quartetos, ou todo em tercetos, ou todo em parelhas, é como parede de azulejos pintados: se o pincel foi habil, debuxou talvez nella uma scena para attrair e deter os olhos: o sacrificio de Abraham, por exemplo; mas aquelles córtes quadrados vem logo destruir a illusão descobrindo o grosseiro artificio: a espada do pae apparece cortada por cinco ou seis partes. O menino Isaac vê-se deveras degolado; uma e outra figura, esquartejadas; é o termo.

Repito, deixemos isto, que elles estão por força gracejando; não póde deixar de ser.

É por tanto este, em meu juizo, um dos merecimentos do nosso livro: veiu ajudar com o exemplo a causa da emancipação poetica, da abolição dos morgados indevidamente retidos ha seculos pela oitava rima, com prejuiso de todas as outras contexturas metricas, offensa da razão, e perda grave para o bom gosto.

E não ha-de ser o derradeiro exemplo e efficaz auxilio. A estas horas está lá em Parada de Gonta, ou em alguma assomada da Serra de Estrella, a sós comsigo, que não é pequena sociedade, o meu Thomaz Ribeiro, a escrever pelo mesmo systema de poeta liberal a continuação da sua *Delfina*. Os dois primeiros cantos já aqui recitados, affiançam que o *D. Jayme* se ha-de rever numa digna ir-

mã. Tenham paciencia os invejosos, e tenham-n'a tambem os saudosos das galés quinhentistas em que os poetas não vogavam senão amarrados ao banco, de grilhão á cinta, e batendo o remo ao compasso despotico de uns comitres arvorados. Resignem-se á liberdade, que não ha outro remedio.

E saibam que ainda não ha-de parar ali aquelle grande revolucionario.

D. Jayme e a *Delfina*, como *poemas-romances* ainda poderiam passar; mas elle já traz concebido *escandalo* maior, e o supremo: ha-de nos dar, desoitavada, uma epopeia, uma verdadeira epopeia; nada menos que a *Restauração de* 1640!

Deixemol-o crescer com os ares das aguias lá na sua serra de Viriato; assim a politica o deixasse tambem!

Valha-nos Deus com opposições sem consciencia! Pois não acabarão de perceber quanto ha de ridiculo no pretenderem em nome da... em nome do... em nome de nada, obrigar o genio a trilhar sempre o caminho de pé posto, por onde foram os primeiros?

Como se havia de prohibir a opção de todas as fórmas poeticas existentes, de todas as fórmas poeticas possiveis, numa edade em que homens dos maiores, até em prosa, escrevem poemas que o senso universal lhes acceita por moeda de toque e peso que póde correr sem embaraço?

Póde regosijar-se o sr. Pelletan.

Não serão os *Martyres*, a *Atala*, *René*, e o *Ultimo dos Abencerages* verdadeiros poemas? Não o serão *Paulo e Virginia*, a *Arcadia*, e quasi tudo quanto escreveu Bernardin de Saint-Pierre? Não o será a *Italia*, da baroneza de Stael? Não o serão o *Numa* e o *Gonçalves de Cordova*, o *Guilherme Tell* e o *Eliezer* e *Nephthali*, a *Estella* e a *Galatea*,

de Florian? o *Capitão Paulo*, de Dumas? o *Leproso* de De Maistre? o *Rafael* e a *Graziella*, de Lamartine? o *Pastor*, de Pelletan, e a sua *Profissão de Fé?* a *Guerra do Nizan*, de Méry? uma boa duzia dos romances historicos de Walter Scott e de Cooper? o *Idilio da rua Plumet* nos *Miseraveis*, de Hugo? muitos capitulos de Michelet, muitissimos de Aimé Martin? E não o tinham já sido incontestavelmente a *Psyche*, de Lafontaine, e o *Telemaco*, de Fenelon? Não o serão finalmente alguns romances de Camillo e de Mendes Leal, a *Abobada* e o *Eurico*, de Herculano, o *Thomaz dos Passarinhos*, de Paganino, tão prematuramente roubado ás patrias lettras, e alguns romancinhos de Julio Machado e do nosso proprio Pinheiro Chagas?

Pois se em todos estes e muitos outros livros nacionaes e estrangeiros a poesia não deixou de o ser por vir despida das galas metricas, e inteiramente livre de peias, porque lhe não permittiriam que, desejando enroupar-se, o fizesse com trages novos bordados de matizes varios, talhados e ageitados á sua figura, antes do que arrastar perpetuamente o balandrau safado que para cima dos hombros lhe atiraram os seus antigos alfaiates, bons para o seu tempo, mas para hoje em dia apupaveis até dos aprendizes?

Magnus ab integro sec'lorum nascitur ordo.

Mas o sol vai declinando; são horas de cuidar no recolher:

Que é, em ultima analyse, o *Poema da Mocidade?*

¿Havemos de qualifical-o com as palavras que ácerca dos seus epigrammas dirigia Marcial ao seu amigo Avito:

Bom, mediocre, e mau na maioria:
eis este livro; e eis toda a livraria?

Não póde ser. Este livro não está no caso dos de Marcial. Se contém mediocre e mau, não só por ser obra humana, mas em razão principalmente do rigor das circunstancias, que, segundo vimos, lhe presidiram ao nascimento, como fadas negras e crueis, a mesma justiça, que tal confessa, obriga a declarar que o bom, que, a despeito d'ellas o veiu prendar e enriquecer, sobreleva incomparavelmente aos desprimores. Em tribunal horaciano ha-de saír absolvido e glorificado.

Tem, sim, como já antecipadamente concedi aos criticos, versos frouxos e versos duros; tem rimas triviaes, e rimas insufficientes; repete com excesso certas palavras, aliás formosas e sympathicas, e certas frases mais applaudiveis se fossem mais raras; apresenta frequentes geminações desintencionaes e ingratas de certas consoantes; nem sempre é illeso de anfibologias grammaticaes e desapuros de linguagem; emfim, e o que é ainda mais para sentir, aqui ou acolá cai em repetições e superabundancias de descritivo, vicio communissimo á gente moça, e de que eu já tambem padeci muito (bom tempo o d'esse e semelhantes vicios!).

L'abus des beautés même enfante la langueur,
c'est la sobrieté qui nourrit la vigueur.

Torne-se a advertir porém em que a obra não fez mais do que saír da fragoa para a bigorna, e não poude passar depois pelo torno e lima. Falleceram-lhe, por falta de tempo, não de vontade nem de pericia, a pomes, a lixa, e o verniz ultimo.

São desares todos esses que uma hora melhor d'outra, e a qual ha-de vir de certo, e brevemente, se o collocarem onde o chama a publica utilidade, fará sem custo desap-

parecer; ao mesmo passo que as formosuras capitaes com que tudo isso em grande parte se redime cá estão já certas e seguras.

No primeiro canto note-se a amenidade d'aquelle estio; escute-se o colloquio dos amantes. Posto que porventura um pouco mais estendido, e um pouco mais figurado do que seria para desejar, e do que Virgilio, cuido eu, o teria feito, não desmente o titulo de *idilio*.

A respeito de um homem como Pinheiro Chagas não vejo perigo em pensar em voz alta; e elle bem sabe quanto eu me interesso na sua gloria pelo aferro que tenho a todas as da nossa terra. Seja-me pois licito ácerca d'este primeiro canto — *o idilio* — expor-lhe aquí, e deixar á decisão do seu grande juizo, uma simples duvida, que nem sombra de censura se atreve a ser.

Como que se me está entrefigurando que a denominação de *idilio* se não accommoda de muito boa mente com as rajadas satiricas, ou, como hoje dizem, *humoristicas*, lançadas contra o nosso tempo, que é o da acção, e não poupando nem o heroe nem a heroina. Se a indole da obra é séria e tragica, se a dama e o namorado nos têem de obrigar a lagrimas por infortunios reaes, *lacrymæ rerum*, preferíra eu que desde o principio os leitores lhes tributassem todo o seu respeito; que o heroe se nos não apresentasse logo como ficticio, que se baptisa em Arthur porque muito bem se quer; assim como tambem, porque muito bem se quer, se chama ao poema *Poema*. É, como quer que seja, invalidar de antemão a propria obra. Como ha-de crer nella deveras quem a ler, se quem a escreveu logo lhe declara que é novella,

per dezir la verdad como hombre honrado?

Eu não ignoro que a poetica hodierna concede até certo ponto mesclar-se o burlesco pelo serio. Fel-o Byron no seu *D. João;* fel-o Espronceda no seu *Diablo mundo;* usou-o Alfredo de Musset, e usa-o entre nós com felicidade não vulgar o Bulhão Pato na *Paquita*; é verdade; e todavia eu por mim, sem ser inimigo de rir, antes preferindo-o ao chorar, mais quizera ter sido d'esta vez privado de tal prazer.

Já não direi outrotanto dos comicos retratos do pae e da mãe de Emma; porque ainda que o ridiculo, mau grado á filosofia, sempre se transmitte um poucochinho de paes a filhos, reconheço que o autor em nos representar assim a ingleza levou provavelmente o fito em declinar para ella uma boa parte da imputação da primeira infidelidade de Emma; já não era pouco ficar-lhe a segunda pertencendo toda.

Tudo isto são bagatellas; o que o não é de certo é a descrição que o poeta no segundo canto nos faz da melancolia da natureza no outono afinada com a tristeza de Arthur:

E as folhas seccas caíam
com leve bulha no chão!
Era o hymno da saudade!
era a voz da solidão!

Tudo aquillo pertence ao genero Millevoye! Tudo aquillo, sem ser imitação, nos recorda *La chûte des feuilles*, uma das mais donosas flores que jámais se despegaram d'um espirito melancolico.

E no terceiro canto, que mestria na pintura do baile! que mestria ainda maior, pela rapidez, na descrição do jardim, jardim paraiso onde aguardava pelos dois amantes a tentadora serpente que os havia de perder!

. . . . . Entre o arvoredo
soltava o rouxinol o hymno da noite.
A' beira do alegrete a flor pendida
escutava-o em extasi; e nas fontes
as naiades chorosas murmuravam
seu cantico plangente á luz da lua.
As candidas roupagens das estatuas
illuminadas co' os reflexos trémulos
do fulgor, que emanava das janellas,
e que ia, borboleta luminosa,
esvoaçar nas ruas, pareciam
fluctuar em mil prégas ondeantes.
Como o perfume d'uma flor celeste,
rescendia o jardim ness'hora magica
indizivel misterio! . . . . . .

E que direi, ou que dirão, no canto quarto sobre a elegia ao volver do maio para o infeliz! Que dirão d'aquelle mosteiro em vesperas de total desamparo!:

Brilha a lua; da egreja e do mosteiro
o vulto cinge com sua branca luz;
no campanario grave, sobranceiro
aos ruidos do mundo, ergue-se a cruz!

E a contraposição da alegria da manhã por terra e ceos com a tristeza funebre do quarto, onde o amante acaba de expirar, Emma jaz insensivel, e o sacerdote velho ora gravemente na penumbra!

Por derradeiro, o como se remata e corôa o poema!:

Não busquemos na orgia o balsamo aos reveses!
Oh! ergamos bem alto o sofrimento, a dor!
Com os olhos no ceo, bebâmos, 'té ás fezes,
teu calice bemdito, ó juventude e amor!

Exclamemos outra vez com o velho Horacio:

... Plura nitent in carmine. Non ego paucis
offendar maculis .....

Quando o Theramene na tragedia de Racine recorda ao virtuoso Hippolyto que seu pae Theseo, com ser tão grande heroe, teve peccadilhos, e assim póde o filho tambem caír sem vergonha numa fraqueza namorada, que lhe responde o modesto mancebo?: «Não fiz ainda façanhas para ter direito de caír como caíu meu pae»:

Aucuns monstres par moi domptés jusqu' aujourd' hui
ne m'ont acquis le droit de faillir comme lui!

Logo, segundo Racine, as proezas bem averiguadas conferem até licença para delinquir.

Não direi eu tanto; mas indulgencia e venia grangeiam-n'a de certo. E portanto o *Poema da Mocidade*, se não é isento de manchas, é cheio de taes esplendores, que mal permittem attentar por ellas.

O poemeto do *Anjo do Lar*, com que o volume se despede, acho que está quasi no mesmo caso: as suas fórmas não são sempre irreprehensiveis, e isso pelas razões já conhecidas; mas a veia lirica rebenta nelle com abundancia.

Não sei, nem me importa, se a mocinha, nada e criada na aldeia, improvisaria assim ao seu ingrato convertido aquella falla de jubilo:

Fugi, sombras phantasticas
da noite do passado;
no ceo purpureado
já vejo o sol fulgir!

sei que são aquelles sessenta e quatro versos uma ode magnifica, assim como que é outro cantico de não menos quilates a explosão de alvoroço com que Henrique, salvo e desenganado do mundo, se restitue de corpo e alma ao torrão campestre onde abríra os olhos:

A andorinha que as ondas do espaço
corta affoita, fugindo do ninho,
não esquece jámais o carinho,
que no aéreo edificio encontrou.

E segue, segue sempre com um mixto de affecto e solemnidade, que dá a lembrar aquell'outro hymno da Judith na despedida da tragedia, hymno que nos assombrou quando o ouvimos divinisado pela Ristori, e segunda vez quando Mendes Leal adornou com elle o idioma patrio.

O *Anjo do Lar* contém uma lição util; é uma parabola sem grandes dispendios de invenção, mas contendo na sua maneira simples uma exhortação a muitos inexpertos que poderiam cegar-se da ambição e renunciar por ella os regalos faceis da aurea mediania.

Por este respeito vale mais para mim o *Anjo do Lar* que o *Poema da Mocidade*, cuja doutrina é de muito mais restricta applicação; e senão, compare-se. A tragedia de Arthur, concluira-a o poeta com o epifonema:

Não busquemos na orgia o balsamo aos revezes!
Oh! ergamos bem alto o sofrimento, a dor!
Com os olhos no ceo, bebamos, 'té ás fezes,
teu calice bemdito, ó juventude e amor!

Mas no romance de Henrique é este o fecho de oiro:

Que importam tristezas, que importa amargura,
se a luz dos teus olhos a vem dissipar?
Ai, doido! não soube que tinha a ventura
no meigo regaço do *Anjo do Lar!*

Além fallara-nos o poeta como que a sonhar; aqui fallanos bem acordado, e vendo junto a si o que nos descreve.

Aqui tem, meu caro sr. Pereira, com demasiada largueza talvez, o que eu tinha para conversar com v. s.ª

Não dei sentenças decretorias sobre o livro; não me competia isso, que estou bem longe de ser o que o meu Pinheiro Chagas fantasiou na sua carta. Expuz e motivei conforme soube as minhas persuasões sobre o autor e a obra, assim como sobre uma ou outra questão litteraria que acertou de me passar a talho de foice. As que eu não deslindasse, alguem as deslindará depois. Sempre é bom deixal-as pelo menos indicadas.

Tanto sobre ellas como sobre o livro só digo uma coisa que me parece muito certa, e em que ainda não caíram todos os que fazem critica: afinal de contas A VERDADE É SEMPRE A VERDADE. Todos os elogiadores conspirados para transformar o falso em verdadeiro, e todos os satiricos empenhando e desbaratando engenho para transformarem o verdadeiro em falso, perdem-lhe egualmente o feitio. O QUE É, É; E O QUE NÃO É, NÃO É. Dar ou tirar existencias reaes, não n'o podem palavras.

Aqui estava eu agora tentado a encetar sobre este gran-

de e simples thema, que é nada menos que do evangelista Chateaubriand, um sermão que não havia de converter a ninguem.

Paro ainda a tempo, e, em logar de prégar no deserto, cá me recolho á cova onde o meu companheiro da *Georgica* me está esperando.

Boa noite para hoje, bons dias para o diante, e fartura cada vez a mais de bons livros para editar.

Até nova occasião.

De v. s.ª

amigo e servo muito obrigado

Lisboa, no retiro da minha mata,
27 de setembro de 1865.

A. F. DE CASTILHO.

P.S. Queira v. s.ª dizer de antemão aos que discordarem das minhas opiniões, e o houverem de dizer pela imprensa, que o Virgilio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia expendi-o; lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer.

A. F. DE CASTILHO.

ERRATAS

PAG.	VERSO	ERROS	EMENDAS
21	4	Como eu bem	Como bem
25	9	Lembrou-se do	Lembrou-lhe o
38	2	onde	em que
46	13	púdica	pudica
59	5	desapareceu	despareceu
71	9	ha sempre	sempre ha
85	22	c'o as roseas faces	c'o as faces pudibundas
»	24	com o seio	o seio
104	9	resplenderia	rebrilharia
105	12	Na	Da
117	14	throno	solio
129	11	Aninham-se	Aninha-se
»	12	asceticas tristezas	ascetica tristeza
164	12	a mil	aos mil
165	16	medida	*medida*

JUL. -2 1934

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 915 3